

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS
LITERÁRIOS

Wyara Monteiro Lima

**POESIA, ALTERIDADE E RESISTÊNCIA NO LIVRO
OS DIAS PARTIDOS,
DE ANTÔNIO WAGNER ROCHA**

MONTES CLAROS/MG
2025

Wyara Monteiro Lima

**POESIA, ALTERIDADE E RESISTÊNCIA NO LIVRO
OS DIAS PARTIDOS,
DE ANTÔNIO WAGNER ROCHA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras /Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira
Linha de Pesquisa: Tradição e Modernidade
Orientação: Prof. Dr. Danilo Barcelos Corrêa



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS
LITERÁRIOS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE **WYARA MONTEIRO LIMA** Às 10h00min do dia 29 (Vinte e Nove) do mês de Agosto de 2025, reuniu-se via Meet, a Banca Examinadora da Dissertação de Mestrado aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários desta Universidade para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **“POESIA, ALTERIDADE E RESISTÊNCIA NOS POEMAS OS DIAS PARTIDOS, DE ANTÔNIO WAGNER ROCHA”**, Área de concentração Estudos Literários, Linha de Pesquisa Tradição e Modernidade.

Prof. Dr. Danilo Barcelos Corrêa (Orientador - Unimontes)

Prof^a. Dr^a. Ilca Vieira de Oliveira (Unimontes)

Prof^a. Dr^a. Marli Froes (IFNMG)

Pelas indicações, o candidato foi considerado aprovada.

O resultado final foi comunicado publicamente a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente lavrou a ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora.

Montes Claros/MG, 29 de agosto de 2025.



Documento assinado digitalmente

DANILO BARCELOS CORREA

Data: 24/11/2025 08:08:20-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Danilo Barcelos Corrêa (Orientador - Unimontes)



Documento assinado digitalmente

ILCA VIEIRA DE OLIVEIRA

Data: 24/10/2025 20:10:42-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Ilca Vieira de Oliveira (Unimontes)



Documento assinado digitalmente

MARLI SILVA FROES

Data: 27/10/2025 15:09:12-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Marli Froes (IFNMG)

Obs.: Este documento não terá validade sem a assinatura e o carimbo da Coordenação.

RESUMO

Alteridade e resistência encontram-se hoje na ordem do dia nas reflexões literárias e demais campos de estudo, pois o olhar sobre o outro e o pensar sobre resistir em tempos sombrios para a liberdade de consciência tornaram-se essenciais para o ser e estar no mundo. Este trabalho objetiva analisar a presença da alteridade e resistência na coletânea de poemas de Antônio Wagner, intitulada *Os dias partidos* (2019). Mediante a revisão bibliográfica e pesquisa analítico-textual concretizou-se este trabalho que se desdobra na descrição biográfica e autoral do referido poeta, na análise dos recursos estéticos/estilísticos, dos elementos fônicos e visuais do poema, da temporalidade e da confluência entre linguagem filosófica e poética que moldaram *Os dias partidos*, para adentrar à discorrência acerca da alteridade e os estudos sobre o resistir, conforme se pôde vislumbrar nos poemas. A pesquisa possibilitou identificar a temática da alteridade nos textos poéticos de Wagner e detectar que se manifesta inspirada em Lévinas, que vê o outro como a centralidade da expressão da linguagem poética e de tudo para que se direcionam as aspirações poéticas. Identificou-se ainda que a resistência em *Os dias partidos* é herança da literatura de testemunho de Paul Celan e de estudos de poetas e escritores do modernismo brasileiro que sustentavam a necessidade de a expressão poética não se calar em tempos sombrios, de apagamento de culturas e de antidemocracias. Este estudo permite inferir que a alteridade e a resistência, apesar de serem frutos de debates, precisam ser trazidas à luz para os estudos poéticos no ensino-aprendizagem de Literatura Brasileira, a fim de que pesquisas surjam para fomentar caminhos que ajudem a minimizar a visão extremista antidemocrática, anticientífica e anticultural que ainda ameaça o Brasil.

Palavras-chave: Resistência; Alteridade; Antônio Wagner; Literatura de testemunho.

ABSTRACT

Otherness and resistance are now on the agenda in literary reflections and other fields of study, as looking at the other and thinking about resisting in dark times for freedom of conscience have become essential for being in the world. This work aims to analyze the presence of alterity and resistance in Antônio Wagner's collection of poems, entitled *The broken days* (2019). Through the bibliographic review and analytical-textual research, this work was carried out, which unfolds in the biographical and authorial description of the aforementioned poet, in the analysis of the aesthetic/stylistic resources, the phonic and visual elements of the poem, the temporality and the confluence between philosophical and poetic language that shaped *The broken days*, to enter the discussion about alterity and studies on resisting, as could be glimpsed in the selected poems. The research made it possible to identify the theme of alterity in Wagner's poetic texts and to detect that it manifests itself inspired by Lévinas, who sees the other as the centrality of the expression of poetic language and of everything to which poetic aspirations are directed. It was also identified that the resistance in *The broken days* is a legacy of Paul Celan's testimony literature and studies of poets and writers of Brazilian modernism who sustained the need for poetic expression not to be silent in dark times, of erasure of cultures and anti-democracies. This study allows us to infer that alterity and resistance, despite being the result of debates, need to be brought to light for poetic studies in the teaching-learning of Brazilian Literature, so that research emerges to foster paths that help minimize the anti-democratic, anti-scientific and anti-cultural extremist vision that still threatens Brazil.

Keywords: Resistance; Otherness; Antônio Wagner; testimony literature.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida e pela saúde, e por me conduzir com lições de sabedoria, humildade, amor, coragem, perseverança, compaixão, resiliência, hoje e sempre.

Ao meu prezado e querido orientador, Prof. Dr. Danilo Barcelos, pela paciência, compreensão e valiosas orientações na elaboração deste trabalho.

À minha família, meu porto seguro, minha base sólida de amor e dedicação: minha Mainha Zizi, conselheira e acolhedora; meu Painho Mercídio, minha inspiração de oratória, saudades eternas; meus filhos: Olívia, Vitor, André e Cristina, parceiros amados e abençoados; meu companheiro Helder, pela compreensão nos momentos de ausência; meus netinhos: Letícia, João Vitor, Maria Flor, Isabela, Julia, Heloísa, Melissa e Francisco, amor imensurável, meu combustível e alegria de viver; minhas noras, Nauê e Luana, pelos compartilhamentos e troca de experiências; meu genro Hugo, minha gratidão pelo apoio e incentivo; meus irmãos, Edney, Mercídio Jr., Elcid, Agamenon; irmãs, Mercilma e Vera Lúcia, que estão ao meu lado, sempre, que torcem, e me apoiam incondicionalmente.

Aos meus amigos e companheiros de caminhada, Alber, Pedro Jardel, Wagner Chaves, que me motivaram, incentivaram, pela força e apoio, às leituras do texto.

Às minhas irmãs de coração, Rose e Rosana Magalhães, fiéis parceiras, sempre a postos para me ajudarem nas minhas múltiplas tarefas.

Aos meus colegas mestrandos das turmas dos anos 2023 e 2024, que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional, por momentos de alegrias, estresse, seminários, colóquios, simpósios, visitas ao museu, pelos cafés, pelo acolhimento e carinho e por alegrarem meu coração e tornarem as tensões da caminhada menos aflitivas.

Aos professores do PPGL/Unimontes: em especial, Andréia, coordenadora do programa, Ilca, Rita, Alba, Ivana, gratidão pelo ensino-aprendizagem e conhecimentos compartilhados e por serem, para mim, referências, incentivadoras da pesquisa literária e promotoras do pensar a importância da Literatura em nossas vidas.

À Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários pela oferta do mestrado e por todas as oportunidades que me proporcionaram. A CAPES, pelas bolsas ofertadas aos acadêmicos que lhes oportunizou a escrita e desenvolvimento das pesquisas no programa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para desenvolver este trabalho e fizeram parte desta caminhada comigo, gratidão por tudo!

Aos meus filhos: Olívia, Vitor, André e Cristina;

Aos meus pais, Mercídio e Zilma;

Ao meu companheiro, Helder Godinho;

Aos meus irmãos e irmãs: Mercilma, Vera Lúcia, Edney, Mercídio Júnior, Elcid e Agamenon.

“O outro é a bondade do bem. É olhar, é palavra. O bem é gratuidade sem finalidades e sem fim”

(Emmanuel Lévinas, 1988).

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- 01 PPGL - Programa de Pós-Graduação em Letras/ Estudos Literários

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 POESIA: O ENCONTRO COM A OBRA.....	16
1.1 Traços biográficos, contexto histórico e trajetória literária do poeta Antônio Wagner	16
1.2 Os recursos estilísticos, elementos fônicos e visuais do fazer poético de Antônio Wagner	18
1.3. Tempo perdido, tempo vivido: o “quando” em <i>Os dias partidos</i> (2019)	22
1.4 Influência heideggeriana em <i>Os dias partidos</i> : linguagem poética e filosófica.....	27
1.5 A hermenêutica como caminho para a compreensão de poemas	36
2 ALTERIDADE.....	42
2.1 Alteridade em Lévinas e como inspirou Antônio Wagner	42
2.2 Alteridade no fazer poético-filosófico de Antônio Wagner em <i>Os dias partidos</i>	43
2.3 Alteridade – poema que encerra a coleção poética <i>Os dias partidos</i>	46
3. RESISTÊNCIA	52
3.1 O tema da resistência na obra de Antônio Wagner.....	52
3.2 Análise da resistência em <i>Os dias partidos</i>	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O POETA ANTÔNIO WAGNER VELOSO ROCHA	74
ANEXOS.....	82

INTRODUÇÃO

O fazer poético de Antônio Wagner Veloso Rocha¹ é um dos exemplos mais puros materializados em livros de escritores norte-mineiros que tematizam a herança heideggeriana, literatura de testemunho e desabafos do eu poético ante o totalitarismo histórico passado e, sobretudo, atual. Hoje, após momentos sombrios que pairaram e pairam sobre a democracia, a ciência e a cultura brasileiras, o caráter testemunhal no fazer poético urge de florescimento e ressurreição. Após a publicação de seus livros: *Lápis lapso* (1998), *Poesia e pós-metafísica em Heidegger* (2011) e *Crepúsculo de arame* (2014), em 2019, foi publicado o livro, objeto de estudo desta pesquisa, isto é, *Os dias partidos*.

Será teórica, metodológica e poeticamente percorrido aqui, primeiro, o título desse poema é metonímico e metafórico. Metonímico porque a leitura dos versos permite entrever a expressão de um poeta que tem consciência de um todo (temporal e da sociedade) que foi destroçado em partes, mas de que cada respectiva parte precisa ser coesa, a fim de voltar ao holístico desse todo. E é metafórico, uma vez que o determinante “partidos” evoca a ambiguidade de um tempo que não se é mais possível resgatar, já que partiu, mas que, ao mesmo tempo, remete à ideia de “fragmentação”, ou seja, a temporalidade abordada nos poemas sofreu rupturas, e a voz poética desabafa acerca disso.

Segundo, vislumbra-se neste livro, *Os dias partidos* (2019), a alteridade, pois a doutrina do olhar sobre o outro, do eu poético e os outros manifesta-se de forma plena e explícita. Por fim, a resistência, uma vez que o sujeito poético expressa, imprime, exprime e entoia sua ação, motivada pelo refletir, que o conduz ao enfrentamento das mazelas que “partiram os dias” e paralisaram as faculdades da liberdade de consciência. Isso é a preliminar de *Os dias partidos* (2019).

Essa obra é composta por 56 poemas, estruturados entre três a dez estrofes em média e, filosoficamente, mescla a vida e a linguagem poética moderna, a qual transita entre o efêmero e o eterno e tem o tempo como matéria-prima para refletir a existência. Nesse livro, há ainda a fusão entre lirismo e crítica, pois seus versos livres e brancos refletem sobre a alteridade e a resistência às injustiças sociais, o que o torna um retrato político e humano do real. Seus poemas, ao mesmo tempo íntimos e coletivos, desafiam o leitor a confrontar o vazio, o

¹ Antônio Wagner Veloso Rocha. Nos livros publicados, antes de 2019, o autor é apresentado e referenciado como Wagner Rocha, mas no poema *Os dias partidos* (2019), é descrito como Antônio Wagner. Diante disso, neste trabalho, a referência a ele é “Antônio Wagner”, tal como está a autoria e ficha catalográfica. Nas citações de suas obras anteriores, em meio a esta pesquisa, referir-se-á a ele como Wagner Rocha, ou Rocha, nas citações (Rocha, ano, página). Segundo o poeta, há outro escritor homônimo dele, isto é, um certo “Wagner Rocha”, razão por que o autor, neste poema, adotou o heterônimo “Antônio Wagner”.

esquecimento e as estruturas que moldam a sociedade, e tais confrontos levam a enxergar nos versos a literatura de testemunho².

A partir da hermenêutica da linguagem que se alicerça em autores como Hans-Georg Gadamer, Martin Heidegger e Emmanuel Lévinas, procura-se compreender nesta pesquisa de que modo a poesia de Antônio Wagner apresenta-se como uma forma de escuta do outro. Nesse contexto, são analisados aqui seus poemas nos aspectos do entrelaçamento entre poesia e vida, linguagem e presença. Isso não se mostrou tarefa simples, porque, mais do que um exercício estético, está-se diante de uma poética que foi construída confluindo a linguagem poética e a linguagem filosófica.

Ao dar voz aos poemas e, simultaneamente, escrevê-los, o poeta afirma uma subjetividade marcada pela escuta, pela fragilidade e pela potência de dizer o indizível. Em entrevista concedida no dia 20 de maio de 2025³, Antônio Wagner rememorou aspectos relevantes que o despertaram para começar os primeiros passos do seu percurso poético. Relembrou sua trajetória até aqui, as leituras de poetas, filósofos, escritores brasileiros e estrangeiros que o influenciaram e foram fundamentais para a escrita das suas obras. É possível compreender os poemas de *Os dias partidos* (2019)⁴, objeto de estudo deste trabalho, e a construção dos seus respectivos versos e tirar deles a linguagem que expressa, desvela e desperta reflexões.

Em consonância a isso, para contextualizar esta pesquisa, convém trazer aqui o que antecede a sua respectiva escrita e colocar os aspectos relevantes da minha trajetória profissional e subjetiva que estimularam esta reflexão sobre o pensamento poético em torno da alteridade e resistência em *Os dias partidos* (2019) e me motivaram a desenvolvê-la.

A proposta primeira desta pesquisa era trabalhar duas obras: *Crepúsculo de arame* (2014) e *Os dias partidos* (2019), conforme estabelecido no projeto inicial de pesquisa, pois a poética de Antônio Wagner (A.W.) perpassa pelo viés da filosofia da alteridade, pela voz crítica da resistência e leva à reflexão não apenas do eu, mas também do social. Isso é exemplificado pelas suas expressões poéticas de angústias, inquietudes com os tempos sóbrios e contextos de violência e opressão. Ante a essas mazelas, a voz poética clama por alteridade e resistência, e tais temas mostraram-se oportunos para construir reflexões embasadas no texto poético.

² Literatura de testemunho é o campo de estudo literário que teve em Paul Celan (1920-1970), nascido romeno, mas de língua alemã, como um de seus principais nomes. Ao longo desse trabalho, é demonstrado que se trata de fazer literário denunciativo e ativista em tempos de regimes totalitários, tempos de ataque às democracias e à liberdade de consciência. Antônio Wagner é adepto dessa literatura (cf. Entrevista concedida, Apêndice A).

³ A entrevista citada, a qual foi concedida por Antônio Wagner, o poeta cujas obras são analisadas nesta pesquisa, encontra-se nos anexos ao final desta dissertação.

⁴ Os poemas deste livro estão compilados ao final desta dissertação para consulta.

Conforme acordado posteriormente com o professor orientador, houve um entendimento de que, dado ao volume de uma pesquisa em dois livros de poesia de um autor pouco conhecido nos espaços acadêmicos, melhor seria que o trabalho tivesse como objeto de estudo apenas uma obra de Antônio Wagner, devido ao tempo cronológico do mestrado em Letras/Estudos Literários limitar-se a vinte e quatro meses, mas a abordagem ampla e complexa de várias obras poéticas não demandaria apenas esse tempo. Diante disso, a obra escolhida foi *Os dias partidos* (2019), que atendia à análise da alteridade e da resistência nas suas poesias, nas quais foi possível vislumbrar os elementos e fatores que trazem tais temáticas à reflexão.

Por assim ser, o objetivo desta pesquisa é analisar a obra poética de Antônio Wagner, *Os dias partidos* (2019), no intuito de compreender os aspectos que contemplam a alteridade e resistência presentes nos poemas dessa obra. Especificamente, objetiva-se aqui descrever os aspectos autorais, recursos estéticos/estilísticos, elementos fônicos e visuais do poema, bem como temporalidade e confluência da linguagem filosófica e poética como fomentadores de discussão sobre a referida obra, e a alteridade em poemas da obra a fim de tecer reflexões e selecionar os principais poemas que trouxeram o tema da resistência para discorrer sobre tal tema em meio à análise poética.

Em relação à problemática que suscitou esta pesquisa, tenciona-se aqui averiguar o seguinte questionamento: de fato é possível constatar alteridade e resistência na obra *Os dias partidos* e quais elementos na análise poética permitem evidenciar a presença de tais temas na obra?

Quanto aos temas da alteridade e resistência trazidos aqui à reflexão, apresentam-se como bases sólidas para resistir à desumanização e buscar formas de coexistência que respeitem a singularidade de cada ser humano, assim como levar a aprender a comunicar com/em um mundo globalizado. Diante dessa realidade, fazem-se necessárias tais reflexões e compartilhamentos de experiências e conhecimentos, e a poesia é capaz de criar tais inferências e interações.

A experiência no magistério tem me possibilitado, enquanto regente de aulas e pesquisadora, a enxergar um processo célere de mudanças negativas na sociedade, sobretudo nos últimos dez anos, como a adoção e a propagação de ideologias anticultura, anticiência e antivida. Frente a isso, faz-se necessário lançar mão do poder da poesia para reafirmar o reconhecimento e o respeito à singularidade do outro e desenvolver pesquisas e estudos que fomentem tomadas de decisões e políticas públicas que minimizem e erradiquem toda forma de silenciamento, toda destruição de culturas e todo apagamento da liberdade de consciência.

O fazer poético de Antônio Wagner está diretamente arraigado na filosofia heideggeriana e de outros filósofos e poetas, sem os quais o referencial teórico desse trabalho não encontraria suporte para dialogar com os versos que são analisados aqui.

No percurso metodológico desta pesquisa, a primeira sessão que se ocupa com aspectos biográficos e autorais, com recursos estéticos/estilísticos, elementos fônicos e visuais do poema, confluência linguagem literária / filosofia, tempo e hermenêutica foram trazidos, dentre outros autores, Leda Miranda Hühne, que, em seu livro *O poetar pensante* (1994), diz que a poesia não segue o caminho estritamente racional nem irracional de leitura do mundo, mas se exprime na linguagem poética da razão. Para comentários sobre o livro *Os dias partidos* (2019) e aspectos autorais de Antônio Wagner, nesta seção, é de grande valor o prefácio de Fernanda Bernardo (2019) à referida obra.

Nessa referida seção, para auxiliar na análise dos recursos estéticos/ estilísticos, dos elementos fônicos e visuais do livro *Os dias partidos* e para a crítica literária, embasa-se aqui em dois autores principais. O primeiro deles, Antonio Candido, em seu curso ministrado, em 1964, na Universidade de São Paulo, publicado posteriormente sob o título de *Estudo analítico do poema* (2006). Nessa obra, o autor destaca que “[...] todo poema é basicamente uma estrutura sonora” (Candido, 2006, p. 37). Afirmação que não apenas posiciona a sonoridade como um dos elementos constitutivos do fazer poético, mas também como um princípio de organização da linguagem literária, dotado de valores expressivos próprios.

Em segundo, vêm as contribuições de Maurice Grammont e Roman Ingarden⁵ que diz que a sonoridade, ou “substrato fônico”, conforme a terminologia de Ingarden, constitui uma camada autônoma e estruturante do texto poético, capaz de suscitar efeitos sensoriais e emocionais, antes mesmo da decodificação racional do conteúdo.

Grammont (1948) também reconhece a íntima conexão entre som e sentimento, o que faz com que Candido (2006) pense cada poema como um texto que exala uma "individualidade sonora", expressão singular de sua musicalidade interna, em que os fonemas funcionam como unidades portadoras de valor afetivo. Assim, o presente estudo visa investigar, também, de que modo a sonoridade opera na composição poética, não apenas como ornamento ou recurso estilístico, mas como parte orgânica da construção de sentido da poesia de Antônio Wagner.

Nessa referida seção, destaca-se ainda Ezra Pound em seu *Abc da literatura* (2013), no qual pretende responder à necessidade de uma explicação mais completa e mais simples do

⁵ Roman Ingarden: filósofo e teórico literário polonês; considerado o fundador da estética fenomenológica. Sua obra *A Obra de Arte Literária* (1965), teve ampla influência na teoria literária, bem como na estética filosófica, e foi crucial para o desenvolvimento da Nova Crítica e da Teoria da Resposta do Leitor.

método delineado em seu livro *How to read* (1931). O autor espera seguir a tradição de Gaston Paris e S. Reinach, isto é, ele se afasta, para evitar interferências pessoais, elabora um manual, que possa ser lido tanto com prazer, como com proveito, pelos que não estão mais na escola; pelos que nunca frequentaram uma escola; ou pelos que, em seus dias de colégio, sofreram aquelas coisas que a maior parte da geração dele sofreu.

Pound (2013) orienta a pesquisa para análises literárias, como nas ciências naturais, e afirma que “[...] o método adequado para o estudo da poesia e da literatura é o método dos biólogos contemporâneos, a saber, observando, experimentando, comprovando direto da matéria e contínua comparação de uma 'lâmina' ou espécime com outra” (Pound, 2013, p. 23).

No tópico dessa primeira seção, que discorre sobre a temporalidade do poema, sobre a influência heideggeriana, confluência linguagem poética e linguagem filosófica, são trazidos, dentre outros autores, Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*: parte 1 (2003), *Ser e Tempo*: parte II (2005) e *A Caminho da linguagem* (2003) em que aborda a filosofia e a poética do ser. Destaca-se que Heidegger é amplamente citado nesta reflexão, porque os poemas permitem visualizar a filosofia heideggeriana em Antônio Wagner, o qual defendeu sua tese de doutorado e desenvolve pesquisas no departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros acerca desse pensamento filosófico em meio à literatura.

Soma-se a esses autores, aqui ainda, a obra *Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger* (2005), de Marco Aurélio Werle, que investiga com rigor o significado da noção de poesia para a obra de Heidegger, as relações entre Heidegger e Hölderlin, entre a filosofia do ser e a poesia. Outro autor importante é Benedito Nunes (1999), especificamente seu livro *Passagem para o poético* (1999), o qual contribui com os conceitos que unem literatura, psicologia e filosofia e tenta entender a essência humana e sua expressão artística.

Segundo Nunes (1999), é possível se referir, com rigor e liberdade interpretativa, à trajetória do pensamento de Heidegger, que se enquadra de uma tradição e de um diálogo com a própria filosofia e a respeito dela. Esse pensador destaca ainda que ir da poesia à filosofia poderia descrever o movimento de certos homens que são poetas, como o próprio Antônio Machado, Fernando Pessoa, Rainer Maria Rilke, Paul Valéry, Stéphane Mallarmé, na direção da filosofia. O segundo percurso, da filosofia à poesia, descreveria o movimento de outros homens que são filósofos, como Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Gaston Bachelard, Michel Foucault, Paul Ricœur, na direção da poesia ou da literatura.

Ademais, obras como *A Caminho da Linguagem* (2003) e *Ensaio e Conferências* (2002), de Heidegger também são as bases conceituais onde este trabalho norteia teoricamente para entender o que se define neste trabalho como poesia, poeta e poema, visto que o autor

aprofunda suas reflexões acerca do nexos entre o ser e a palavra. Além disso, utiliza-se aqui o pensamento de Cleonice Berardinelli e Olinto Pegoraro, que trataram, respectivamente, da poesia de Fernando Pessoa e da Filosofia de Heidegger, presentes na obra *O poeta pensante* (1994), organizada por Leda Miranda Hühne.

Na segunda seção deste trabalho, em que é tematizada a alteridade, a discussão é norteada sobretudo em Emmanuel Lévinas, na obra *Entre nós: Ensaios sobre alteridade* (2010), e sua interpelação para pensar o encontro com outrem a partir do sensível e da responsabilidade. Ao longo do capítulo, procura-se fazer inferências entre os pensamentos desse autor e as mensagens que os poemas de *Os dias partidos* (2019) que tematizam alteridade procuram transmitir. Todavia outros autores em quem Antônio Wagner inspirou-se para falar em temas “alteritários” e que lutavam contra temas “autoritários” como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar e outros poetas da literatura de testemunho, como Paul Celan, que desenvolveu seu fazer poético em pleno contexto do Holocausto são trazidos no capítulo segundo deste trabalho em meio à análise dos poemas.

A terceira seção deste trabalho ocupa-se com o argumentar sobre o tema da resistência que se pôde vislumbrar em *Os dias partidos* (2019). São dispostos para a reflexão os poemas que mais se julgaram próximos ao tema e que ofereceram oportunidade para se debruçar sobre eles e encontrar elementos de resistência. Nesta seção, para sustentar teoricamente o discorrer sobre resistência são dispostas as ideias de Heidegger sobre esse assunto no contexto poético, as riquíssimas contribuições de Michel Collot (2018) acerca de como o fazer poético induz resiliência e resistir em tempos sombrios, as ideias de Paul Celan, reflexões trazidas daquilo que Carlos Drummond de Andrade traz de resistente em seus poemas e as reflexões de Fernanda Bernardo (2019) sobre os poemas de *Os dias partidos* (2019) que tematizam o resistir.

Optou-se, aqui, por organizar este trabalho em tópicos e subtópicos numéricos. Tal subdivisão é por muitas vezes não recomendada por alguns autores (Marconi e Lakatos, 2022) em dissertações sobre textos literários, sobretudo poéticos, pois tais autores enfatizam que se deve desenvolver capítulos únicos, sem numeração, devido à significação de sequência que tais textos reclamam. Entretanto, opta-se aqui pela subdivisão em tópicos e subtópicos numéricos, dada à complexidade que está envolta em analisar duas temáticas de fato complementares, mas distintas em textos poéticos, uma vez que a tal análise agrega temáticas diversas que uma suposta unicidade de capítulos, sem subdivisões numéricas, só dificultaria o processo de leitura e associação de temas a seus respectivos assuntos.

Houve um anseio por trazer neste trabalho, em meio às reflexões, a maior quantidade possível de poemas para declamação, interação e inferências, mas conforme a extensão e o tema

que cada tópico exige, foi possível apenas inserir a quantidade poética que dizia respeito àquele tópico específico. Há poemas que caberiam na temática abordada em diversos tópicos e, nesses casos, opta-se, aqui, por deixar naquele tópico que lhe é peculiar.

Espera-se que estas reflexões aqui contidas sejam contributivas para o que a linha de pesquisa Tradição e Modernidade, do Programa de Pós-Graduação em Letras/ Estudos Literários (PPGL) preconiza: o desenvolvimento de estudos acerca do fazer literário das produções dos autores mineiros e das demais regiões brasileiras que fomentem pesquisas que possibilitem pensar a alteridade, a resistência e a utilização da arte literária como instrumento de reflexão social.

Este trabalho busca atender a essa proposta do programa, mas como enfatizado na apresentação da metodologia aqui concretizada, já houve estudos literários e no âmbito da filosofia, sobretudo recentes, acerca desses temas da alteridade e resistência intrínsecos ao fazer poético e à ficção literária. Leite (2022) desenvolve em dissertação estudos sobre resistência, Dalcastagné (2008), Zanon (2020) discorre sobre alteridade em Lévinas, Collot (2006) traz reflexões no início deste século com as primeiras impressões sobre o outro. Quadros e Camargo (2020) discorrem sobre resistência nessa perspectiva poético-filosófica, assim como Moraes (2021), Carvalho (2021) e a própria Fernanda Bernardo (2019), que prefaciou *Os dias partidos* (2019).

Esta dissertação está estruturada da seguinte maneira, a saber: esta presente introdução, a primeira parte, em que se discorre sobre os traços biográficos do autor, contexto histórico social em que está inserido; reflexões sobre os recursos estéticos e estilísticos e os elementos fônicos e visuais dos poemas de Antônio Wagner (2019) e alguns poemas desse autor, da coletânea publicada em 2014, sob o nome autoral, Wagner Rocha; a hermenêutica como caminho para compreensão do poema; e; tópico sobre a temporalidade do poema.

A segunda parte, na qual se discorre sobre alteridade; e, o terceiro capítulo, no qual é feita a reflexão sobre a resistência. E, por fim, as considerações finais, onde são elencados o modo como se processou o alcance desta pesquisa, as metas alcançadas, como esta temática pode suscitar novos estudos e onde se destacam os aspectos mais relevantes na análise dos poemas objetos de estudo deste trabalho.

1 POESIA: O ENCONTRO COM A OBRA

Este capítulo traz reflexões sobre os aspectos julgados mais relevantes em torno do primeiro elemento da temática discorrida neste trabalho: o fazer poético. Aqui se tecem descrições bibliográficas, estético-estilísticas e reflexões sobre a alteridade e resistência, com ênfase nas formas que tais temáticas se manifestam na poesia de Antônio Wagner.

Para tanto, este capítulo subdivide-se nos seguintes tópicos: o primeiro, reservado a uma síntese biográfica do autor, suas principais obras e contexto histórico social em que está inserido; no segundo tópico, é discorrido especificamente sobre os mais destacados elementos fônicos, visuais, estéticos e estilísticos do poema objeto de estudo desta pesquisa e alguns poemas da coletânea poética publicada por Antônio Wagner, em 2014; e, no terceiro tópico e quarto tópicos são trazidas à análise as principais contribuições literárias e filosóficas acerca da hermenêutica como caminho para entender o fazer poético.

1.1 Traços biográficos, contexto histórico e trajetória literária do poeta Antônio Wagner

Antônio Wagner Veloso Rocha, nascido em 5 de agosto de 1971, em Coração de Jesus, Norte de Minas Gerais, graduou-se em Filosofia e em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), tornou-se doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestre na mesma área pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É professor pesquisador do Departamento de Filosofia da Unimontes. Desde 2001, ministra aulas no PPGL, cujas temáticas envolvem tópicos especiais em literatura associados aos estudos heideggerianos, à literatura engajada, à poesia de denúncia e de temáticas sociais. Foi diretor do Centro de Ciências Humanas (CCH). Seus livros publicados: *Lápis lapso* (1998), *Crepúsculo de arame* (2014), *Poesia e pós-metafísica em Heidegger* (2011) e *Os dias partidos* (2019). O referido autor possui outras obras poéticas manuscritas não publicadas, inclusive narrativas de contos, segundo expresso por ele em entrevista concedida, em 20 de maio de 2025.

Em 1987, foi fundado, em Montes Claros, o festival de arte contemporânea, denominado “Psiu Poético”. Esse evento apresenta-se como espaço de resistência e de renovação cultural, que ao longo de quatro décadas tem sido um veículo eficaz de divulgação da poesia, e que tem respaldado manifestações literárias não apenas de poetas locais, mas de várias regiões do Brasil e até mesmo de outros países. Somam-se a isso as instalações artísticas como os recitais, mesas-redondas em torno da criação poética, lançamento de livros,

performances e atividades afins também desenvolvidas durante os dias do referido evento que expressam a arte literária em caráter acessível e sociocomunicativo.

Nos anos 1990, Antônio Wagner realizou sua primeira exposição de poemas, no já citado painel de poemas Juca Silva Neto. Publicou o livro de poemas, em 1998, *Lápis lapso* (1998). Em 2002, foi homenageado no Salão Nacional de Poesia Psiu Poético, organizado pelo poeta e escritor Aroldo Pereira, pela relevância da sua criação poética. O nome de Antônio Wagner figura como verbete da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, o maior inventário sobre essa literatura, organizado pelo crítico literário e ensaísta Afrânio Coutinho.

Nesse espaço de manifestações literárias, o poeta e escritor Antônio Wagner é um assíduo participante. Desde 1988 até hoje, participa ativamente, com apresentação de suas poesias e, na edição do ano de 2014 do “Psiu Poético” é que foi lançada uma de suas obras destacadas, o livro *Crepúsculo de arame* (2014), com 103 páginas, dividido em duas seções, com o selo de Orobó Edições.

Na primeira seção, esse livro reúne poemas produzidos pelo autor nos últimos 10 anos, e a segunda seção traz poemas seletos do livro *Lápis Lapso* (1998) e apresenta ainda estudos críticos, a saber: o primeiro, intitulado “Depois da queda”, de autoria do professor Anelito de Oliveira, doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e ex-editor do Suplemento Literário do “Minas Gerais”. O outro texto publicado, “Escritura Dilatada”, que tem como autor o poeta e escritor Alexander Nassau Borges, da Universidade Federal do Espírito Santo.

Assim, o “Psiu Poético” alcançou trinta e sete anos de atividade até a presente data e é considerado, hoje, o mais antigo e maior evento do gênero no país e completou, em 2024, sua 37ª edição. Agora, rumo aos 40 anos desse belo projeto, foi lançado o livro *38 anos rumo aos 40: poetas celebram o Psiu Poético*, de autoria e organização do Grupo de Leitura e Teatro Transa Poética, no qual são destacadas as contribuições de algumas autoras e alguns autores de Montes Claros que são parte da história do “Psiu Poético”, dentre eles, o corjesuense Antônio Wagner e outros poetas acolhidos por essa cidade, de diferentes gerações, estilos e visões.

Somado a esse ativismo poético, Antônio Wagner participou da exposição de 10 poemas no painel permanente de poesia “Juca Silva Neto”, no Centro Cultural de Montes Claros. Seus poemas estabelecem um diálogo com as pessoas e, dentre temas diversos, abordam predominantemente a Filosofia, literatura de engajamento e análise social. Segundo o poeta, sua temática em seus escritos é fruto das suas inquietações e reflexões e sua linguagem é a da subjetividade, do cotidiano, do refletir sobre o mundo, de forma que possibilite um caminho possível de diálogos e interpretações da história, mas transfigurada pela linguagem poética.

Antônio Wagner ressalta ainda que seus escritos são permeados do anseio por se fazer entender, mas mediante uma consciência crítica que busca dizer as coisas com uma linguagem simples (não simplória), já que, segundo ele, para o eu poético, a poesia é uma linguagem outra, uma convocação do poeta aos aspectos existenciais que compõem a condição humana.

Dentre os estudos sobre esse poeta, destaca-se Fernanda Bernardo (2019), que desenvolveu reflexões contributivas sobre a poesia de Antônio Wagner. Nos seus estudos, ela revela o transformador e tocante que permeiam seus poemas, os quais ela associa à figura da chave potente para compreender o lugar da palavra poética na contemporaneidade: um lugar de escuta, de presença, de resistência, e o entendimento desse modo de ser presença humana.

Em sua análise, Bernardo (2019) convida a perceber a pulsação da vida que atravessa os versos de Antônio Wagner e aponta seu tipo de poética que não apenas fala da existência, mas que a encarna e que a faz vibrar também na linguagem. Para essa autora, com o pulsar da vida nas veias, o encontro pessoal com a poesia, a singularidade do pensar poético, o alicerce poético inveterado e com sensibilidade e arte, o poeta Antônio Wagner convoca o leitor para um poético conviver com os dramas históricos do mundo.

Quando analisou os poemas de Antônio Wagner, Bernardo (2019) personifica-os a concederem voz, expressarem por meio da escrita, e, ao mesmo tempo, procederem a escrita do próprio eu-poético, na desolada contemporaneidade e seus desdobramentos na arte de viver, resistir, sobreviver, saudar a vida e, incansavelmente, buscar reconstruir o mundo, torná-lo melhor, fazer justiça, fazer valer a lei, querer superar e ir além.

A percepção dessa autora acerca do poeta Antônio Wagner e seu fazer poesia demonstra que aquilo que ele entende por poema designa o alicerce para erguer, instituir e habitar o mundo. Nesse sentido, o pensamento poético de Antônio Wagner configura-se como um modo singular de ser no mundo, presença que se constrói e se afirma em meio à desolação dos tempos atuais e convoca para um poético conviver com a vida e com os outros, a fim de tornar habitável o mundo pela palavra.

Pode-se entender, portanto, que ler Antônio Wagner é refletir sobre as movências na vida, no mundo e nos aspectos variados de experiências vividas. Quando há inquietação com os rumos que toma a humanidade e isso incomoda, e, à medida que o poeta, nos seus versos, desvela-se, cria e expressa, na simplicidade da sua linguagem poética, a relação com um outro, o que singulariza sua obra.

1.2 Os recursos estilísticos, elementos fônicos e visuais do fazer poético de Antônio Wagner

O fazer poético, como discorrido brevemente neste tópico, embasa teoricamente em textos de Pound (2013). A leitura do poema, à luz desse autor, conduziu a afirmar que a poesia de Antônio Wagner se caracteriza pelo que, em termos de estilo, elementos fônicos e visuais, define-se como uma relação estreita entre som e sentido. Muito antes de qualquer interpretação semântica ou simbólica, o poema de Antônio Wagner apresenta-se ao leitor e ao ouvinte como fenômeno sonoro.

Antônio Wagner, em entrevista concedida no dia 20 de maio de 2025, ressaltou que,

para justificar a sonoridade dos seus poemas, traz Nietzsche como inspiração, que vai dizer que a poesia está mais próxima da música do que a literatura. Ele valoriza a poesia, pela capacidade de expressar emoções, criar experiências sensoriais, vê a poesia como um meio de intensificar a vida, nos conectar com a beleza, com a força da existência, com a dor, com a alegria de forma mais direta. A sonoridade no poema, no verso, é fundamental, importante você sentir o ritmo do poema, a musicalidade, até mesmo, por ela ser sonoridade por excelência (Rocha, 2025).

À luz das ideias expostas acima, entende-se que o som na poesia não é apenas forma, é também força. A sonoridade não apenas molda o poema, mas o carrega, o impulsiona. Poemas de alto teor sonoro, como os de João Cabral de Melo Neto, Augusto dos Anjos, ou mesmo Carlos Drummond de Andrade, que inspiraram Antônio Wagner, mostram que a estrutura rítmica pode se converter em tensão dramática, ironia ou intensidade lírica.

Segundo Pound (2013), a sonoridade é disciplina e não melodia vaga. A poesia moderna busca o som como rigor, que implica escolha lexical, métrica, pausas, cortes. Esse autor, ao enfatizar a melopeia, não propunha um retorno ao lirismo romântico, mas uma atenção à forma radical sonora como construção precisa de sentido. A poesia, antes de ser interpretada, é escutada.

Essa afirmação, que pode parecer elementar, encontra respaldo em tradições críticas e poéticas que veem no som a dimensão originária do fazer poético. Antes de qualquer esforço de tradução simbólica, semântica ou filosófica, o poema se apresenta ao leitor como fenômeno sonoro, como corpo vibrátil de palavras organizadas em ritmo, cadência, entoação.

Pound e Bosi (2015) são dois autores que, embora em contextos distintos, convergem na valorização dessa dimensão sonora da poesia, reconhecendo que é na música das palavras que o sentido começa a nascer. Pound, em seus textos *Abc da Literatura* (2013), apresenta sua concepção tripartida da poesia como melopéia, fanopéia e logopéia. A melopéia é a dimensão sonora do poema, aquela em que as palavras são carregadas musicalmente, como escreve esse autor. Trata-se do trabalho rítmico e melódico que o poeta realiza com a língua e que torna o poema não apenas transmissor de ideias, mas instrumento de ressonância afetiva e imagética.

Para o referido autor, a musicalidade não é mero ornamento. Ao contrário, ela é a primeira via de acesso ao significado. Ele afirma:

A melopéia atua sobre a imaginação do ouvinte ou leitor, mesmo antes que este compreenda racionalmente o sentido das palavras.” A musicalidade poética, cria um clima, uma tonalidade afetiva que predispõe o espírito a receber o poema como experiência. É nesse ponto que a melopéia se torna inseparável do sentido: ela o prepara, o anuncia, o molda. O ritmo, a repetição, as pausas, a acentuação, tudo isso atua sobre o leitor, produzindo efeitos que antecedem e ultrapassam a semântica (Pound, 2013).

No poema abaixo, “Anúncio”, de Antônio Wagner (2019), os versos encaminham o interlocutor ao aguçar dos sentidos mencionados acima e o convidam à experiência com a poesia. Leia-se:

ANÚNCIO

Para Marli Fróes e Aroldo Pereira

Como um sopro engendrado
na sombra
e o sol que nasce
no arado,
5 como a voz mutilada dos homens,
os espelhos desesperados,
as casas nuas,
alcançaremos o alicerce
inveterado
10 da poesia.
(Rocha, 2019, p. 42).

Os versos acima revelam o estilo de dedicatória comum em alguns poemas de *Os dias partidos* e a presença do anúncio, preparação do ouvinte, associação das imagens, sons e do inusitado que declaram a necessidade da busca pela raiz poética em meio a eles. A versificação livre e heterométrica apresentam metapoesia e, a menção de poetas, Marli Fróes e Aroldo Pereira, reforçam o vocativo que o eu poético constrói, que convida à contemplação, ao encontro e à tentativa de alcançar o fazer poético. Nesse viés, entende-se que Antônio Wagner (2019) escreve seus poemas oriundos das suas várias obras e traz reflexões teóricas relevantes que levam a perceber à alteridade, adquirir resistência e voz crítica na linguagem utilizada, o que evidencia sua necessidade de expressar, compreender o sujeito, construir sua identidade a partir dos diálogos, leituras com vários poetas e diferentes estilos.

Os primeiros rabiscos de Antônio Wagner, publicados com nome autoral Wagner Rocha, estão no livro *Lápis lapso* (1998), no qual estão registradas suas primeiras experiências com o mundo, que começam com o processo de construção do seu corpo poético. A disposição dos poemas está em uma ordem “desordenada”, sem títulos, expressam-se com uma realidade

confusa, mas já evidenciam as inquietações do eu poético, que demonstra angústias, agruras e problematiza assim o mundo significativo à sua volta. Ele dedica este “deslivro” (exatamente como está na dedicatória) aos seus pais, Ana e João Antônio Rocha, que com ele atravessam o barulho dos dias. Segundo Aroldo Pereira, criador e coordenador do Salão de Poesia Psiu Poético, *Lápis lapso* (1998) é “[...] uma aranha tecendo o nada”, e aí se encontra um vasto universo e seus enigmas. O lápis é o primeiro objeto intelectual da infância, pois é com ele que se rabiscam as primeiras experiências com o mundo e a representação das coisas existentes e inexistentes também.

Nessa obra, a poesia quer dizer isto: representação do não objeto, corpo de ideias e rascunhos da realidade confusa e desordenada com que se faz a vida cotidiana. Poesia da passagem. Poesia que se apaga sob o sol de uma filosofia desiluminada. Riscos. Palavras que se lançam e que podem ser apagadas como uma borracha apaga o incêndio do lápis. Lapso. Signo da explosiva angústia de uma realidade de erros, enganos, na tentativa de acertar, de fazer uma poesia crítica, capaz de registrar a imensa dor do nosso tempo (Rocha, 1998, p.12).

O poema abaixo compõe sua primeira obra literária, *Lápis lapso* (1998).

E saímos todos
 campeando aquela tarde
 havia livros esquecidos
 no silêncio de seus autores inúteis
 5 cada um beijava o chão
 com os olhos mordendo a vida
 não era uma procissão
 redesenhada no espaço
 nem o enterro dos anjos
 10 eram poetas sem nome
 fazendo um inferno de nuvens
 eram poetas fardados
 mordendo, quem sabe, o ódio
 e todos não viam nada
 15 senão a saga do sol
 rompendo as flores do mal
 cavando a alma dos beletistas
 e todos tinham um sonho:
 um inseto lançando dardos
 20 e todos dormiam acordados
 abrindo os olhos fechando
 para colher imagens
 e todos vinham de um futuro
 onde não há futuro
 25 e todos vinham sem vir
 dentro de um olho
 havia um olho donde Deus
 nos espiava triste
 e todos saímos (todos)
 agonizados com a vida.
 (Rocha, 1998, p. 26, 27).

No poema “E saímos todos campeando” (Rocha, 1998, p. 26) a voz poética afirma: “havia livros esquecidos no silêncio de seus autores inúteis”. O verso, de evidente carga crítica, já indica a recusa de um lirismo beletrista e alienado, substituído por uma experiência partilhada da palavra, próximo àquilo que Collot (2018) identifica como “poética do espaço vivido”. A sobrevivência aqui é coletiva, porque a linguagem poética resgata da inutilidade simbólica uma experiência comum marcada pelo trauma.

Lê-se abaixo outro poema de Antônio Wagner, do livro *Crepúsculo de arame* (2014).

Assombros

A hora é de olhar as libélulas
jorradadas no anseio do dia.
Estas mãos redimidas ante a luz da manhã.
As portas por onde entrei.
5 A história do pensamento ferido.
De esperar o silêncio, à espreita,
uma janela com olhos de estanho,
um cântico que entenece os ossos,
e as suas formas opostas. Árvore arrefecida.
10 Nada além do nome que violenta
a pele das coisas, a espessura dos entes partidos.
(Rocha, 2014, p. 31).

Nos poemas “E saímos todos campeando.” (Rocha, 1998, p. 26) e “Assombros” (Rocha, 2014, p. 31) há traços reunidos de denúncia, fragmentação, memória e transcendência negativa. O poeta faz do poema um campo de disputa simbólica, onde a linguagem não apenas expressa a ruína, mas se ergue como gesto ético diante da catástrofe da existência.

É perceptível que nos versos acima, várias imagens próprias das reflexões existenciais fazem-se presentes: as libélulas cujas metáforas podem ser associadas à contemplação da efemeridade da vida e das coisas (versos 1, 2 e 3), a significação conotativa da porta e da janela, não mais como espaços de acesso a outros espaços, mas registros de andanças e histórias construídas. Tudo remonta a um passado que não se tenta resgatar e reconstruir, mas que a motivação maior da voz poética é manter-se resiliente frente a esses seres e coisas e fatos.

1.3. Tempo perdido, tempo vivido: o “quando” em *Os dias partidos* (2019)

Para falar do tempo em Antônio Wagner (2019), pensar somente no tempo cronológico parece ínfimo diante da amplidão temporal que esse poema traz. Pode-se ser tentado a pensar que o tempo histórico do contexto dos versos são os turbulentos dois primeiros anos do antidemocrático governo bolsonarista no Brasil (2018-2022) e não se incorre em erro tal análise,

no que tange ao aspecto situacional do referido contexto histórico. Mas o tempo de *Os dias partidos* (2019) requer reflexão acurada.

A espacialidade enquadra-se em uma condição similar. Os ambientes onde são encenados os poemas são diversos, configuram-se em espaços claustrofóbicos (poema: “O direito à luz”), espaços do ativismo de rua (poema “Cidade nula”), paisagens urbanas e rurais, ambientes psicológicos (poema “Teu rosto”) e recortes paisagísticos naturais e construídos mentalmente (poema “Paisagens”). Predominam-se no poema as paisagens mentais. Sobre esse aspecto, Collot (2013) enfatiza que, na poética da paisagem, tais espaços são, antes de tudo, construções mentais, cenas móveis de luz e sombra e não meramente aquilo que só a visão contempla.

A poesia de Antônio Wagner é marcada por uma relação dilacerada com o tempo, que aparece ora como escombros, ora como promessa e ora como matéria ainda em suspensão. A imagem do “partido”, presente já no título da obra, sugere não apenas a ideia de uma ruptura, mas também de algo que está em curso, dividido entre um antes e um depois que não se resolvem em síntese. Essa fratura temporal, que é também existencial e histórica, constitui o eixo de articulação de muitos dos poemas do livro e instaura uma poética que busca resistir ao apagamento e à repetição deste, conforme se lê, abaixo, nos versos do poema “Caminho Antigo”.

CAMINHO ANTIGO

Estamos a caminhar em meio às sombras.
 O tempo foge entre ignotas paisagens.
 Somos o grito que prefigurou o fogo e o Nada.
 Somos o pensamento que se apagou
 5 no lastro de uma precária história.
 O mundo não está onde sofremos.
 Na imanência buscamos
 Deus e na imanência O encontramos.
 Somos a chama e a fadiga.
 10 Na aurora nos exilamos.
 Morremos a cada hora,
 mesmo que haja vida movendo o sonho.
 Estamos a caminhar e a lua é velha.
 A noite deitada em nós.
 15 No chão lutamos.
 Dos nossos rostos fogem o mundo e a memória.
 Dilacerados o amor e o poema,
 o amanhã nada dirá da nossa estranha fome.
 O que existe, a política e o medo,
 20 a dor dos homens no esculpir dos dias,
 a linguagem da morte
 no canto insólito
 das aldeias pobres.
 (Rocha, 2019, p. 68).

Nos versos acima, a voz poética articula o tempo com a memória, a política, a imanência e o esvaziamento da linguagem. Neles, ela inscreve-se na tessitura geral do núcleo condensador das tensões temporais que atravessam praticamente todos os poemas em *Os dias partidos* (2019). O título desse poema acima já evoca um tempo pretérito, uma origem que, ao mesmo tempo que funda o caminho, parece carregada de exílio e dor. Não é um tempo idílico, mas um tempo de sombras, de fadiga, onde a própria linguagem é suspeita, e o futuro, vazio. Sombras e fugas: o tempo como deslizamento: “Estamos a caminhar em meio às sombras. / O tempo foge entre ignotas paisagens” (Rocha, 2019, p.68).

Logo, nesses dois primeiros versos, a noção de tempo impõe-se como fuga. O caminhar em “meio às sombras” indica um percurso em que a luz (metáfora do saber, da razão, da clareza) já não orienta. O tempo não se oferece como chão, mas como abismo, pois ele escapa entre “ignotas paisagens”, isto é, por territórios não nomeados, desconhecidos, não assimilados. A imagem reforça a ideia de um tempo não redimido, irredutível à lógica da história ou da redenção messiânica. Há aqui uma ressonância com a concepção de Walter Benjamin, que via história não como linha reta, mas como constelação de ruínas, lampejos fugidios no meio do entulho dos dias.

O verbo “foge” também intensifica essa ideia de tempo como algo indomável, resistente à captura conceitual, como já antecipava Borges: “*O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrasta, mas eu sou o rio*” (Borges, “*Nueva refutacion del tiepo*”, 1952). Assim como em Borges, o tempo no poema de Antônio Wagner não é exterior ao sujeito: ele constitui a própria experiência existencial, mas essa experiência é feita de deslizamentos e apagamentos.

Como evidenciam os versos 3 e 4, a seguir, o grito, o fogo, e o Nada prenunciam o tempo como pré-catástrofe. É perceptível que o Nada (com “n” maiúsculo) permite enxergar a personificação da não existência.

“Somos o grito que prefigurou o fogo e o Nada. / Somos o pensamento que se apagou no lastro de uma precária história” (Rocha, 2019, p.68). Nestes versos, há uma condensação poderosa de temporalidades: o passado remoto e o presente convergem no corpo que grita e que é também antecipação da destruição. “O grito” é aquilo que precede o fogo- uma espécie de tempo anterior ao tempo da explosão ao cataclismo. Somos, diz o poema, esse instante de suspensão antes da ruína. Tal imagem remete à tradição trágica da poesia moderna, que vê no sujeito não uma unidade, mas um ser em constante colapso.

O grito é a prefiguração do Nada – e o Nada aqui não é uma abstração, mas uma experiência concreta da perda de sentido, da história esvaziada. O segundo verso reforça essa

leitura: o pensamento “apagado” remete à falência do *logos*, à impossibilidade de compreender a própria história, que é descrita como precária- isto é, instável, fragmentária, inconclusa. A palavra “lastro” sugere o rastro de uma embarcação: um caminho que foi percorrido, mas cujos contornos já se apagaram. O tempo, assim, é um vestígio.

Identificam-se nos versos 6, 7 e 8 do poema a reflexão sobre imanência, presença ou ausência divina, assim como a localização do ser em meio ao espaço do existir. Lê-se: “O mundo não está onde sofremos Na imanência buscamos Deus e na imanência o encontramos” (Rocha, 2019, p.68).

Esse trecho articula de modo tenso as categorias filosóficas de imanência e transcendência. O mundo, diz o poema, está deslocado da dor humana: ele “não está onde sofremos”. A cisão entre o espaço da experiência e o espaço da realidade gera um sentimento de exílio, de deslocamento ontológico. No entanto, é na imanência, isto é, no plano da experiência sensível, terrena, que se busca e se encontra Deus. Esse achado é paradoxal: Deus não é encontrado em um além, mas no aqui. O divino não salva do tempo, mas se deixa entrever na ruína do tempo. A teologia negativa que ecoa aqui lembra a concepção de Lévinas, para quem o sofrimento é a via de acesso à alteridade radical de Deus. Aproxima-se também de Borges no poema *Los dones* (1944), onde o sagrado se manifesta nas pequenas coisas: “*Gracias quiero dar por el número que enumera al universo, / y por la escritura que es la más extraña de las cosas*” (Borges, 1944)

Em *Os dias partidos* (2019), essa imanência é tanto teológica quanto política, pois ela afirma que a realidade está contaminada de ausência, mas ainda assim é o único lugar possível para o encontro. Nos versos a seguir, é perceptível como nos temas do Exílio e repetição figura o tempo como morte cíclica: “Na aurora nos exilamos. / Morremos a cada hora, mesmo que haja vida movendo o sonho” (Rocha, 2019, p.68).

A aurora, tradicionalmente símbolo de começo, de esperança, aqui é lugar de exílio. A inversão de sentido das imagens poéticas tradicionais é um traço marcante da linguagem de Antônio Wagner. A aurora já não é promessa, mas perda. Morre-se “a cada hora”, o tempo cronológico aqui equivale à morte contínua. Mesmo que haja “vida movendo o sonho”, essa vida é residual, talvez automatizada, talvez ilusória. É uma experiência de tempo à maneira de Augusto dos Anjos, cuja poética visceral colocava a vida como um intervalo entre duas mortes: “A cada instante, a cada hora, a cada dia, / Morre-me uma ilusão na alma vazia...” (Augusto dos Anjos, “Versos Íntimos”, 1912)

Similarmente, a vida em Antônio Wagner (2019) é sonambúlica, quase um mecanismo movido por uma esperança esvaziada. Linguagem, política e a fome do amanhã, como mostram

estes versos: “Dilacerados o amor e o poema / o amanhã nada dirá da nossa estranha fome. / que existe, a política e o medo, / a dor dos homens no esculpir dos dias. / linguagem da morte no canto insólito das aldeias pobres” (Rocha, 2019, p. 68).

Nos versos finais, o poema ganha uma dimensão abertamente política. O amor e o poema, duas formas de dar sentido à existência, estão “dilacerados”. E o “amanhã” nada dirá: o tempo futuro é silencioso, omissivo, incapaz de responder à “estranha fome” que consome os sujeitos. Essa fome é física e metafísica. É fome de justiça, de sentido e de linguagem. O que resta é a política e o medo – mas não no sentido esperançoso de transformação, e sim como constatação de uma dor constante, encarnada nos “dias” que são esculpidos pela violência.

A última imagem é especialmente forte: a “linguagem da morte” que ressoa nos “cantos insólitos das aldeias pobres” remete à exclusão histórica e simbólica de populações que nunca tiveram voz no discurso hegemônico. A linguagem torna-se então denúncia e testemunho, mas também limite e silêncio.

Desde os primeiros versos, Antônio Wagner (2019) recorre à imagem da ruína para compor um tempo já atravessado por perdas. O tempo, em sua poesia, não é linear nem cumulativo; é antes cíclico, descontínuo, como um “relógio desprogramado” que se recusa a servir ao progresso ou à produtividade, em um dos poemas mais reveladores da obra, quando é lido que não se trata de apenas uma dimensão.

Aqui, o tempo se apresenta como resto, como poeira que se deposita no corpo. Essa imagem ressoa de modo interessante com o pensamento de Heidegger, especialmente na sua análise do tempo em *Ser e Tempo*, onde o filósofo afirma que o tempo não é apenas uma dimensão cronológica, mas o próprio modo de ser do *Dasein*, do ser-aí humano, enquanto projeto e finitude. O tempo vivido, nesse sentido, não é homogêneo nem neutro: ele é afetado, é histórico, é memória.

A fragmentação temporal em *Os dias partidos* (2019) tem ainda um efeito ético e político: ela se opõe à linearidade da história oficial, do discurso dominante. A poesia de Antônio Wagner inscreve-se como contra-história, como espaço de resistência à narrativa hegemônica do progresso. O que ela propõe é uma memória feita de vozes apagadas, de cenas interrompidas, de silêncios herdados. Como afirma Paul Ricoeur em *A memória, a história, o esquecimento*, a memória são sempre seletivos, marcada por tensões entre lembrança e esquecimento, e a literatura pode servir como um instrumento de resistência à memória imposta: “A memória [...] é o lugar onde os vencidos da história continuam a falar” (Ricoeur, 2007).

É nesse sentido que a temporalidade poética de Antônio Wagner torna-se política ao se recusar a alinhar-se ao tempo cronológico e produtivista, já que ela reinscreve a experiência do sujeito em sua condição histórica e afetiva.

Há também em *Os dias partidos* (2019), temporalidade que se abre à suspensão e à circularidade. Em muitos textos, os versos giram em torno de imagens que retornam, que se repetem com pequenas variações, criando um efeito de “tempo circular” que remete diretamente à concepção de Jorge Luís Borges. No conto *El jardín de senderos que se bifurcam*”, Borges escreve: “*El tempo bifurca perpetuamente hacia innumerables futuros*” (Borges, 1944). Essa visão de um tempo rizomático, que não caminha em linha reta, mas se bifurca, ecoa nos poemas de Antônio Wagner (2019), que se repetem e reverberam, como ecos numa caverna temporal. Esse movimento de repetição não é estático: ele busca recompor uma presença, mesmo que espectral, no tempo. Tal gesto é profundamente gadameriano, pois em *Verdade e Método*, Hans-Georg Gadamer (1960) afirma que a experiência estética tem uma temporalidade própria, distinta do tempo da vida prática. A obra de arte, e por extensão, o poema-suspende o tempo, criando um novo ritmo onde o passado pode se tornar presente e o futuro, promessa.

O tempo de Antônio Wagner é outro aspecto crucial, pois está ligado ao nascimento da palavra. A linguagem em seus poemas nasce de uma espera, de um silêncio que dura. O poema não é imediato, mas elaborado no tempo, como se a palavra tivesse que amadurecer na sombra antes de ganhar voz.

A imagem visceral lembra a imagem crua e existencial de Augusto dos Anjos, que via o poema como um ato físico, quase orgânico. Augusto escreve na célebre imagem de *Versos íntimos*: “A mão que afaga é a mesma que apedreja.”

Da mesma forma, Antônio Wagner apresenta a palavra como algo ambíguo, que cura e fere, que nasce do atrito com o tempo. A resistência do poeta é, portanto, também resistência do tempo: não se trata de responder ao presente com urgência, mas de mergulhar na duração, de esperar o tempo do poema.

1.4 Influência heideggeriana em *Os dias partidos*: linguagem poética e filosófica

O objetivo deste tópico é analisar, de forma sintética, como Antônio Wagner, em seus poemas, com ênfase em *Os dias partidos* (2019), articula filosofia e literatura, de forma a conectar nesse poético-filosófico: a relação com o outro, a crítica e denúncia de opressões e injustiças sociais. Tal façanha reforça o posicionamento de que a poesia é um recurso poderoso

na expressão linguística e transdisciplinaridade, funciona como resistência política e, para isso, tem na linguagem seu elemento primordial.

Inicia-se, portanto, considerando que é por meio da linguagem que são estabelecidas as relações entre filosofia e poesia, pelas quais o poeta Antônio Wagner percorre em seu fazer poético. Em meio a esta pesquisa, foi possível investigar a posição do poeta, ao enaltecer a linguagem enquanto poesia e liberdade do pensamento. Isso conduziu ao entendimento de que o pensar filosófico em confluência com a poesia, por parte de Antônio Wagner, acontece na medida em que ele não isenta o transfigurar da realidade do poetizar dramas sociais e históricos.

Dentre os filósofos, destaca-se Heidegger, de cujas reflexões Antônio Wagner é grande estudioso e pesquisador e que, à luz da leitura dos poemas, é nítido que o influenciaram na composição de *Os dias partidos* (2019). Entretanto, como o tempo e o tema aqui proposto não permitem estender esse assunto que em si mesmo exige vastas reflexões, nas discorrências a seguir foca-se apenas nas contribuições filosóficas no que tange à poesia e à linguagem. Heidegger influencia o referido poeta sobretudo nos poemas que focam a reflexão sobre o ser e estar no mundo. É na filosofia heideggeriana que o conceito de “*Dasein*” ao se referir ao ser humano como ser no mundo é desenvolvido e o poeta Antônio Wagner a exprime com afinco em seus versos.

Influenciado pelas obras *Ser e Tempo - Parte I* (2005) e *A caminho da linguagem* (2003) de Heidegger, que também tematizam a essência da linguagem, a expressão linguística de Antônio Wagner articula as colocações linguísticas de Heidegger, ao expressar no seu fazer poético um sujeito enunciativo que exemplifica que o “dizer” da linguagem não é sobre o ser, a realidade e as coisas, mas um dizer da experiência de ser.

Sob esse prisma, os poetas aspiram a escrever algo que fale, mas não se limite àquilo que Heidegger chama de “falação”. Segundo Heidegger (2005), para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala da linguagem, isto é, na sua fala e não na fala comum. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual a linguagem confia o seu modo de ser e a sua essência. Entende-se, portanto, que é a partir da fala da linguagem que Heidegger pretende acessá-la por ela mesma.

Hühne (1994), também poeta-filósofa, propôs e realizou com sucesso um diálogo, em busca da essência do ser e da arte, entre a poesia de Fernando Pessoa e da filosofia de Heidegger e lança as bases teóricas e os elementos artísticos acerca do ser e poesia no livro *O poetar-pensante* (1994). Neste livro, ela enfatiza que a relação arte/ser/poesia não segue o caminho estritamente racional nem irracional de leitura do mundo, mas se exprime na linguagem poética da razão. Segundo essa autora, no espaço onde o ser se essencializa ou o sentido do mundo se

dá, moram o poeta e o pensador. Heidegger e Fernando Pessoa indicam que não há porque priorizar a Filosofia ou a Poesia, como se fossem formas excludentes de pensar. Na verdade, são formas diferentes de dizer o ser.

Para Heidegger, o poeta é o mensageiro, o hermeneuein de Hermes. Hermeneuein é alguém que traz a notícia à medida em que é capaz de escutar a mensagem e ser fiel à escuta. Não é o mensageiro que passa e transmite a notícia mas é aquele que só passa e transmite porque foi capaz de estruturá-la. Como alguém que está diante da presença do presente, em plena dualidade do ser e do ente, em sua unidade (Hühne, 1994, p. 80, 81).

Antônio Wagner considera e trata a poesia como um espaço eficaz de expressão, de sempre se mostrar a linguagem “alteritária”, que toca o íntimo das pessoas e busca tornar os ouvintes cada vez mais sensíveis à própria vida. Em entrevista, Antônio Wagner (2025) enfatizou que a poesia dispõe da linguagem fundamental, essencial, que sempre se configura como um discurso “alteritário”, algo que urge nesta sociedade brasileira atual, em que há uma linguagem “autoritária”, linguagem do poder e autoritarismo que vem dos poderosos e das concepções cada vez mais totalitárias.

Nesse ínterim, quando surge a linguagem poética em desencontro com tais mazelas, ela assume o papel de linguagem resistente, porque o poeta deve estar sempre no campo da luta, contrário ao autoritarismo e oposto a essa linguagem racista, fascista, de segregação e exclusão. Os poetas que são autênticos, sempre procuraram e procuram nas suas poesias, a linguagem libertadora e assim, a sua forma de expressão torna-se eficaz, quando materializa o discurso de transgressão e ruptura, já que é comum ao fazer poesia crítica o questionar e conceber a linguagem intrínseca aos aspectos políticos, no mais puro sentido do termo.

Um dos livros de Heidegger que Antônio Wagner, nos poemas, demonstra ter “bebido em sua fonte” para confluir linguagem poética e filosofia é a *Carta sobre o Humanismo* (1965), sobretudo no seguinte pensamento heideggeriano ali presente, onde diz que “A linguagem é a casa do ser. Na sua morada habita o homem” (Heidegger, 1965). Isso permite inferir que, para esse filósofo, a relação entre linguagem e ser humano é a de lar e habitação; logo, é preciso compreender que linguagem só se realiza enquanto expressão literário-filosófica quando não é distinta dessa coabitação ser/ ato linguístico.

Acerca dessa dimensão de sentido desse existir e ser, Hühne explicita que

Chamo ec-sistêmica do homem o estar na clareira do ser. Esse modo de ser é próprio do homem. Assim entendida, a ec-sistência não é apenas o fundamento de possibilidade da razão (ratio). É também onde a Essência do homem conserva a proveniência de sua determinação (Hühne, 1994, p. 75).

O fragmento acima apresenta um pensamento profundamente enraizado na ontologia hermenêutica de Heidegger, especialmente em relação ao sentido de ec-sistência, como um modo de ser singularmente humano. A terminologia de Hühne – ec-sistência com hífen⁶ – remete diretamente à origem etimológica do termo existência (do latim: *ex-sistere*: sair para fora).

Essa grafia heideggeriana indica que o ser humano “se põe fora de si”, num movimento de abertura, e habita a “clareira do ser”. A clareira, em Heidegger, é o espaço de desvelamento, o lugar onde o ser pode aparecer, mostrar-se. Ela entende o homem como aquele que se dá como abertura para o ser, sendo esse “estar na clareira” algo ontológico e constitutivo, não apenas fenomenal.

Chamar de ec-sistêmica essa posição do homem implica não apenas reconhecer um modo de ser, mas um modo de estar estruturado em relação ao ser. Ao usar ec-sistêmica, Hühne parece também tensionar a ideia de uma estrutura orgânica ou relacional da existência humana: o homem está em sistema com o ser, mas num sistema que antes clareira do que mecanismo. Na singularidade do modo de ser humano: “Esse modo de ser é próprio do homem”. Há aqui uma ênfase clara na diferença ontológica.

Assim, o homem não é simplesmente um ente entre outros, ele é o *Dasein*, é o ser no e do aí, entendo aí como tempo, espaço e lugar, uma vez que essas categorias são diferentes no pensamento heideggeriano. É nos aí que o ser se ilumina. Ao dizer que tal modo de ser é “próprio do homem”, Hühne reitera a tese heideggeriana de que a ec-sistência é exclusiva do *Dasein*, o que contrasta com interpretações mais antropológicas da existência.

Isso implica que a essência do homem não é um dado, mas um desvelar-se, um vir a ser – daí a ligação entre existência e temporalidade, já que o homem é sempre um projeto em direção ao possível. “Assim entendida, a ec-sistência não é apenas o fundamento de possibilidade da razão (*ratio*)”. Essa afirmação rejeita uma visão tradicional (cartesiana ou kantiana) em que a razão é o centro da subjetividade. Para Hühne como para Heidegger, a razão é apenas uma derivação da estrutura mais originária da existência.

Na obra *Poesia e Pensamento* em Hölderlin e Heidegger, de Marco Aurélio Werle (2005), ele procura compreender a noção de poesia nas interpretações que Heidegger e o

⁶ A escolha terminológica de Hühne — “ec-sistência” com hífen — remete diretamente à origem etimológica do termo “**existência**” (do latim *ex-sistere*, “sair para fora”). Essa grafia heideggeriana indica que o ser humano “**se põe fora de si**”, num movimento de abertura, e **habita a “clareira do ser”** (*Lichtung*). A clareira, em Heidegger, é o espaço de **desvelamento**, o lugar onde o ser pode aparecer, mostrar-se.

referido poeta fazem desse tema. Segundo Werle (2005), é preciso visualizar, em linhas gerais, qual o sentido que possui essa noção para Heidegger. Isso se faz necessário porque, quando se trata da poesia de Hölderlin, o filósofo sempre se refere a ela no sentido amplo do termo alemão *Dichtung*.⁷ Esse termo chega inclusive a ultrapassar os limites da própria arte, constituindo uma crítica à noção moderna de técnica, que manteria estreita vinculação com o domínio da “estética”, pois a técnica em sua versão moderna, revela-se um produzir descompromissado com o todo conjuntural, ao provocar e desafiar a natureza segundo a armação, na medida em que dispõe a natureza para a produção de energia.

Assim, para Heidegger, a poesia está sempre impronunciada. Nenhum poema isolado e nem mesmo o conjunto de seus poemas diz tudo, já que o poema fala a partir da totalidade dessa única poesia, mas a diz sempre por vez. Do lugar da poesia emerge a onda que, a cada vez, movimenta o dizer como uma saga poética. Longe de abandonar o lugar da poesia, a onda que emerge permite que toda a movimentação do dizer seja reconduzida para a origem sempre mais velada. “Como fonte da onda em movimento, o lugar da poesia abriga a essência velada do que a representação estética e metafísica apreende de imediato como ritmo” (Heidegger, 2003, p. 27,28).

Como essa única poesia está sempre impronunciada, só se pode fazer uma colocação acerca de seu lugar, quando se tenta mostrar o lugar a partir do que se diz em cada poema isolado. Cada poema necessita assim de um esclarecimento. O esclarecimento deixa brilhar como numa primeira vez o clarim da claridade que transluz no que se diz poeticamente. Todo diálogo pensante com a poesia de um poeta insiste nessa relação de reciprocidade entre a colocação e o esclarecimento (Heidegger, 2003, p. 27, 28).

Assim, devem ser consideradas as consequências éticas e políticas relevantes, pois fundamentam a alteridade, o cuidado e a escuta como traços ontológicos do humano. Se o homem é aquele que está fora de si na clareira do ser, então o outro e o mundo não são objetos para ele, mas condições do seu próprio ser.

A poesia de Antônio Wagner, especialmente na obra *Os dias partidos* (2019), torna-se território privilegiado dessa reflexão, pois ali a linguagem poética não busca encerrar sentidos, mas os habitar, sofrê-los e os expor como fragmentos de uma presença em risco. A expressão “ser na clareira do ser”, forjada no pensamento de Heidegger, aponta para uma compreensão do humano não como substância ou sujeito autônomo, mas como abertura, como aquele que ec-siste, isto é, que se sustenta fora de si em uma relação originária com o ser. Essa clareira

⁷ Palavra alemã empregada em Werle (2005). No contexto literário significa: “poesia”, “ficção”.

(*Lichtung*), metáfora central para pensar a verdade como desvelamento, é o espaço onde o ser mostra-se, mas também onde o humano se deixa tocar, atravessar e constituir por aquilo que o excede. Diante disso, as obras de Antônio Wagner encontram-se ancoradas na filosofia de Heidegger e aquilo que se tem dificuldade do interlocutor entender no âmbito filosófico, há clareamento de ideias na leitura de seus versos. Ao utilizar a metáfora da montanha, Heidegger certa vez afirmou que o filósofo e o poeta habitam espaços diferentes e estão separados por um abismo, aquele primeiro diz o ser, esse último o sagrado.

José Maria Carvalho (2018), contudo, destaca que mesmo com o distanciamento enfatizado, filósofos e poetas aspiram a retornar à fonte originária do sentido das coisas. É nessa perspectiva que a obra de Antônio Wagner, emerge como uma dessas tentativas, um atalho para se pensar e meditar sobre o sentido e tentar ‘dizer’ poeticamente o Ser. A experiência poética, desde seus primórdios, tem sido um gesto de retorno, não à origem enquanto ponto fixo ou paraíso perdido, mas enquanto escuta do que permanece velado. Filósofos e poetas, como Heidegger e Celan, empenham-se nesse mesmo movimento: nomear o que está além do nome, dizer o Ser sem o capturar. É nesse horizonte que se inscreve a poesia de Antônio Wagner, cuja palavra é tensão entre o silêncio e o grito, entre a solidão da subjetividade e a convocação do outro. Em sua obra, o poema não é apenas forma de expressão, mas exercício ético de escuta e responsabilidade. Trata-se, portanto, de pensar como sua poética constitui um “atalho”, no sentido de desvio necessário, para se pensar e tentar dizer poeticamente o Ser.

Heidegger, propõe a linguagem como o lugar onde o Ser se mostra e se oculta. Ao afirmar que a linguagem é a morada do Ser, ele desloca a linguagem de sua função comunicativa para pensá-la como espaço originário do aparecer. Dizer o Ser, é para ele, abrir-se àquilo que não se mostra de imediato, mas que exige uma escuta atenta, quase um ouvir silêncio.

Paul Celan, poeta marcado pela tragédia do século XX, também compreende o poema como tentativa de encontrar sentido no indizível. Em *Meridiano* (1968), afirma: “o poema é solitário. Ele é solitário e está a caminho. Quem o escreve permanece junto dele” (Celan, 1999, p.113). Essa solidão é paradoxalmente abertura, pois o poema vai ao encontro do outro, mesmo na incerteza. Ambos, Celan e Heidegger, encontram-se na compreensão da linguagem como mediação entre o homem e o Ser.

É possível observar que Antônio Wagner inscreve-se nesse eixo, já que sua poesia é errância e escuta. Em *Os dias partidos* (2019), escreve: “da fenda da palavra / escorre o tempo / e um nome que me escapa” (Rocha, 2019). A fenda é a abertura onde o Ser pode aparecer, ainda que de modo fugidio. Emmanuel Lévinas desloca a ontologia para a ética. A alteridade, para ele, é o infinito que irrompe na presença e desestabiliza qualquer tentativa de totalidade.

Dizer o Ser, nessa chave, implica dizer o outro, ou melhor, escutar o outro. A linguagem nesse contexto, é lugar de responsabilidade.

Antônio Wagner (2019) retoma essa escuta ética. Seus poemas não pretendem apreender o outro, mas deixar que ele se anuncie. Em um dos textos do livro *Crepúsculo de arame* (2014), lê-se: “te escuto / mesmo que teu som / me desintegre” (Rocha, 2014, p.35).

A escuta do outro, nesse verso, é um gesto de desarmamento, de abertura radical. A linguagem poética, nesse caso, não é enunciada, mas é, sim, um chamamento. Como observa Lévinas: “falar é já responder”. Rocha (2014), ao poetar, responde ao apelo do outro, seja ele o outro humano, o tempo, o silêncio ou o próprio Ser.

A linguagem poética faz-se por desvios. Derrida, em *A escritura e a diferença* (1998), argumenta que não há acesso direto ao sentido, pois toda linguagem é diferimento. “A escrita [...] é o rastro do outro na linguagem” (Derrida, 1967). O poema, portanto, é essa forma de escrita que assume o desvio como método e conteúdo. Antônio Wagner transita por esse espaço onde o sentido insinua-se, sem jamais se fixar. Em *Lápis Lapso* (Rocha, 1998, p. 26), escreve: “saímos todos campeando / vestígios de mundo / em bocas caladas de infância” (Rocha, 1998, p. 26).

Há nesses versos um traço da infância como fonte originária, mas irre recuperável, só acessível por rastros, ecos, impressões. O atalho poético é, assim, um modo de evitar a fala plena para alcançar o sentido em sua sombra. Michel Collot, em *A Pesée- Paysage* (2018), defende que o poema contemporâneo é muitas vezes um gesto de enraizamento: ele procura uma “corporeidade do sentido”. A linguagem não é abstração, mas corpo-terra.

No poema “Desintegração” de *Os dias partidos* (2019), lemos:

tu que esqueceste a chama noturna da poesia / tu que atentaste para o grito retido /
no escuro das horas. / E eu que não fui pássaro, / mas ergui minhas asas no porvir das
nuvens (Rocha, 2019, p. 30).

Esses versos encarnam a dimensão temporal e material do dizer: não se trata de uma linguagem desencarnada, mas profundamente situada. Assim como em Carlos Drummond de Andrade o “mundo é grande e cabe nesta janela sobre o mar” (Drummond, 1940, p.), em *Os dias partidos* (2019), o mundo fragmentado refaz-se no poema.

Dois poemas permeados de tendências heideggerianas escritos por Antônio Wagner em *Os dias partidos* (2019) que houve por bem trazer para fechar esse tópico são os intitulados “Os campos ornados de Nada” e o outro, em que ele discorre sobre a “palavra” intitulado “Palavramento”. Lê-se:

OS CAMPOS ORNADOS DE NADA

*Nessas paragens desoladas, onde
o silêncio campeia soberano
(Augusto dos Anjos)*

Os campos ornados de Nada,
a brancura do dia
que nasce no assombro.
O tempo diante de indivisíveis auroras,
5 a mudez do mundo.
Assim nos transpomos, absortos,
para úmidas linguagens,
líquidas dissonâncias.
Um cântico a ecoar de dentro das horas
10 e da fuga dos relógios que falam.
Luz na transparência, pasto a habitar
girafas mitológicas, orquídeas sem memória,
silêncios imponderáveis, sombras abandonadas.
Adentramos a pálida paisagem
15 onde uma nuvem escuta
nossos gritos dissipados.
Escrevemos na sede a palavra água.
Um pensamento repousa nas ruas cansadas.
Árvores abrigam signos, vertigens.
20 Obscuros arabescos a dissecar
a essência do pátio desguarnecido.
A noite futura a sorver a saliva do orvalho.
Morte refletida no árido espelho do mundo.
As guerras a ofuscar os jardins e as venezianas.
25 Ossos que se estalam
como insolúveis murmúrios.
A planície onde um pássaro esqueceu suas asas.
(Rocha, 2019, p. 44).

Acima, o poeta explora a condição humana, o ser e o nada aparecem como tema central, lidam com questões existenciais, a finitude e a morte. É perceptível que o Nada é personificado, já que aparece grafado com inicial maiúscula. A menção a Augusto dos Anjos no cabeçalho convida a refletir sobre o quanto tal poeta tinha fixação pela efemeridade da vida e o nada das coisas. Sobre esse tema, Heidegger sugeria que a poesia tinha a capacidade de falar do ser, porque ela coloca em contato direto com o mistério e o silêncio, onde o nada ressoa como um eco fundamental. Um poema não preenche o vazio com respostas, mas torna o vazio presente e faz sentir a proximidade do nada e do ser ao mesmo tempo.

Mas, afinal, o que é o nada para o poeta? De que maneira ele vem ao ser- aí humano? À luz de Heidegger, o nada que é toda potência, totalidade. É este nadificar do nada que leva o ente ao ser-aí humano. Isto é: “Ele, o nada em seu nadificar, nos remete justamente ao ente” (Heidegger, 1983, p.41). O nadificar do nada ocorre de maneira ininterrupta. “Nada esperas. E o teu dia se esvai na revolta das coisas. Este sempre nadificar nos passa despercebidos, uma vez

que ele nos coloca numa constante relação que mantemos com os entes a qual nos movemos na cotidianidade.

Para Heidegger, é a negação que testemunha a revelação do nada no ser-aí humano. É interessante a relação estabelecida por Heidegger, entre o estar suspenso dentro do nada e a possibilidade da liberdade. É o fato de se manter, previamente, suspenso dentro do nada que permite ao ser-aí humano a possibilidade de transcender que o ser-aí humano pode estabelecer uma relação com o ente, bem como consigo mesmo, na medida que ele também é um ente. A liberdade, portanto, é pensada como uma possibilidade dada ao ser-aí humano porque este se encontra suspenso dentro do nada.

Barcelos (2011) pesquisou e dissertou sobre o Nada e na temática de seu texto dissertativo “A matéria do nada: potências, flutuações e experiência no nada poético em Carlos Drummond de Andrade”, discorre que a imagem mítica do caos oferece alguns elementos relevantes para compreender o nada. O que há nele é a ausência de limites, ausência de luz. Ilimitado e escuro, profundo, reúne tudo o que de lá irá criar” (Barcelos, 2011, p.80). Para que o ser humano esteja nesse nada originário, é preciso então, cair nele. Assim:

Se caímos no abismo sem fim do nada originário, nenhuma outra força será operada em nós a não ser a queda. Por isso, esta força parece impossível de ser revertida. Retornando ao nada anterior à criação, é impossível exercer um movimento contrário. Já suspenso no nada do ser, o mundo exercerá sempre a força de nos puxar de volta para ele. Essa força que o mundo tem é a linguagem. A linguagem traz o ser de volta com sua força natural de gravidade. Por isso mesmo, não podemos estar suspensos permanentemente no Nada. Se somos seres de linguagem, ela sempre exercerá sua força, trazendo-nos mais uma vez para o mundo (Barcelos, 2011, p. 81).

Benedito Nunes, na sua obra: *Passagem para o poético* (1986) analisa o nada conforme o filósofo Heidegger, na obra *Ser e tempo*, e se destaca, numa espécie de dialética velada, que, na angústia, o intramundano cede lugar ao mundo enquanto tal, sobre que refoge o objeto ameaçador, em nenhuma parte localizável e em nada se concretizando. “Sol e lágrima encontram-se em meio ao Nada” (Rocha, 2019).

Julgado oportuno para fechamento dessa discussão acerca da linguagem, o poema “Palavramento” diz:

PALAVRAMENTO

Palavras abandonam
Obscuras gramáticas.
O horizonte na escrita do sol.
Paisagens oníricas guardando o pouso
5 Das águias em espasmos
E modos de solidão
Outra vez a vida esvaecendo-se

No rosto da tarde.
 Poemas de areia existindo no parque.
 10 Sapatos pisando farpas
 De esperança.
 Ó louca linguagem,
 Ó fúria do instante
 (Rocha, 2019, p. 62).

Uma leitura minuciosa e contextualizada do poema acima permite inferir que se trata de um poema metalinguístico, pois se organiza em torno de eixos temáticos que incluem: o neologismo, o desabafo acerca do obscurantismo da gramática normativa, o simbolismo solar e a escrita do tempo. Destacam-se as paisagens oníricas, a solidão, o declínio da vida, sua representação imagética, a fragilidade da palavra poética; e, por fim, a tensão entre loucura, linguagem e instante.

Desde a primeira linha, percebe-se que “Palavramento” é menos uma descrição do mundo e mais uma tentativa de dizer aquilo que insiste em não se dizer. Em suas imagens rarefeitas, no uso de elipses e na evocação de paisagens oníricas, o poema parece realizar aquilo que Blanchot (2005) identifica como gesto da literatura: uma fala que se aproxima da ausência, que diz o indecível.

A forma poética proposta por Antônio Wagner organiza-se como resistência à clausura da linguagem objetiva, racionalizada e domesticada. O poema aponta para uma linguagem em desvio, em fratura, que se reconfigura não para nomear o mundo, mas para habitá-lo poeticamente. A poesia contemporânea brasileira tem demonstrado uma crescente inclinação para a problematização da linguagem, da subjetividade e da experiência do tempo.

Nesse contexto, a poesia de Antônio Wagner, destaca-se por articular uma densa reflexão existencial com um rigor formal que evidencia a linguagem como acontecimento, não como mera representação. Dentre os muitos poemas que compõem sua produção lírica, “Palavramento” impõe-se como um texto particularmente revelador de uma poética que escava os limites do dizer, que se constrói no limiar entre a palavra e o silêncio entre o sonho e o desamparo. O poema desloca o leitor para um campo de ressonância onde as estruturas normativas da linguagem, obscuras gramáticas, são abandonadas em favor de uma escuta originária do mundo, das coisas e do outro.

1.5 A hermenêutica como caminho para a compreensão de poemas

Segundo o pensamento de Heidegger, a hermenêutica, como abordagem interpretativa, ganha uma dimensão filosófica no seu pensamento, assim, ele propõe a hermenêutica como um caminho de acesso ao ser por meio da linguagem poética.

Para Heidegger (1985), a hermenêutica não é apenas uma técnica de interpretação, mas um modo de acesso ao ser. Ele propõe que a linguagem poética desempenhe um papel essencial nessa busca, porque permite revelar aspectos do ser que a linguagem comum ou técnica não alcança. A poesia, segundo ele, não é um simples ornamento da linguagem, mas uma abertura para a verdade do ser.

Diferente da linguagem instrumental, que nomeia e classifica o mundo de forma objetiva, a linguagem poética instaura significados, que desvela o que estava oculto e coloca o ser em contato com a essência das coisas. Essa busca pelo caminho poético ocorre, porque o ser, para Heidegger, não pode ser totalmente capturado por conceitos rígidos e sistemáticos. A linguagem poética, por sua flexibilidade e capacidade de evocação, permite que o ser se manifeste de forma mais autêntica.

Poetas, como Hölderlin, são fundamentais nesse processo, porque sua palavra não descreve o mundo de forma superficial, mas o traz à tona em sua profundidade e mistério. Assim, o caminho poético na hermenêutica heideggeriana não é apenas uma leitura subjetiva dos textos, mas uma experiência de revelação do ser. A poesia não “fala sobre” o ser, mas o “faz surgir” no próprio ato da linguagem e abre um espaço de escuta e compreensão mais profunda.

A escolha de uma leitura hermenêutica justifica-se pelo próprio teor filosófico da poesia de Rocha (2014), que é densamente atravessada por perguntas ontológicas e metafísicas: o que é o tempo? O que resta do ser quando a linguagem falha? É possível ainda haver Deus em meio à indiferença? Estas questões são articuladas por meio de imagens fragmentadas, ênfases no corpo, na natureza e no silêncio, à semelhança do que ocorre na obra de Paul Celan, cuja influência mostra-se visível na estrutura tímida e, ao mesmo tempo, urgente da voz poética.

No poema abaixo, intitulado “Da Existência” em *Os dias partidos* (2019), por exemplo, o existencialismo é abordado sob a perspectiva da hermenêutica que não se prende ao pragmatismo da interpretação. Lê-se:

DA EXISTÊNCIA

Extrair da existência

O denso fio da tua incompletude,

O sussurrar de tuas palavras

Escuras,

5 A respiração de tuas horas extremas,

E partir para onde
 Tua nudez se revela
 Como a vertiginosa sinfonia
 De um mundo obstruído.
 10 Juntar teus ossos
 Que soçobram no chão melancólico
 De um descampado
 E reter tua pungente sombra
 Que transcende a vida.
 (Rocha, 2019, p. 55).

Os versos acima possibilitam compreender que a interpretação do existir mostra-se experiência que só pode ser vislumbrada através do dizer, ainda que em forma de sussurro, e do desnudar de sons respirados e emitidos em meio a um mundo cheio de ostracismo. Assim, o existir transcende o que resta das experiências no referido espaço.

Essa hermenêutica que se afasta do pragmatismo tradicional da mera interpretação mergulha o leitor no universo do poeta que interpreta o existir a partir do acesso à alma e estado de espírito dos seres.

Tal caminho hermenêutico, aplicado à análise de poemas, permite uma experiência de sentido que ultrapassa a mera estrutura formal do texto, conduzindo a uma compreensão existencial e ontológica da poesia. Em sua obra *Ser e Tempo*-parte I (1927), Heidegger introduz o conceito de “compreensão” (*verstehen*) como um modo fundamental do ser-no-mundo. Para ele, a hermenêutica não é apenas um método de interpretação textual, mas uma forma de desvelamento do ser, de dialogar com o que se manifesta, permitindo que o sentido emergja.

Ao analisar a poesia, esse campo de estudo implica que, além da investigação semântica ou estrutural do poema, é preciso acolher a palavra poética como um evento de linguagem que revela o ser. De acordo com Heidegger, a linguagem é a “morada do ser”, e a poesia ocupa um papel privilegiado nesse processo de desvelamento, o “pensar meditativo” (*Besinnung*), que é a experiência da poesia, um modo de pensar, que não visa dominar o objeto, mas sim abrir-se àquilo que se mostra. O poema, portanto, é um espaço onde o ser se anuncia, e não apenas um conjunto de signos que remetem a significados fixos.

No contexto da poesia contemporânea, a obra *Os dias partidos* (2019), de Antônio Wagner, atualiza, de modo singular, a tensão entre linguagem, existência e alteridade. O poema, nesse conjunto, não é apenas forma estética ou exercício de representação, mas espaço de escuta radical, lugar onde a palavra resiste ao apagamento e a voz do outro reverbera, mesmo sob o peso da fragmentação.

Em consonância com a noção de ec-sistência enquanto estar exposto na clareira do ser (*Hühne*), a poética de Rocha opera no limite da linguagem, como se buscasse tornar visível

aquilo que, na existência, insiste em permanecer oculto. Assim, a linguagem poética é utilizada no intuito de aplacar uma necessidade constante de se expressar.

Um exemplo disso é um trecho do poema em *Os dias partidos* (2019), “Protesto possível”, pois se configura como um grito contido, uma tentativa ética de falar a partir da fratura, como se o eu poético se abrisse a uma exterioridade que o atravessa: “O que resta / não é silêncio, / é ruído de um nome / que ainda resiste” (Rocha, 2019, p. 18).

Aqui, não se trata da afirmação de um eu soberano, mas da inscrição de uma subjetividade marcada pela ruína e pela escuta, um sujeito que, em vez de se impor, ouve o que resta do outro, da história, do mundo. Trata-se de uma escuta que, como em Heidegger, “é mais originária que o ouvir”, pois funda a própria possibilidade de o ser se manifestar.

É nesse sentido que a poesia de Antônio Wagner se aproxima de uma ética da linguagem como alteridade, nos moldes pensados por Lévinas (2010). O poema não é mais um lugar de presença plena, mas o vestígio de um encontro com o irrepresentável, o rosto do outro que se anuncia sem jamais se dar inteiramente. Como em Lévinas, a linguagem poética de Antônio Wagner é para o outro, antes de ser do sujeito; ela é interpelação, não apropriação. A palavra poética nasce onde a *ratio* falha, onde a razão não basta. Em Merleau-Ponty (1945), esse entre-lugar da linguagem, nem pura expressão, nem puro silêncio, é compreendido como “espessura do sensível”, uma dobra entre o visível e o invisível.

O poeta Antônio Wagner traduz essa ambiguidade no verso fragmentado, no ritmo quebrado, nas imagens que se recusam à clausura. Ao fazê-lo, reinscreve o gesto poético como lugar de alteridade: o poema é a própria carne da linguagem, ou seja, uma relação íntima entre a poesia e a linguagem, onde a poesia é considerada a matéria-prima da criação poética, tão fundamental e vivo quanto o corpo, e nela vibra a presença do outro que não se deixa reduzir. A poesia, nesse registro, é uma forma de ec-sistir poeticamente, como abertura, escuta e responsabilidade.

A concepção de ec-sistência proposta por Hühne, ao designar “o estar na clareira do ser”, como o modo de ser próprio do homem, inscreve-se na linhagem ontológica inaugurada por Heidegger, segundo a qual o humano é aquele que se encontra lançado no mundo como abertura ao ser. Nessa perspectiva, o homem não é centro, mas descentramento: não possui uma essência prévia, pois sua determinação provém do modo como se mantém na clareira, isto é, no espaço-tempo onde o ser pode acontecer.

Contudo, essa abertura não é neutra ou puramente desvelante, ela implica uma escuta que é, ao mesmo tempo, ética e histórica. Assim, a interlocução com Lévinas revela-se fecunda. Se em Hühne a ec-sistência funda o lugar da determinação ontológica, em Lévinas, o sujeito

constitui-se não pela abertura ao ser, mas pela exposição irreversível ao rosto do outro, cuja alteridade excede qualquer totalidade ontológica. A subjetividade, então, nasce como responsabilidade, anterior a qualquer escolha ou representação.

É perceptível em Merleau Ponty uma torção fenomenológica dessa abertura, uma vez que ele defende que o ser humano é, antes de tudo, um corpo que percebe, uma consciência encarnada que se encontra no mundo como campo sensível, não como espectador. A existência é, pois, perceptiva, ambígua. Ainda que partam das ênfases distintas, ontológica, ética e fenomenológica. Hühne, Lévinas e Merleau Ponty convergem ao recusar a ideia de um sujeito autocentrado, pois propõem em seu lugar um humano constituído pela exterioridade: seja do ser, do outro, ou da carne do mundo. É nesse descentramento constitutivo em que se afirma a ética da escuta e fenomenologia do sensível do acontecimento.

A hermenêutica, quando aplicada à análise de poemas, permite uma experiência de sentido que ultrapassa a mera estrutura formal do texto, conduzindo a uma compreensão existencial e ontológica da poesia. Em sua obra *Ser e Tempo*-parte I (1927), Heidegger introduz o conceito de “compreensão” (*verstehen*) como um modo fundamental do ser-no-mundo.

Para ele, a hermenêutica não é apenas um método de interpretação textual, mas uma forma de desvelamento do ser, de dialogar com o que se manifesta, permitindo que o sentido emergja. Ao analisar a poesia, esse movimento implica que, além da investigação semântica ou estrutural do poema, é preciso acolher a palavra poética como um evento de linguagem que revela o ser.

De acordo com Heidegger, a linguagem é a “morada do ser”, e a poesia ocupa um papel privilegiado nesse processo de desvelamento, o “pensar meditativo” (*Besinnung*), que é a experiência da poesia, um modo de pensar, que não visa dominar o objeto, mas sim abrir-se àquilo que se mostra. O poema, portanto, é um espaço onde o ser se anuncia, e não apenas um conjunto de signos que remetem a significados fixos.

De acordo com Manoel de Barros, escritor modernista brasileiro, um poeta do século XX, pertencente cronologicamente à geração de 45, afirma que a palavra torna-se o motivo principal de fazer poesia, mas no poema-palavra em si. A linguagem, ou mais o poeta, que passa a não mais se centrar no amor, na natureza ou na infância, como especificamente, a palavra, passa a ser, para Manoel de Barros, *a essência da poesia, seu universo de possibilidades*, assim como seu (des)limite de vida enquanto escritor.

Há alguns elementos que são importantes considerar: ao analisar um poema, as palavras não devem ser reduzidas a meros conceitos, mas compreendidas como uma abertura para experiências originárias do ser; a relação entre linguagem e ser, o poema manifesta a essência

da linguagem como lugar de revelação do ser e o papel do leitor-intérprete, o leitor não é um decodificador passivo, e sim um co-participante no processo hermenêutico.

Tal processo é o ponto de partida da literatura para buscar o outro ou o eu que habita no outro. A poesia traz a originalidade e o despertar para o possível, mas se torna inédita porque é expressa por um poeta no âmago das suas inspirações e compactua com o interlocutor as suas convicções e crenças.

2 ALTERIDADE

Nesta segunda seção, adentra-se ao segundo elemento proposto no tema desta pesquisa: alteridade. O estudo desdobra-se nesses dois tópicos que refletem sobre as principais considerações de Lévinas acerca da alteridade e, a seguir, enfatiza a forma que se pôde vislumbrar tal tema no último texto poético da coletânea de Antônio Wagner (2019), lido em conjunto com as referências às obras anteriores desse poeta, quando há semelhança de tema, cenário e linguagem; e, por fim, no último tópico que se ocupará com a presença da resistência.

2.1 Alteridade em Lévinas e como inspirou Antônio Wagner

A análise poética aqui desenvolvida, sob a perspectiva da alteridade sintetiza as ideias de Lévinas, na obra *Entre nós: ensaios sobre alteridade* (2010) e sua interpelação para pensar o encontro com outrem a partir da sensibilidade, singularidade, responsabilidade, da consciência, sendo esse outro aspecto que diz muito da relevância em pesquisa. Segundo o filósofo, quando o outro é despercebido como alteridade, torna-se absolutamente outro, incompreensível, transcendente e incontornável, fonte das grandes experiências de vida e base genuína da ética. De acordo com Lévinas,

Quando se fala de consciência, fala-se de saber: ter consciência é saber; e para fazer a justiça, é preciso saber: objetivar, comparar, julgar, formar conceitos, generalizar, etc. Diante da multiplicidade humana, tais operações se impõem e a responsabilidade por outrem- que é caridade e amor – extravia-se, consequentemente, busca uma verdade (Lévinas, 2010, p. 244).

A ideia é que a alteridade é uma prática, ela é mais do que um conceito. Quando se coloca no lugar do outro, é possível entender as suas angústias e vislumbrar seus sofrimentos. Na direção de uma sociedade mais democrática e justa, o primeiro passo a ser dado é o da alteridade. Segundo Lévinas (2010), pensar o outro, algo que vai além, é pensar a relação com o próximo pela qual somos responsáveis incondicionalmente. Para esse autor, a verdadeira essência do humano manifesta-se na relação com o outro. Tal conceito traduz um novo humanismo, pois proporciona a inter-relação humana e intersubjetiva, na qual a ética antecede a ontologia.

Em seu rosto, outrem é único, eis por que ele é incomparável... ” A experiência do rosto do outro, tal como descrita por ele, é um chamado à responsabilidade, uma exigência que não depende de reciprocidade ou contratos sociais. Diante do outro, somos

interpelados de forma irrecusável, pois sua vulnerabilidade nos convoca a responder (Lévinas, 2010, p. 246).

Esse pensamento rompe com concepções tradicionais de subjetividade, que frequentemente subordinam o outro aos esquemas de compreensão do eu. Lévinas (2010) propõe um humanismo que não se baseia na centralidade do sujeito, mas na abertura à alteridade. Esse novo humanismo é marcado por uma relação de hospitalidade e acolhimento na qual a identidade do eu constitui-se a partir da responsabilidade pelo outro.

Dessa forma, a filosofia de Lévinas não apenas reformula a ética, mas também os paradigmas modernos de subjetividade e autonomia. Ao colocar a responsabilidade pelo outro no centro da existência humana, ele inaugura uma nova forma de pensar a inter-relação humana, que transcende interesses individuais e se fundamenta em uma ética da alteridade, assim como nos poemas de *Os dias partidos* (2019), que, como instância ética de reconhecimento e responsabilidade diante do outro, compreende que, para além de uma estética da linguagem, há uma ética da palavra que se inscreve na forma e na matéria do texto poético.

Essa poética da escuta, articulada com a experiência de precariedade, denúncia e esperança, ressoa profundamente com a filosofia da alteridade de Lévinas, especialmente conforme desenvolvida em *Entre nós: ensaios sobre a alteridade* (1993), onde a linguagem é uma forma de hospitalidade, um modo de acolher o outro (Zanon, 2020).

Portanto, é possível interpretar que em *Os dias partidos* (2019), incorporam elementos que evidenciam uma voz poética que transcende o “eu” e dá importância ao “outro”, especialmente ao abordar a alteridade em seus poemas, entendida como a relação de reconhecimento e respeito pelo outro, é um conceito na filosofia de Lévinas, que propõe uma ética fundamental na responsabilidade para com o outro (Dalcastagné, 2008).

A poesia de Antônio Wagner ecoa de maneira concreta a poética que repercute a realidade de tempos sombrios, ressoa a urgência de existir em meio ao caos e questiona o porquê da sobrevivência e o propósito de resistir. Nela, os tempos sombrios não são apenas um pano de fundo, mas uma força ativa que desafia tanto o “eu”, quanto o “outro”, aos quais não apenas o seu eu, mas também o outro precisa sobreviver, encontrar sentido na continuidade, pois há a necessidade de testemunhar, registrar e não sucumbir ao apagamento (Collot, 2006). Sugere um horizonte, uma esperança, ainda que incerta, de transformação, de denúncia, de partilha do fardo e da luz.

2.2 Alteridade no fazer poético-filosófico de Antônio Wagner em *Os dias partidos*

Ainda que o poema selete para discorrer especificamente sobre alteridade neste trabalho tenha sido o texto poético que fecha a coletânea *Os dias partidos*, a alteridade faz-se presente em outros poemas da referida obra. O poema “Realismo” é totalmente inspirado no materialismo histórico marxista e traz valiosas denúncias das mazelas humanas e olhar atento do poeta sobre o outro. Outro exemplo em “Monólogo do Lavrador”, no qual o eu poético, a partir da subjetividade do homem que lida com o chão, desenvolve uma análise social. Destaca-se ainda o poema “Lembrança de Malala”, no qual a alusão a essa personagem histórica e sua contribuição na luta contra o extremismo e fanatismo são expressos permeados de louvor pelo quanto tal personagem pensou a figura do outro.

O tempo e a extensão deste tópico não permitem a exposição do texto desses poemas acima, na íntegra, aqui nesta seção, mas permanecem anexos a esse trabalho para leitura e para que entreveja neles tal preocupação do poeta em se fazer expressar em favor do outro.

A alteridade, entendida como a ação de reconhecer e respeitar o outro em sua diferença, é um tema recorrente na poesia drummondiana, de que Antônio Wagner, em seus poemas, demonstra ter obtido grande influência. Dentre os citados poemas, como *No meio do caminho* e *José*, há uma constante reflexão sobre a existência humana, que carrega dificuldades e angústias. Carlos Drummond de Andrade coloca-se tanto no lugar do indivíduo isolado quanto no papel daquele que observa e compreende as dores alheias.

O poeta abordou esse tema de forma evidente em seus versos, sempre marcados por um profundo senso de humanidade e crítica social, convidam o leitor a enxergar o outro com empatia e a questionar as estruturas sociais, revelam um olhar sensível para o outro e uma postura resistente diante das adversidades e injustiças do mundo.

No poema *Mundo Grande*, por exemplo, Andrade (1945) expressa a necessidade de olhar além de si e compreender a vastidão e a diversidade do mundo. Nele, a alteridade apresenta-se como um convite à abertura para o novo, ao mesmo tempo em que evidencia a limitação da existência individual. Pode-se exemplificar tal presença com o poema *José*, pois o personagem representa um arquétipo do homem comum, que enfrenta as dificuldades da vida sem perspectivas claras. A repetição do nome e a insistente pergunta “E agora, *José*?” reforçam a sensação de impotência diante da realidade, mas também chamam à empatia e ao reconhecimento da luta do outro.

Mas a alteridade que se vislumbra nos versos de *Os dias partidos* (2019) não carrega apenas a influência drummondiana. Antônio Wagner inspira-se ainda na poesia de Paul Celan, na qual a alteridade é destacada de maneira profunda e singular, especialmente em relação à

linguagem, à memória e ao trauma. Nessa poesia, marcada pela experiência do holocausto, há um confronto radical com o outro.

A alteridade em Celan pode ser entendida como um encontro com o outro que nunca se completa, que permanece em estado de tensão e distância. Celan vê a poesia como um ato de encontro, um “falar com” em vez de “um falar sobre”. Sua poesia busca alcançar o outro, mas sem o possuir ou o absorver. Apresenta de forma fragmentada, refletindo as dificuldades de comunicação após eventos traumáticos como o holocausto.

E influenciado por esse fazer poético, o poeta Antônio Wagner escreveu *Os dias partidos* (2019) em um momento crítico da história do Brasil: os anos 2018 a 2022, no Brasil, foram caracterizados pela política negacionista, anticiência, anticultura e antidemocrática. Tal momento caracterizou-se pelo narcisismo e apagamento do outro. Razão por que, em certos poemas, Wagner (2019) não oculta o desabafo em oposição a essas mazelas sociais.

A fim de discorrer acerca da abordagem que o poeta Antônio Wagner faz do referido tema em *Os dias partidos*, serão tecidos, a seguir, os aspectos “alteritários” que se identificam no poema intitulado “A modo de um tributo”.

A modo de um tributo

Em ti ergue
A voz do orvalho,
O nascer da noite
Nos campos
5 Enternecidos.
Ergue a palavra antiga
Como a lua nova,
O mundo cindido
No ventre
10 Da terra.
Em ti ergue o sentido da vida
A esperar o porvir
do tempo.
Ergue a canção
15 feito luz
no caule das heras.
Em ti as manhãs
renascem,
e o amor funde-se
20 no corpo etéreo da alma.
(Rocha, 2019, p. 40).

Nos versos acima, há uma afirmação da possibilidade do outro no mundo da linguagem. A voz poética, ao invés de afirmar o “eu” lírico, acolhe o outro em sua plenitude silenciosa. A proposta é compreender como a linguagem poética se constitui como forma de escuta e de abertura à alteridade, resistindo à opressão, ao silenciamento e à homogeneização.

O título “A modo de um tributo”, configura-se como um ato de memória, apresenta-se como um tributo em forma, em gesto. Tributo é algo que se dá a alguém, que se devolve e que se paga. O foco tributário é o outro. É um modo, uma aproximação, um movimento de escuta. Paul Celan, em sua concepção de poesia como encontro, afirma: “a poesia é um encontro. Ela caminha em direção ao outro, deseja alcançá-lo, tocá-lo” (Celan, 2005, p. 11).

Esse poema é um gesto de escuta, mas é um poema depositário, já que remete à competência depositária do outro. Não se trata de um discurso que se impõe, mas de uma palavra que se oferece. O poema manifesta uma ética do dizer. É esse movimento que Lévinas descreve quando afirma: “a responsabilidade pelo outro é anterior à liberdade” (Lévinas, 2004, p. 24).

Ademais, a disposição dos versos remete à interpretação de que o outro é quase deificado na expressão da voz poética. Na sequência enumerativa de tudo que o outro representa e é, são descritas características que na vida humana são partes essenciais da existência, mas o poema avança para a espiritualidade, ao mencionar a alma humana em uma perspectiva etérea. Pode-se ainda enfatizar que o título do poema não permite que se faça dele uma leitura, despojando-o do tema das memórias, porque o outro é agente, receptor e depositário dessas memórias.

2.3 Alteridade – poema que encerra a coleção poética *Os dias partidos*

É nesse espírito que será analisado, a seguir, “Alteridade”, o poema final do livro, *Os dias partidos* (2019), no qual o ente posiciona-se no mundo ao lado de outros homens. Em “Alteridade” o poeta explora a poética do ser, busca entender a intersecção entre a existência humana e a expressão artística e mostra a maneira como o pensamento pode oferecer a leitura do outro. Em suas palavras:

ALTERIDADE

O outro é aquele que caminha
Comigo pelas ruas do mundo
E comigo entra nos porões da vida.
O outro necessita do meu ombro
5 Ou do meu perdão.
O outro me consola e perdoa.
O outro é aquele que me busca
Atrás das montanhas imensas
Que separam as cidades.
10 O outro, a extensão do meu eu,
a sombra de mim nas paredes finitas do tempo.
O outro, meu irmão perto e distante.
O outro é aquele que morre, a cada dia,

Nas mãos violentas do capitalismo e da fome.
 15 É aquele que a política sórdida
 Escondeu atrás de janelas escuras.
 O outro é o silêncio ou o grito
 Quando o ódio nasceu no coração duro dos poderes
 e aniquilou a luta e a esperança.
 (Rocha, 2019, p. 72).

Esse poema oferece recursos para análise dos efeitos sonoros articulados à construção da alteridade, especialmente porque sua tessitura rítmica e fônica reforça, intensifica e dramatiza o próprio conteúdo ético e político do texto.

O poeta versa sobre o encontro e o caminhar com o outro na cotidianidade das ruas do mundo, no qual o ente se posiciona ao lado de outros homens, ou seja, “O outro, a extensão do meu eu [...]”. O outro, meu irmão, perto e distante. Mas nem sempre estes caminhos são iluminados, pois a imagem dos “porões da vida” representa justamente os caminhos escuros com os quais todos podem se deparar. Daí a representação do “ombro” que outro necessita como amparo, mas que também serve de apoio a si próprio, pois o caminhar é feito de forma conjunta. Ou seja, alteridade é o reconhecimento do outro, o coexistir num mundo comum, como foi metaforicamente expresso pelo poeta.

Na própria confluência social, política e humana, o eu e o outro se irmanam. Como é demonstrado a seguir: “A essência poética, no plano discursivo, revela o leitor da drummondiana e heideggeriana e, no plano poético que, inclusive, se une ao ideológico, revela o leitor da dor de si e da sociedade brasileira em tempo de repressão política” (Quadros; Camargo, 2020, p. 22). Diante do exposto, a percepção de Roland Barthes é oportuna, o escritor é um homem que absorve radicalmente o porquê do mundo num “como escrever” (Barthes, 1977, p. 208). Incomodado com o mundo à sua volta, o escritor cumpre seu papel de o representar através do tecer literário.

O poema “Alteridade”, estrutura-se em versos livres e construções sintáticas simples, cuja força expressiva reside, sobretudo, na cadência sonora e na recorrência de palavras e estruturas. A repetição do termo “o outro”, presente no início de quase todos os versos, cria uma anáfora rítmica que atua como pulsação do texto e lhe confere musicalidade insistente e quase litúrgica.

A anáfora “o outro” funciona como marca fônica e ideológica. Sonoramente, o retorno constante da expressão evoca um compasso, uma cadência quase oratória, que aproxima o poema de um canto ou proclamação. Essa repetição reforça a ideia de presença contínua do “outro”, como se cada linha ecoasse a insistência de uma voz coletiva que exige reconhecimento.

Segundo Antonio Candido (2006), a sonoridade é a camada mais imediatamente perceptível do poema e, neste caso, ela alia-se ao conteúdo para gerar uma experiência de leitura sensorial e ética.

A alteridade, entendida como a capacidade de reconhecer e respeitar o outro em sua diferença, é um tema recorrente na poesia drummondiana. Dentre seus poemas, como *No meio do caminho* e *José*, há uma constante reflexão sobre a existência humana, que carregam dificuldades e angústias. Carlos Drummond de Andrade coloca-se tanto no lugar do indivíduo isolado, quanto no papel daquele que observa e compreende as dores alheias.

Em consonância a isso, para Grammont (1948), certos sons carregam valores afetivos, e aqui a própria repetição vocal do "o" (presente em "outro", "ombro", "consola", "mundo", "porões") sugere uma atmosfera de acolhimento, amplidão e, paradoxalmente, de lamento. A vocalização aberta do "o", associada a palavras de dor e compaixão, intensifica o efeito emocional do poema. Além disso, o poema apresenta um ritmo que alterna suavidade e dureza, o que reflete a oscilação entre empatia e violência que atravessa a experiência da alteridade. Nos primeiros versos, os sons fluem de forma mais leve: “O outro é aquele que caminha / Comigo pelas ruas do mundo / E comigo entra nos porões da vida” (Rocha, 2019, p.72).

Aí, há uma musicalidade marcada por aliteraões suaves (repetição de /m/, /c/, /l/) que reforçam a ideia de proximidade e companheirismo. A imagem do caminhar conjunto é sonoramente sustentada por um ritmo ternário e pausas naturais que conferem um tom de ternura e cuidado. Ingarden (1973), ao tratar do "substrato fônico", observa que o som no poema não é mero ornamento, mas estruturador de sentido: as escolhas fônicas não apenas dizem, mas fazem sentir. A sensação de caminhar ao lado de alguém se constrói, aqui, pela fluidez do som. Entretanto, à medida que o poema avança, o campo sonoro se torna mais grave e tenso: “O outro é aquele que morre, a cada dia, / Nas mãos violentas do capitalismo e da fome” (Rocha, 2019, p. 72).

Nesses versos, percebe-se uma mudança na textura sonora. Os sons plosivos e fortes como /k/, /t/, /p/, e /m/ (em "capitalismo", "fome", "mãos", "morre") introduzem uma dureza que vocaliza a violência. Há uma intensificação da densidade sonora que ecoa o peso temático. Essa mutação sonora espelha uma mutação ética: o "outro", que antes caminhava ao lado, agora sofre, desaparece, é silenciado — e esse sofrimento é dramatizado fonicamente. Por fim, o poema culmina com uma imagem de silenciamento e ruptura: “O outro é o silêncio ou o grito / quando o ódio nasceu no coração duro dos poderes / e aniquilou a luta e a esperança” (Rocha, 2019, p. 72).

A justaposição sonora entre “silêncio” e “grito” é significativa: o primeiro evoca o vazio acústico e o segundo, uma explosão vocal. Essa tensão sonora representa simbolicamente a oscilação entre a invisibilidade e a resistência. O verso final contém forte carga sonora e simbólica: a aliteração em /r/ e /s/ (“aniquilou”, “luta”, “esperança”) dá um tom áspero e seco que sugere a desolação.

Essa camada sonora configura o que Antonio Candido chamou de “realidade liminar” do poema: a sonoridade que antecede e molda a significação mais profunda. A relação com a alteridade, assim, não é apenas temática, mas estrutural. O “outro” não está apenas representado, ele está ressoado no corpo do poema. A musicalidade do texto permite que a experiência da diferença — seja ela política, seja ela social, seja ela afetiva, seja ela existencial — seja sentida pelo leitor em um nível anterior à linguagem conceitual. Em suma, este poema evidencia como a sonoridade pode ser compreendida como espaço ético, em que o “outro” se manifesta não apenas como figura, mas como presença acústica.

Nesse sentido, ao lado de Antonio Candido, Ingarden e Grammont, a análise aqui propõe uma escuta do poema, uma crítica atenta à materialidade sonora da linguagem como lugar de emergência da alteridade.

O poema “Alteridade” é um exemplo emblemático de como a sonoridade pode atuar como elemento estruturador do discurso poético e, ao mesmo tempo, como operador ético, convocando o leitor a uma escuta do outro, não apenas como sujeito temático, mas como presença que ressoa no corpo do texto. Composto por versos livres, o poema vale-se de recursos fônicos discretos, porém eficazes, que produzem uma cadência marcada pela repetição e pelo equilíbrio entre fluidez e dureza.

Essa construção sonora reforça e, em certa medida, dramatiza a relação entre o eu e o outro, relação que constitui o cerne do texto. O poema estabelece um recurso anafórico insistente com a expressão “O outro”, que se repete como uma batida rítmica ao longo dos versos. Essa repetição opera em dois níveis complementares: no nível fônico, pois imprime ao poema uma musicalidade constante, cadenciada; no nível temático, já que reafirma a centralidade da alteridade como experiência contínua e inescapável.

Como observa Antonio Candido (2006), a sonoridade é uma camada liminar do poema, é por ela que se inicia a recepção estética do texto. Aqui, a repetição cria uma espécie de liturgia do outro, uma ritualização sonora que impõe a escuta, como um refrão ético. Além disso, a recorrência do som aberto /o/ (“o outro”, “ombro”, “consola”, “mundo”) evoca uma sonoridade envolvente, arredondada, que sugere proximidade e acolhimento.

Conforme propõe Grammont (1948), os sons carregam valores afetivos, e nesse caso, o uso frequente de vogais abertas e sons nasais suaves contribui para a criação de uma atmosfera sonora empática. A musicalidade, nesse ponto, já é uma forma de dizer: não apenas o que o poema significa, mas como ele nos afeta. A progressão temática do poema acompanha também uma inflexão sonora. Nos primeiros versos, o tom é de convivência e cuidado: “O outro é aquele que caminha / comigo pelas ruas do mundo / e comigo entra nos porões da vida” (Rocha, 2019, p. 72).

Há aqui uma leveza rítmica, sustentada por aliterações em /m/, /l/ e /c/, que marca uma musicalidade calma, quase melódica. O ritmo se organiza em frases curtas, simétricas, que evocam harmonia e cooperação. A sonoridade traduz a convivência como algo ritmado e natural, um caminhar conjunto que o leitor pode quase ouvir. Contudo, à medida que o poema avança, a textura sonora torna-se mais tensa, o que reflete uma mudança na relação com o outro. A partir dos versos: “O outro é aquele que morre, a cada dia, / nas mãos violentas do capitalismo e da fome” (Rocha, 2019, p. 72).

Aqui, entra em cena uma sonoridade mais áspera: a presença de plosivas (/k/, /p/, /t/), de fricativas como /f/ e /v/ (“fome”, “violentas”) e de palavras longas, com carga semântica e sonora pesada (“capitalismo”), altera o ritmo e o tom do poema. O leitor deixa de ser conduzido por uma musicalidade compassada e é abruptamente confrontado por um som que fere, que interrompe o fluxo da harmonia inicial. Como descreve Roman Ingarden, o substrato fônico não é um mero suporte da linguagem, mas uma camada estrutural que pode acionar rupturas sensoriais e cognitivas no leitor. Neste trecho, o som é violência, e essa violência não é só enunciada: ela é vocalizada. Alteridade como ruído: A voz silenciada e o grito. O clímax sonoro e temático do poema ocorre nos versos finais: “O outro é o silêncio ou o grito / quando o ódio nasceu no coração duro dos poderes / e aniquilou a luta e a esperança” (Rocha, 2019, p. 72).

Nestes versos, a dicotomia entre “silêncio” e “grito” produz uma tensão auditiva. O “silêncio” é a ausência de som, a negação radical da escuta; o “grito” é sua intensificação até o limite. Ambos representam, poeticamente, modos extremos de existência do outro diante da opressão. A justaposição dessas imagens sonoras evidencia que o outro pode tanto desaparecer (silêncio) quanto explodir (grito) — e, em ambos os casos, o som torna-se metáfora política.

Notável também a escolha vocabular nos versos seguintes: “ódio”, “duro”, “poderes”, “aniquilou” — palavras sonoramente duras, com aliteração em /r/, /d/ e /k/, intensificando o tom de denúncia e encerramento. O som final do poema é seco, ríspido e contrasta com os sons mais abertos e suaves do início. Essa mudança fônica traduz poeticamente o fracasso de uma escuta ética: o outro termina silenciado ou destruído.

De modo geral, o poema “Alteridade” não apenas tematiza o outro: ele incorpora o outro como presença sonora. A repetição que molda sua estrutura, a alternância entre suavidade e violência acústica, a dicção entre acolhimento e brutalidade — tudo contribui para tornar a experiência do outro sensorial. A sonoridade do poema torna-se, assim, uma forma de enunciação do outro, uma convocação à escuta que antecede qualquer discurso moral.

Como lembra Antonio Candido, o poema é antes de tudo som, e neste caso, o som é ética. A materialidade sonora do texto funda uma experiência poética de alteridade em que o leitor é envolvido corporalmente, ouvido a ouvir. O outro, afinal, só existe plenamente quando ouvido, e o poema, como forma sonora, é uma convocação radical à escuta.

Pode-se identificar essa mesma abordagem, a outro poema, do poeta e diplomata brasileiro João Cabral de Melo Neto, (1920-1999), sendo sua obra considerada uma das maiores criações da cultura brasileira do século XX. Sua poesia tem características como objetividade, rigor formal e crítica social. Destacou-se por criar um novo conceito de poesia, que se opunha à poesia sentimental e subjetiva.

Dentre os dez melhores poemas de João Cabral, está *O cão sem plumas*, que tem também uma arquitetura sonora intensa, com forte carga de alteridade. Percebe-se também uma reação intertextual em *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles, que articula bem a sonoridade histórica com questões de identidade e resistência.

A análise da sonoridade e da alteridade no contexto do poema *Romance LXVIII- O remorso de Tiradentes*, de Cecília Meireles, que integra seu clássico *Romanceiro da Inconfidência* (1953). Esse poema apresenta uma forte carga emocional e histórica, onde o lirismo da autora se entrelaça a uma crítica à repressão e à injustiça e constrói um espaço de escuta para os sujeitos silenciados da história. Novamente aplica-se a lente da sonoridade como camada expressiva (Candido, Ingarden, Grammont) e a alteridade como dimensão ética e poética, já que Cecília Meireles, ao construir o *Romanceiro da inconfidência*, dá voz aos esquecidos e perseguidos da história, especialmente àqueles que resistiram à dominação portuguesa e pagaram com a vida ou o exílio.

3. RESISTÊNCIA

“A poesia, assim, torna-se uma forma de sobrevivência coletiva, um gesto de resistência e memória” (Collot, 2018).

A poesia como resistência inicia-se aqui com a consideração de que a obra de Antônio Wagner participa de um gesto antigo e sempre novo: o de tentar dizer o Ser, sem o encerrar. Sua poesia é escuta, rastro, abertura. Entre a metafísica e o engajamento, entre a ontologia e a alteridade, seus poemas são atalhos que recusam o caminho fácil. Por isso, são éticos, já que não falam sobre o outro, mas para ele. Dizer poeticamente o Ser é manter viva a chama da linguagem, mesmo quando tudo parece extinto e o referido poeta sabe disso, e é por isso que seus versos não se calam.

Faz-se necessário explicitar que o pensamento filosófico que norteia a reflexão sobre a resistência a ser discorrida nos próximos tópicos inspira-se nos escritos de Collot (2018) acerca da forma que a poesia se mostra como instrumento para resistir em tempos difíceis e trabalhosos como os dias que o poeta Antônio Wagner caracteriza como *dias partidos*. Une-se a Collot nesta reflexão as contribuições de Theodor Adorno, que tematizou em seus escritos o ato resiliente de escrever em tempos sombrios em que ideologias totalitárias dominantes silenciavam os poetas e a todas as vozes insurgentes.

Ainda se recorre ao que Celan discorre sobre a resistência em meio ao fazer literário e, como Antônio Wagner permite visualizar influência de Carlos Drummond de Andrade e outros poetas do modernismo brasileiro que escreveram em tempos sombrios da história brasileira, este trabalho procurará, brevemente, fazer intertextualidade com esses autores, quando em meio à argumentação houver semelhança de tema, cenário e espacialidade na leitura e inferência acerca dos poemas.

3.1 O tema da resistência na obra de Antônio Wagner

Para iniciar esta reflexão, ressalta-se aqui que resistência e contestação em Antônio Wagner trazem intenso teor e inspiração na obra de Carlos Drummond de Andrade, pois, à semelhança dele, manifesta-se tanto na dimensão individual quanto na coletiva. No período da ditadura militar no Brasil, a poesia de Drummond assumiu um tom ainda mais engajado, como se vê em *A Rosa do Povo* (1945), na qual o poeta denuncia desigualdades e injustiças sociais.

Há outros poemas drummondianos como, *O Caso do Vestido* e *Operário no Mar*, que mostram personagens que resistem às adversidades impostas por uma sociedade excludente. O

primeiro narra a história de uma mulher que enfrenta o abandono e a desilusão, enquanto o segundo destaca a força e a dignidade do trabalhador anônimo, que desafia as forças naturais e sociais para sobreviver. Outro poema marcante, *De Mãos Dadas*, Drummond declara: “Não serei o poeta de um mundo caduco” (Andrade, 1945). Reafirma sua recusa ao conformismo e exalta a necessidade de caminhar junto aos oprimidos, reforçando a ideia de resistência e solidariedade.

Além de tais inspirações, a poesia de Antônio Wagner vai de encontro também com o que Collot (2018) enfatiza sobre o fazer poético que resiste, sobrevive e lembra. Ao mobilizar imagens de exílio, de morte simbólica e de esvaziamento do sentido, os poemas analisados configuram-se como práticas de memória e denúncia.

Crepúsculo de arame (2014) e *Os dias partidos* (2019) fazem da linguagem um espaço de abertura ao outro e ao mundo, não como superação do horror, mas como gesto radical de permanecer, de continuar dizendo, mesmo quando o futuro já não existe. Assim, sua poesia é um lugar de assombro, de silêncio, de nomear o impossível, e, por isso, um ato de resistência coletiva.

Tais características e outros elementos relevantes são o que se vê a seguir, na análise destes poemas, extraídos de *Lápis Lapso* (1998) e *Crepúsculo de arame* (2014).

Epifania

No alicerce do tempo
tuas mãos desenham
o silêncio que se abre
5 no imponderável do mundo.
Caminho até ti com a ânsia de um bardo
desprovido de esperas.
Nenhuma luz nos habita
na densidade da noite
10 que se projeta, tão pálida,
dentro de nós
A epifania da ruína e o gesto das mãos no tempo.
(Rocha, 2014, p. 39).

No poema acima, presente em *Crepúsculo de arame* (2014), Antônio Wagner enuncia: “No alicerce do tempo / tuas mãos desenham / o silêncio que se abre no imponderável do mundo” (Rocha, 1998, p. 39). Esse fragmento tensiona a relação entre tempo e linguagem de modo heideggeriano. Se, para Heidegger, a linguagem é a casa do ser, Antônio Wagner (2014) aqui dá forma a um gesto fundacional que se inscreve no “alicerce do tempo”, não como arquitetura fixa, mas como abertura: “O silêncio é o que insinua onde já não há garantias”.

A linguagem não afirma, mas se abre ao “imponderável do mundo”. Há, nesses versos, uma variação lírica que se afasta da crítica social direta e se aproxima de uma ontologia

melancólica. “Caminho até ti com a ânsia de um bardo desprovido de esperas.” O bardo, símbolo da tradição poética, aparece esvaziado de sua potência profética. Não há mais canção plena ou visão do porvir, mas apenas o gesto desprotegido de caminhar em direção ao outro, gesto que Celan descreveria como um “caminho de respiração”.

O poema, aqui, é resíduo de uma tradição ferida, não mais sustentada pela confiança na linguagem, mas sustentada apenas pela escuta. O poema traz, a seguir, uma ontologia negativa: “Nenhuma luz nos habita / na densidade da noite que se projeta, / tão pálida, dentro de nós.” Essa afirmação ecoa o *pathos* do *Claro Enigma*, de Carlos Drummond de Andrade, em que o poeta moderno caminha no interior da noite da linguagem. A “luz” que não nos habita revela uma condição de desamparo que se opõe frontalmente a qualquer utopia da palavra.

Em Collot (2018), essa ausência de luz pode ser interpretada como o esvaziamento simbólico do espaço, espaço que, no entanto, ainda guarda o traço do vivido. É neste hiato, entre o vivido e o não nomeado, que se inscreve a epifania poética de Rocha. O poema “Acabo de despir a minha angústia”, de *Lápis Lapso* (1998), articula-se como um monólogo interior devastado, onde o eu poético vive um desnudamento existencial radical. Desde o início, a imagem da angústia é tratada como um corpo a ser despido.

“Acabo de despir a minha angústia / acabo de morrer entre o lápis lazúli / e a pressa do mundo virar pó” (Rocha, 1998, p. 54). Nestes versos, referência ao “lápis-lazúli” introduz um elemento lapidar e metafísico: pedra preciosa, cor do céu profundo, mas aqui manchada pela “pressa do mundo virar pó”. O tom remete à “ironia metafísica” de Drummond e à “frieza” de João Cabral, mas com um lirismo mais dilacerado, próximo à negatividade de Celan. O mundo em Rocha é transitório, mas não redimido. A morte aqui é simbólica, cotidiana, contínua. A angústia, que Heidegger compreende como modo privilegiado de revelação do ser, aparece como força que não paralisa, mas desaloja: o sujeito arde, espreme, pisa orquídeas – uma poética do conflito com a beleza e a sensibilidade.

“a cada voz que ouço / a minha cálida frieza” (Rocha, 1998, p.54). Há nesse paradoxo uma ética do embate. A “voz” (do outro? da memória? da poesia?) Não consola: ela convoca à luta. Como nos versos de Celan (2021), em que a escuta é sempre interrogação: “Alguém / que vive / sob outra estrela / que escuta”.

O tom irônico e autoirônico do verso final – “esquecer debaixo dos meus sapatos / um chão repleto de orquídeas.” – sugere que a beleza é ignorada, pisada, esquecida – uma beleza excessiva, que já não sacia ou consola. O chão florido torna-se figura do passado inútil ou da poesia inócua, como nos “autores inúteis” de “e saímos todos campeando...” Aqui a resistência é silêncio indigesto, é frieza cálida – nova forma de sobrevivência poética.

A obra poética de Antônio Wagner (2019) inscreve-se numa tradição que, sem negar a ruína, a transforma em matéria do dizer. Sua linguagem é densamente atravessada pela negatividade histórica e ontológica, o que faz da poesia o que Collot (2018) define como “forma de resistência e memória coletiva”.

O sujeito poético Antônio Wagner jamais se apresenta como unidade: ele é fragmento, ferida, resíduo, mas é também gesto, traço, sopro. Seus poemas resistem ao apagamento; como em Carlos Drummond de Andrade, enredam-se no desencanto; como em Heidegger, apontam para o fundo abissal da linguagem como morada do ser. A poesia torna-se, em *Crepúsculo de arame* (2014) e *Os dias partidos* (2019), aquilo que resta quando tudo falha, o vestígio que insiste em falar, mesmo no silêncio das orquídeas esmagadas.

Crepúsculo de arame (2014) situa suas reflexões críticas a partir de uma sociedade marcada pela opressão, desigualdade social, mas também por esperança. Esses são aspectos que conduzem à reflexão dos tempos atuais. Embasado nas ideias de filósofos como Heidegger e sua poética do ser, escritores e poetas brasileiros, também fonte de inspiração, o autor traz consigo diversos outros princípios conceituais, como aqueles encontrados em Paul Celan, Carlos Drummond de Andrade e Jacques Derrida (Quadros; Camargo, 2020, p.16). Tais poetas, no ato de irmanar, oferecem a mão ao outro. A poesia contemporânea brasileira tem reiterado seu papel de linguagem de resistência e sobrevivência.

Em meio às transformações sociais e políticas brasileiras, marcadas pela desigualdade histórica, pela violência simbólica e material e pela desumanização crescente de corpos e vozes subalternizadas, o fazer poético reaparece como gesto contrário, discurso e abertura à escuta. É nesse contexto que se insere a obra de Antônio Wagner, poeta que tem construído uma linguagem em que se entrelaçam densidade existencial, crítica social e um lirismo atravessado pela esperança que resiste, mesmo quando a luz do mundo ausenta-se. Seus livros *Lápis Lapso* (1998), *Crepúsculo de arame* (2014) e *Os dias partidos* (2019) constituem um campo de investigação da linguagem como território da dor e da sobrevivência e revelam um olhar profundamente atento ao tempo presente.

Os principais aspectos identificados nesses poemas em que *Crepúsculo de arame* (2014) e *Os dias partidos* (2019) refletem sobre a poesia como resistência à opressão, à desigualdade social e à ausência de alteridade, revelam o jeito que a voz poética desenvolve tais ações, sem abdicar da possibilidade de uma linguagem de abertura, acolhimento e esperança. A abordagem teórica parte de pressupostos da hermenêutica ontológica, conforme desenvolvida por Heidegger, que entende a linguagem como a “casa do Ser”, e do pensamento de Derrida, com sua noção de escritura como rastro e diferença.

A estes aportes somam-se os diálogos poéticos com Paul Celan, cuja obra pensa a linguagem como sobrevivência após a catástrofe, e Carlos Drummond de Andrade, cuja poesia é marcada por uma tênue articulação entre ironia, desespero e ternura. Ao mesmo tempo, em que tematiza o sofrimento social, Rocha (2014) não se deixa capturar por um discurso unicamente lamurioso ou panfletário. Há, em sua obra, uma busca por uma “palavra justa”, aquela que possa ainda dizer o indizível do mundo e da dor, mas também o inaudito do devir e da promessa.

Em poemas presentes em *Lápis lapso* (1998), a exemplo de “e saímos todos campeando” e “Acabo de despir a minha angústia”, essa conjugação entre crítica e espera se evidencia. No primeiro, o “inferno de nuvens” é a imagem dos poetas anônimos e fardados, que mordem o ódio como quem é forçado a engolir um mundo injusto; no segundo, a dor é despida como uma veste, com a angústia e dialoga diretamente com o tempo que se desfaz em pressa e cansaço.

Por assim ser, entende-se que a escuta da poesia como gesto de resistência e forma de sobrevivência coletiva concretizam na obra do poeta aqui tematizado. Isso condiz com Collot (2006) ao afirmar que “a poesia, assim, torna-se uma forma de sobrevivência coletiva, um gesto de resistência e memória”. Ao tomar a palavra poética como forma de “palavramento” do mundo e de sua ruína, a obra *Crepúsculo de arame* (2014) e *Os dias partidos* (2019) não apenas denunciam, mas também reinscrevem o presente em um campo de forças poéticas e éticas que ainda permitem vislumbrar o outro a reconstituir a dignidade da linguagem.

Auxilia nesse entendimento esta afirmação de Collot: “A poesia, assim, torna-se uma forma de sobrevivência coletiva, um gesto de resistência e memória” (Collot, 2018, p. 45). Tal contribuição mostra-se uma das mais potentes concepções contemporâneas sobre o papel da linguagem poética. Nesse viés, mais restrita ao âmbito da expressão individual, a poesia é compreendida como uma prática partilhada, política e ontológica. Esse pensamento está inserido em uma tradição que reconhece a poesia como um campo em que a linguagem revela o ser do mundo e dos sujeitos e se inscreve, portanto, em uma ética da escuta e da rememoração.

Segundo Collot (2018), ao falar em sobrevivência coletiva, ele desloca a poesia de uma dimensão estética para a situar no terreno da comunidade. A poesia passa a ser compreendida como um gesto vital de sustento da existência humana diante da violência, do esquecimento e da destruição. Ele argumenta que a poesia moderna não visa apenas descrever o mundo, mas criar horizontes de sentido, em diálogo com a experiência encarnada dos sujeitos no espaço e no tempo.

Esse caráter coletivo emerge de uma linguagem que não se fecha em si, mas que se abre ao outro e ao mundo, constrói o que se poderia chamar de uma “ecologia da linguagem”. É neste sentido, que a poesia participa da luta por permanecer humano em contextos de desumanização, como as guerras, ditaduras, exclusões. A sobrevivência de que fala Collot não é apenas física, mas simbólica: sobreviver é continuar a falar, nomear e lembrar.

A resistência evocada por Collot deve ser entendida tanto no plano histórico quanto no plano existencial. A poesia resiste ao apagamento das vozes silenciadas, dos corpos marginalizados, das línguas em extinção. Ela é gesto que recusa a normatividade do discurso dominante, que se opõe ao ruído vazio da propaganda, da banalidade e da opressão.

A esse respeito, é impossível não remeter à crítica do poeta Theodor Adorno, que ao escrever a frase “[...] um poema após Auschwitz é um ato de barbárie” (Adorno, 1949), chama atenção para a crise da linguagem poética frente ao horror. No entanto, Adorno revisa posteriormente essa afirmação, quando reconhece que a poesia pode, sim, ser um lugar de resistência, desde que assuma sua impotência, seu silêncio, sua negatividade. Em Celan (2021), por exemplo, é perceptível que o poema resiste por meio do balbúcio, da elipse, da rasura: formas de dizer o indizível.

Portanto, a frase de Collot (2018) concentra uma visão da poesia como uma prática vital, insurgente e ético-política. Como forma de sobrevivência coletiva, a poesia permite que a comunidade humana continue a existir, mesmo diante do colapso. Como resistência, ela desestabiliza os discursos hegemônicos e cria espaços de escuta. Como memória, ela preserva os traços do tempo, do sofrimento e da alteridade, aproximando a poesia do campo do testemunho e da escuta radical. Em tempos marcados pela exclusão, pela violência simbólica e pela desinformação, pensar a poesia como gesto de resistência e memória é reconhecer seu papel fundamental na construção de uma linguagem que ainda nos salve – ou, ao menos, que mantenha a espécie humana, humana (Leite, 2008).

A memória em meio ao ato de resistir é outra dimensão apontada por Collot. A poesia é o lugar onde o tempo é retomado, reencenado, lembrado. Mas essa lembrança não é um mero retorno ao passado, e sim uma inscrição viva que transforma o presente. A memória poética é sempre performativa: ela reinscreve a experiência no corpo da linguagem e convoca o leitor a uma escuta ativa. Esse autor, ao destacar esse papel memorial da poesia, aproxima-se de uma concepção de escrita como arquivo vivo da dor e da esperança humanas. Assim, a poesia resguarda aquilo que a história oficial tenta apagar: vozes indígenas, negras, femininas, periféricas. Ela é o que resta quando tudo falta e por isso é sobrevivência.

De acordo com Lévinas (2010), a responsabilidade ética nasce do rosto do outro, que interpela e desinstala. A poesia, como forma de memória, é essa convocação: ela guarda o vestígio do outro, do que foi e do que ainda pulsa. A memória, nesse caso, não é nostálgica, mas ética, é o que impede que o passado seja apagado, é o que exige justiça.

3.2 Análise da resistência em *Os dias partidos*

Neste tópico, para discorrer acerca da resistência, especificamente em *Os dias partidos*, proceder-se-á a apresentação de alguns textos da referida obra, em cuja mensagem foi identificado o refletir sobre a resistência. A começar pelo poema “Protesto possível”.

No referido poema, o elemento explorado nos versos de Antônio Wagner é o tempo. Tal tema, caro à poesia, encontra-se muito bem ilustrado nesse texto, dedicado a João Roberto de Oliveira, amigo a quem o poeta muito considera.

PROTESTO POSSÍVEL

A João Roberto de Oliveira

Habitamos

As sombras de um país
onde os dias padecem com seus
homens esquecidos e sós,

5 Onde bárbaras palavras
dissipam nossas vozes taciturnas
e sedentas de espera

Absortos, caminhamos ao clamor
dos nossos sonhos democráticos.

10 Rostos apagados em estradas turvas.

Anulada a ética da vida,
Vemos morrer, a cada dia,

O esplendor do canto
E o porvir das manhãs pacíficas.

15 Somos golpeados pelas mãos nefastas
dos neoditadores, dos fascistas
deste tempo de opacas utopias,
autênticas opressões.

Mas, golpeados, resistimos.

20 E ouve-se, ao longe, ao longe
O eco das nossas lutas fatigadas,
Canções operárias.

Somos os pobres silenciados,

Os destituídos de terra,

25 Os lavradores sem face.

Somos as tantas minorias banidas.

Somos o povo ferido pelas armas insolentes

De um poder que impera

Sob a égide dos golpes,

Das conspirações tirânicas e cegas

(Rocha, 2019, p. 18).

Os versos acima exemplificam o cerne da literatura de testemunho, pois a voz poética mostra-se resistente ao contexto totalitário em que expressa seus versos. A paisagem descrita na primeira estrofe é sombria e põe em cena seres esquecidos que têm suas vozes dissipadas por palavras bárbaras, mas se mostram sedentos de esperança.

A voz poética nas literaturas de testemunho, como se vê em Celan (1948), no *Poema Sujo* de Ferreira Gullar e nos versos acima, é resiliente, mas não a resiliência inativa. O ser resiliente em períodos “partidos” pelas ações totalitárias envolve a resiliência ativa, que não se prende nas malhas do ativismo cego, mas age mediante a *práxis* da ação e reflexão.

A terceira e quarta estrofes enfatizam imagens e cenário dessa *práxis*, visto que o eu poético desabafa que apesar da situação caótica, ausência de ética, silenciamento e apagamento das canções operárias, o povo ferido não se cala ante às armas insolentes e as minorias banidas são os tantos que não só almejam esperança, mas se mantêm firmes contra o sistema opressor.

Ainda, em relação ao dizer poético como resistência e esperança, entende-se que a tentativa de Antônio Wagner de o expressar não é apenas ontológica, mas política. Para ele, na perspectiva heideggeriana, dizer o Ser é resistir à sua ocultação, sobretudo quando esta se dá por forças de dominação.

Ao discorrer sobre fazer literário em tempos trabalhosos, Adorno (1949) afirma: “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro” (Adorno, 1970), mas também reconhece que é talvez só pela poesia por que se possa lembrar e resistir. A poesia de Antônio Wagner é escrita a partir de uma sociedade ferida, logo sua poesia é também denúncia.

Em *Crepúsculo de Arame* (2014), encontram-se esses versos: “Há palavras que não passam / nos portões do mundo / e mesmo assim / insistem em nascer” (Rocha, 2014, p. 32). Essas palavras nascem da recusa do silêncio imposto. Dizer o Ser, aqui, é também dizer os silenciados. É dizer sem prender – a ética do poético.

Antônio Wagner é estudioso de literatura de testemunhos e, de acordo com Silva (2013, p. 09), cada um, ao seu modo, fez e faz a experiência de ser lançado no mundo e de estar aí no ser, ou seja, pelo sentido, eles questionam: “[...] se defrontam com uma terrível distância que os oprimem. No limite, ambos fazem a experiência de um saber que é um ‘não-saber’”. E é por “não saber” que, na maturidade de suas obras, descobrem que o núcleo assertivo do ser nunca se deixa apreender em sua nudez.

O ponto fundamental nas obras de Antônio Wagner é o sentido do ser, isto é, a busca desse sentido, não as ideias em relação ao homem, mas também às suas questões, do poeta que, segundo lembra Nassau (2002), convoca seu tempo, o da dispersão e da perda do concreto a fim de, a partir disso, olhar enquanto escreve, perceber que não se está livre dos resíduos de um

estilhaçamento do real e da ditadura que devasta as democracias da modernidade e se conscientizar de que se está imerso em um realismo poético diverso da agressividade panfletária (quase sempre inevitável em períodos de pressão).

Assim, a poesia vai “sangrando como um segredo”, diz a bela aliteração, porque o poeta é filho de uma ditadura que cuida, sobretudo, da paulatina eliminação do concreto. Tempo do homem-pêndulo. Vigora o super-regime que corrói as pessoas por dentro, mas as deixa expostas às ilusões de que, ao consumir cada vez mais ou camuflar-se às dores do presente, o mundo evolui e as sociedades avançam.

Tais atos de resistência são os que podem ser vistos nas palavras poéticas em “Contestação”.

CONTESTAÇÃO

A vida se esvai
Neste país de uma paz derradeira.
Ao céu indagamos
Por nossas aldeias queimadas.
5 É tempo de armas nas mãos e na alma.
Tempo de escuras palavras,
De assassinatos nas ruas, nos morros e nos campos.
Nas praças estão bradando
os homens revoltados.
10 Resistiremos a Bolsonaro
E a seus cegos soldados!
(Rocha, 2019, p. 32).

O poema acima traz o pensar poeticamente, o ser heideggeriano, a partir de uma linguagem atravessada pela história. A “paz derradeira” é o sintoma de uma época que renega a escuta, e o poema, ao abrir a clareira para o horror, permite que o ser fira, ilumine e convoque. *Os dias partidos* (2019), longe de se apresentar como um poeta tradicional, afirma-se como um pensador do tempo partido, e nesse tempo encontra, na palavra poética, um modo de resistência ontológica.

Quando se centra na obra *Os dias partidos* (2019), percebe-se que se trata de uma análise que não busca sistematizar o pensamento poético do autor, mas seguir seu gesto de escuta e desvelamento. O pensamento não se resume à formulação de conceitos, pois ele é, antes, um estar no mundo de forma interrogativa, um modo de habitar o silêncio. É um lirismo sóbrio, que sabe da sua impotência diante do horror, mas que insiste em escutar o que resta.

Em relação à forma que a poesia de Antônio Wagner permite entender que a modernidade, e com ela, a linguagem, está ferida, em *Os dias partidos* (2019) reconhece-se

essa ferida, não para supurá-la com discursos ideológicos, mas para nela inscrever uma poética da resistência silenciosa. Os traumas históricos da contemporaneidade, como a ditadura, a violência social, o desaparecimento das utopias, não são ignorados, mas aparecem filtrados por uma linguagem que se recusa à facilidade do *slogan*.

Nesse sentido, percorremos os principais eixos temáticos e formais de *Os dias partidos* (2019) e os articula com os conceitos heideggerianos de ser, ec-sistência, clareira (*Lichtung*), morada da linguagem e mundo, a fim de mostrar como Antônio Wagner atualiza poeticamente uma ontologia que não se arroga totalizante, mas experiencial fragmentária, aberta ao outro, inclusive ao outro que se cala, que sofre e que morre.

Em um contexto global marcado por profundas transformações sociais, crises ecológicas, existenciais, pensar o sujeito poético que não se fecha em si, mas que se abre ao outro e ao mundo, é também um gesto político e ético. O fora de si, nesse sentido, não é um extravio, mas uma forma de resistência e reconfiguração da sensibilidade. A poesia, assim concebida, pode oferecer não apenas beleza, mas também modos de habitar o mundo com mais escuta, atenção e cuidado.

Quadros e Camargo (2020, p.16) comentam a relação poesia/ fenômenos do meio social e entram no lirismo de forma naturalmente integrada pela sua própria natureza imaterial e também pela sua congruência homogênea com a problemática representada pela poética.

Destacam ainda, que, à luz da fenomenologia de Heidegger (2013), sua poesia traz reflexões sobre questões que diz respeito aos problemas, “que oscila[m] como balsa que ora se questiona devido ao entorno, ora se reafirma devido ao fazer poético, ainda que este esteja envolvido emocionalmente no conflito de valores que haviam sido desestabilizados pelo advento do referido período (Quadros; Camargo, 2020, p. 16).

O trecho acima conduz a refletir sobre o papel do fazer poético em confronto com os problemas oriundos do meio e isso ajuda a entender as contradições de um mundo obstruído nos versos de “Da existência”, em *Os dias partidos* (2019), que destacam as sombras mortíferas da repressão perpetuadas. Como é mencionado: “Entre literatura e mundo, em que os aspectos políticos insurgem como matéria da arte, a dor de existir vira poesia” (Quadros; Camargo, 2020, p. 23).

Para as autoras é possível perceber, em sua obra, uma filosofia da resistência, um retrato político e social do Brasil, ler as obras do autor é uma experiência estética, em harmonia com o ideologicamente ético, que, “revela o leitor da dor de si e da sociedade brasileira em tempo de repressão política”, *Crepúsculo de arame* (2014).

Em consonância a isso, a poesia de Antônio Wagner, tal como lida por Fernanda Bernardo (2019), manifesta-se como uma abertura do ser para o mundo, abertura essa que, conforme Heidegger (1959), funda-se na linguagem como o lugar originário do aparecer. Mas, diferentemente de uma linguagem puramente instrumental ou comunicativa, o que se revela no poema abaixo, “Lírica latente” é a palavra que vibra na escuta do ser, do tempo e do outro. Trata-se de um dizer que não se impõe, mas que se inscreve na escuta do ausente, na tentativa de acolher, pela palavra, os vestígios do mundo em ruínas.

LÍRICA LATENTE

Escrevo aos distantes
caminhos em que as sombras
adormecem.
Um eco desenha-se
5 no frêmito do mundo.
Antigos rostos desvanecendo-se
na claridade do horizonte.
Escrevo aos campos
crescidos de esperança,
10 aos rios que trazem as formas
fecundas da vida.
Escrevo aos sonhos dos animais
que se espreitam nos rumos
da paisagem.
15 Escrevo aos ossos e seu deserto.
A água densa que pairou
no chão das horas.
A voz do esquecimento.
O cego grito do tempo.
20 Escrevo ao Nada.
(Rocha, 2019, p. 27)

O poeta permite inferir que escreve “aos distantes caminhos”, isto é, não àquilo que se mostra de imediato ou que está ao alcance da presença, mas precisamente ao que se esconde, ao que adormece nas sombras. Esse gesto poético funda um espaço de resistência: a escrita volta-se àquilo que não responde diretamente, ao que se eclipsa e que, mesmo assim, convoca o poeta a escrever.

Tal gesto encontra ressonância em Paul Celan (2004), que compreende o poema como um “encaminhar-se para o outro”, mesmo quando esse outro permanece em silêncio ou já não está. A presença, aqui, não é plena nem assegurada, mas é tensionada pela latência, pela fragilidade do mundo que se revela nas imagens do poema.

Ao dizer “um eco desenha-se no frêmito do mundo”, *Os dias partidos* (2019) aponta para uma presença que não é substancial, mas reverberante, fugidia. A linguagem faz-se ressoar no mundo, não como domínio ou controle, mas como escuta de um tremor, o “frêmito”, que atravessa o tempo e o ser. Nesse sentido, a escrita poética torna-se um modo singular de habitar

a existência, um modo de ser que se oferece à escuta, ao eco, à sombra e ao desvanecimento dos rostos.

Há nesse trecho uma clara evocação da figura do poeta como corpo político e anônimo, uma coletividade insurgente que habita o “inferno de nuvens” da história, imagem que dialoga com o conceito de “poesia do exílio” presente em Celan. Esse autor, ao escrever após o Holocausto, fez do poema uma forma de luta contra o apagamento. Em *Os dias partidos* (2019), o exílio se dá na terra natal, entre “poetas fardados” e “um inseto lançando dardos”, imagens que condensam o delírio e a violência de uma realidade sem sentido, a própria “agonia da vida”.

A expressão “todos vinham de um futuro, onde não há futuro” opera poeticamente como um corte na linearidade temporal. Aqui se evidencia o pensamento de Heidegger sobre a existência: a poesia como linguagem originária, que abre o ser à experiência do tempo. O poeta não descreve o mundo, mas o funda na dor, pois “dentro de um olho havia um olho / donde Deus nos espiava triste” (Heidegger, 1987). Essa duplicação do olhar é, na esteira de Heidegger e Collot, o movimento de retorno da linguagem sobre si mesma, em busca do sentido perdido. “Deus”, o nome do totalmente outro, observa, sem agir, uma transcendência esvaziada, uma ausência plena.

A única ação possível parece ser a do poema: “e todos saímos (todos) agonizados com a vida”. A coletividade fragmentada reaparece ao fim do poema, agora sob a marca da agonia. A sobrevivência, nesse caso, não é redenção, mas permanência no meio do desamparo. É uma linguagem agonística, como em Celan e em Drummond, cujos poemas do *Claro Enigma* frequentemente assumem um tom de ceticismo e resistência silenciosa diante da história: “Os inocentes do Leblon não viram o navio chegar”. *Os dias partidos* (2019), como Drummond, denuncia o descompasso entre o cotidiano e o evento histórico, entre o sonho e a matéria. Mas sua poesia também se volta, como a de Celan, para o abismo da linguagem e explora os limites do dizível e funda o poema como sobrevivência do silêncio.

No poema “Assombros”, de *Crepúsculo de arame* (2014), o tom é mais introspectivo, mas igualmente marcado pela negatividade e pela delicadeza do contato com a perda. Os versos iniciais – “A hora é de olhar as libélulas / jorradadas no anseio do dia” – anunciam uma travessia sensível do tempo. As “libélulas” são figuras do efêmero e do instante: a poesia torna-se a escuta do que não permanece. A tensão entre luminosidade e fragmentação se mantém ao longo do poema: “Nada além do nome que violenta a pele das coisas, a espessura dos entes partidos.” Aqui, Antônio Wagner toca o cerne do pensamento de Heidegger: o nome como violência ontológica, pois ao nomear, o ser se mostra como ausência. A linguagem poética, no entanto, permite uma relação mais íntima com o ser: não representação, mas como manifestação.

Antônio Wagner constrói, com sua linguagem rarefeita e densa, uma morada precária – feita de ossos, estanho, silêncio e nomes partidos. O “Cântico que entenece os ossos” é o próprio poema, que busca ainda cantar, mesmo quando não há mais nada a dizer. A imagem da “árvore arrefecida” remete a uma natureza despotencializada, mas ainda capaz de guardar memória. A reconfiguração operada por Antônio Wagner é, ao mesmo tempo, uma denúncia e uma esperança. Ele nos mostra o entulho da linguagem, as sobras do mundo, mas também oferece o poema como escuta, um “cântico” que não é resposta, mas presença.

É neste sentido que é entendida aqui a poética da resistência em *Os dias partidos* (2019), no intuito de compreender os aspectos que contemplam a voz crítica da resistência nas obras desse autor como se vê em outro poema marcante da referida obra, em que Bernardo (2019) reflete a compreensão e entendimento do poema “Raiz Extrema”, segundo ela, como se fosse ou devesse ser, o alicerce, o justo alicerce, o mais justo dos alicerces para erguer, instituir e habitar o mundo: “o poema nasceu, e com ele a raiz extrema do mundo”(Rocha, 2019, p. 17).

“Estrias dos dias: uma poética da sobrevivência e da resistência” (Bernardo, 2019, p. 8). De acordo com a autora do verso acima, há um encontro tocante com a poesia: um encontro no qual começa por deparar não só com a singularidade do pensamento dos poemas de Antônio Wagner, mas também com a singularidade do seu encontro pessoal com sua poética. A leitura sensível que Bernardo (2019) realiza da poesia de Antônio Wagner, revela-se como uma chave para compreender o lugar da palavra poética na contemporaneidade, quando remete a lugar de escuta, de presença, de resistência e de recriação do mundo.

Tal poder da palavra, enquanto resistência, ocupa um modo singular de ser no mundo e presença que se constrói e se afirma em meio à desolação dos tempos atuais e convoca para o poético conviver com a vida e com os outros. Os versos abaixo de “Raiz extrema”, o segundo texto poético em *Os dias partidos* (2019), ilustra isso com total autenticidade.

Raiz Extrema

O poema nasceu
e com ele a raiz extrema do mundo.
Minhas mãos resvalam-se na fuga
ignota dos tempos.
5 Habito a linguagem que se prolonga
nas coisas, acossando os olhos dos animais.
Meu dia esconde nas casas
e na carne dos ossos, nos campos que se repartem
e no frêmito das horas. A ampulheta, o grito,
a tarde calcinada, circunscrevem-se no escopo
de cálidas palavras.
10 E em vão tento amparar, sozinho,
a mudez do instante.
Sou o homem que esculpiu na alma

a febre intacta das árvores.
 Nas ruas, enxergo a fome das noites,
 a existência que me confere o medo e a morte.
 A cada dia, percorro o caminho impossível
 dos sonhos.
 15 A cada dia, levanto-me com o mundo
 crispado nas mãos.
 (Rocha, 2019, p. 17).

No texto acima, são observados, de imediato, uma tensão e escassez trazida pelas guerras, a linguagem [Escutei os gritos...] e o tempo, Era noite [Era noite...], e os elementos que descrevem os versos. Importante observar com atenção o significado da palavra “raiz” e do adjetivo “extrema”.

“Raiz” sugere conexões com origem, ancestralidade, fundações, natureza, crescimento ou identidade, mas ao perceber, metaforicamente, a raiz pode representar o que está na base de questões, ou uma profunda ligação com o passado, com a terra. “Extrema”, sugere algo que é levado ao limite, extremo, radical. Adjetivo que pode indicar também uma situação ou condição limite, seja no sentido emocional, físico ou filosófico.

O título do poema evoca imagens de uma intensa ligação com algo fundamental ou uma busca para melhor entender quão radical e profundo pode-se avançar para compreender as origens, identidades ou sentimentos. Os blocos de imagens perceptíveis no poema “Raiz extrema” estão relacionados às imagens naturais, como, por exemplo, imagens relacionadas à natureza, como raízes de árvores, terra, pedras, crescimento, erosão.

Pode-se observar, também, que a “raiz” é descrita como algo que se aprofunda na terra em busca de sustentação, o que simboliza a busca por entendimento ou sentido. As conexões e os riscos podem ser observados a partir da ideia de extremo, que pode introduzir imagens de paisagens acidentadas, situações de risco, abismos, que dão a entender que essa “raiz” chega a um ponto perigoso ou desconhecido, ou mesmo ao que esteja na superfície ou na profundidade. Essas imagens alternam entre o que está visível (na superfície) e o que está oculto (no subsolo) e representam dualidades como o (in)consciente, o que é manifesto e o que é reprimido.

O vocabulário reflete a dualidade entre força e fragilidade, com palavras que remetem ao endurecimento, resistência, ruptura ou crescimento. Os termos fortes, marcantes relacionados à terra, à biologia, ou até mesmo ao desgaste podem aparecer. O poema explora a profundidade e o limite, o ritmo pode ser utilizado para dar a sensação de um movimento para baixo ou para dentro, ou seja, o interior.

As pausas e quebras de versos podem criar uma sensação de irregularidade e espelharem figuradamente o crescimento imprevisível das raízes e é possível observar as metáforas e

comparações, “a miséria invadiu o coração das ruas” [...], que destacam o papel da raiz como símbolo de algo essencial e primordial. A raiz pode ser vista ainda não apenas como um elemento físico, mas como uma ideia ou emoção que “alimenta” ou “sustenta” algo maior.

Quando se pensa na simbologia da raiz, remete-se ao fato que nos textos míticos e na Psicologia raízes costumam representar a ligação com o inconsciente ou com as partes mais profundas do ser, como, por exemplo, o mito da árvore do mundo (Yggdrasil na mitologia nórdica), que conecta o céu, a terra e o submundo.

A ideia de uma raiz extrema evoca o desafio de transcender limites impostos pela própria natureza ou pela sociedade. Ao comparar com as jornadas míticas em que os heróis enfrentam provações e ultrapassam barreiras. As conexões com a terra e a ancestralidade exploram temas de pertencimento, herança cultural ou legado. Raiz extrema seria uma busca por encontrar ou reafirmar um lugar no mundo. A superação de obstáculos ou confrontação com extremos da vida, como a morte, o amor profundo ou uma experiência intensa.

A raiz é usada como metáfora para a essência de alguém e o poema também explora, o que significa ir à “raiz” de um problema ou questão pessoal. A exploração dos blocos de imagens apresentados pelos poemas, linguagem e espaço simbólico ajuda a revelar camadas de significados que conectam a raiz à condição humana, à natureza e às experiências extremas.

“Raiz extrema” apresenta a profundidade e a potência da linguagem no humano enraizado no mundo. O eu, ao ressaltar que habita a linguagem que se prolonga, após resvalar as mãos na fuga ignota dos tempos, opera nas metáforas tensões centrais do pensamento de Heidegger. O verso, que habita a linguagem no poema, faz habitar o mundo, seja na experiência do tempo ignoto, seja no prolongamento da linguagem nas coisas.

O uso do verso livre deixa densas e complexas as metáforas, amplia a significação do estar na linguagem presente no poema. Uma densidade que permite que os dias se escondam “nas casas” e “na carne dos ossos”, o que apresenta no poeta uma construção metafórica importante. Não é a sombra que esconde a casa, mas o sol que se esconde nela, e nem são os ossos que sustentam a carne, mas sim, apresentam sua própria carne. A carnadura do osso, sempre firme, reparte os campos no frêmito das horas.

O tempo, em “Raiz extrema”, é pulsante. Está nas mãos, nas casas e no sol, na ampulheta, como se habitar a linguagem fosse também habitar seu tempo, suas coisas e fragmentos (o grito, a tarde calcinada, as cálidas palavras). Um habitar, a linguagem que deixa o eu mudo diante do silêncio, o que incorre na linguagem dos mortos. Heidegger, em *Ser e Tempo*, diz que ser humano é ser, porque fala e a fala é um intervalo do silêncio. A mudez é a ausência da possibilidade de fala, é um estado que só os mortos compartilham.

O eu no poema não silencia de forma comunicativa, emudece-se sozinho no instante, e se reconhece como homem que esculpiu em si a febre das árvores. Ser e natureza se fundem no espaço da linguagem habitada. Ora, se a humanidade é toda linguagem, então ela está em constante transmutação entre coisas e seres, em raízes e tempos. Por isso, é sempre possível levantar-se com o mundo.

A linguagem filosófica e introspectiva do poeta Antônio Wagner comunica suas verdades, cria conexões emocionais que transcendem o tempo e o espaço, onde é oferecido um rico campo de investigação sobre a relação entre filosofia e poesia; convida a repensar a linguagem como meio de expressar filosoficamente e traz à luz valiosos estudos a respeito da relação entre pensar e poetar.

O contexto histórico social em que nasceu o poema *Os dias partidos* (2019) favoreceu toda essa reflexão do resistir, do ressignificar e da resiliência diante de tempos e poderes opressores. O pensamento dos autores acima trazidos para essa reflexão e a imagem da “raiz” no poema recém-comentado, assim como as imagens dos textos poéticos anteriores reforçam o que a resistência significa na literatura de testemunho.

Acrescenta-se ainda que o poema é como ferramenta que aproxima aquele que lê de “seus outros”, que se coloca no lugar das vítimas, da situação em que o outro se encontra para entender suas angústias, sofrimentos, sem fazer juízo de valor ou manifestar preconceito. Tal visão envolve aceitar a cultura do outro com um olhar diversificado, coletivo e que traga para a sociedade a emancipação do pensamento, que conseqüentemente possibilite uma sociedade estruturada e com coesão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta reflexão poético-filosófica procurou trilhar um caminho de escuta e pensamento em torno da poesia de Antônio Wagner em seu livro *Os dias partidos* (2019), mas fazendo intertextualidade com algumas de suas obras anteriores, publicadas com nome autoral Wagner Rocha (2014), quando este discorrer encontrava semelhança de tema, cenário e linguagem. Ante à síntese das principais contribuições dos autores que norteiam este trabalho, à análise dos poemas que se mostraram foco desta discussão, somadas às contribuições da filosofia, entende-se que os objetivos propostos no projeto inicial foram alcançados.

Tal afirmação deve-se ao fato de que foi concretizada a análise tríplice: poesia, alteridade e resistência na obra do referido poeta. Ao longo do trabalho, foi possível identificar como a linguagem poética do autor configura-se como um campo de abertura à experiência do outro e, simultaneamente, como um lugar de insurgência crítica frente às condições históricas e políticas do presente. Trata-se de uma poética que não apenas interroga o eu, mas que, em sua tessitura ética e estética, convoca o leitor a compartilhar do peso e do silêncio de época marcada pela dispersão, ameaças, assombros, pelo sofrimento e pela urgência de uma escuta mais sensível do ser humano.

O percurso teórico-metodológico adotado revelou-se fundamental para compreender essa poesia enquanto linguagem e pensamento. O eixo estruturante da investigação partiu de uma concepção heideggeriana de poesia, não apenas como arte verbal, mas como forma originária de habitar o mundo. Tal filosofia explicita que o poema não se reduz à representação ou à ornamentação do pensamento conceitual. Antes, ele faz-se como desvelamento do ser. Neste sentido, a poesia de Antônio Wagner não pode ser dissociada do gesto ontológico, pois ela constrói-se como tentativa de dizer o indizível, de pensar o ser pela palavra que resiste à redução lógica e ao automatismo do discurso.

O diálogo com Emmanuel Lévinas foi igualmente decisivo para compreender o modo como a alteridade e resistência comparecem nos poemas analisados. A partir da obra *Entre nós: ensaios sobre a alteridade* (2010), foi possível compreender a ética do encontro com o outro como uma dimensão fundante do existir. Para Lévinas, o rosto do outro rompe qualquer totalidade e convoca à responsabilidade. Na poesia de Antônio Wagner, tal interpelação apresenta-se não apenas tematicamente, mas também formalmente, na própria estrutura rítmica, nos silêncios e na fragmentação que compõem o livro *Os dias partidos* (2019). O sujeito poético ali não se impõe, mas se oferece, vulnerável às vozes e dores alheias e constrói, assim, uma forma de resistência ética que é, ao mesmo tempo, política e estética.

Ao longo dos capítulos, foi possível demonstrar como o eu poético não se constrói de forma individualizante, mas como figura relacional. A angústia expressa nos poemas não é introspectiva no sentido de fechamento, mas sim uma abertura dilacerada para o outro. Esse sujeito poético é um escutador do mundo, alguém que, mesmo em meio aos escombros da linguagem e da história, tenta resgatar sentidos possíveis. A alteridade, aqui, não é apenas tematizada, mas experimentada na própria forma do dizer, no cuidado com a palavra e no reconhecimento da falibilidade de toda tentativa de nomeação do real.

O poeta, portanto, posiciona-se não como mestre da linguagem, mas como alguém atravessado por ela. Essa postura é análoga à que Heidegger atribui ao pensador poeta, ou seja, não é aquele que domina, mas aquele que se deixa tocar pelo acontecimento do ser. A poesia torna-se, nesse horizonte, um lugar de escuta e de hospitalidade, no qual o outro não é incorporado ao mesmo, mas mantido em sua diferença irreduzível. Essa concepção mostra-se profundamente sintonizada com a ética levinasiana, para a qual a responsabilidade pelo outro antecede qualquer projeto ou representação.

Outro aspecto relevante da pesquisa foi o exame das dimensões históricas e sociais que atravessam a obra poética de Antônio Wagner. Longe de qualquer escapismo, o autor inscreve em seus poemas uma crítica contundente às condições de desigualdade, silenciamento e violência que marcam o Brasil contemporâneo. Contudo, essa crítica não se dá em tom panfletário ou denunciante, mas sim por meio de um lirismo que acolhe a dor sem a estetizar, que denuncia, sem pregar. A resistência, nesse contexto, aparece como forma de escuta, escuta do sofrimento social, da precariedade da vida, dos destroços deixados por um tempo partido. Essa escuta, por sua vez, só se realiza plenamente quando se reconhece a alteridade como ponto de partida para qualquer entendimento do mundo.

Por essa razão, a poesia analisada aqui revela-se como forma de saber e de intervenção. Ela pensa o mundo enquanto se inscreve nele, não como discurso fechado ou autossuficiente, mas como abertura ao múltiplo, ao ambíguo, ao porvir. Essa perspectiva nos permitiu também repensar a relação entre poesia e filosofia. Longe de oposições rígidas, a dissertação buscou mostrar como ambas podem compartilhar a busca por sentido e por formas de resistência à banalização da linguagem. Em *Os dias partidos* (2019), a poesia não se contenta em retratar a realidade, mas ela a questiona, a fere e a reconfigura. Esse gesto é, ao mesmo tempo, poético e filosófico.

No poema aqui estudado, o tempo não é apenas um tema, mas uma forma. A poética de Antônio Wagner é construída em torno da experiência do tempo como ruptura, como memória, como silêncio e como espera. Nela, o tempo não é simplesmente vivido, mas interpretado,

sentido em sua densidade e dor. Através da intersecção com autores como Heidegger, Gadamer, Borges e Augusto dos Anjos, é possível perceber como a poesia de Antônio Wagner elabora uma temporalidade ética e estética que resiste ao esquecimento e se abre à alteridade. O tempo partido é também o tempo do outro-aquele que, mesmo silenciado, persiste como presença.

Como desdobramento desta investigação, possibilita-se afirmar que a poesia de Wagner representa uma contribuição significativa para o pensamento contemporâneo, não apenas por seu valor estético, mas também por sua capacidade de tensionar o discurso vigente, de convocar a responsabilidade, de compromisso da transformação social, e de oferecer uma linguagem outra, capaz de sustentar a escuta e a presença do outro. A poesia, nesse sentido, se configura como lugar de resistência ética e ontológica: ela insiste em dizer quando tudo parece interditado, ela resiste à indiferença quando o mundo parece surdo ao sofrimento alheio.

Por fim, é necessário reconhecer que esta pesquisa não se propôs a esgotar o universo poético de Antônio Wagner, tampouco a oferecer uma leitura definitiva de *Os dias partidos* (2019). Antes, ela procurou abrir caminhos de escuta e de interpretação, ao enfatizar os vínculos entre poesia, filosofia, alteridade e resistência. Em tempos marcados pelo fechamento identitário, pelo empobrecimento da linguagem e pela violência simbólica e concreta, a poesia aqui estudada ergue-se como um espaço de cuidado e de reconexão com aquilo que permanece esquecido ou excluído. Ler essa poesia, nesse contexto, é um gesto de resistência. Pensá-la é um exercício de responsabilidade, e escrevê-la, como faz Antônio Wagner, é um ato de coragem, ética e estética.

Assim, as reflexões aqui desenvolvidas não encerram, mas prolongam o movimento da própria poesia em um movimento inacabado de dizer, escutar e responder ao outro. Ao final desta dissertação, o que se impõe não é a certeza, mas a abertura. Não a conclusão, mas o convite à continuidade da escuta, da escuta poética, filosófica e humana.

“A linguagem é talvez a morada do ser. Na sua morada habita o homem”
Martin Heidegger, *Carta sobre o humanismo* (1995, p. 113).

REFERÊNCIAS

- ABRÃO, B. S. Heidegger e o sentido do ser. *In*: ABRÃO, B. S. **História da Filosofia**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ANDRADE, C. D. de. **Antologia Poética**. Organizada pelo autor. 1ª edição. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- DOS ANJOS, Augusto. **Eu**. 1. ed. [S. l.]: Coleção Prestígio, 1912.
- BARCELOS CORRÊA, D. **A matéria do nada**: potências, flutuações e experiências no nada poético de Carlos Drummond de Andrade. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.
- BARTHES, R. **Aula**. Tradução de Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2009.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- BERNARDO, F. Estrias dos dias: uma po-ética da sobre-vivência e da resistência. *In*:
- BAUDRILLARD, J. **A Arte da Desaparição**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BERNARDO, F. “**Estrias dos dias**: uma po-ética da sobre-vivência e da resistência” (prefácio). 2019, Coimbra.
- BENOIT, D. **Literatura e engajamento**: de Pascal a Sartre. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru: EDUSP, 2002.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.
- CASTRO, H. **A Ideologia da Obra Literária**. Rio de Janeiro: Presença, 1983.
- CANDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. 5.ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 164p
- CANDIDO, A. **Na sala de aula**: cadernos de análise literária. 8.ed. São Paulo: Ática, 2017.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CARNEIRO, A. **Emmanuel Lévinas**: Introdução à Filosofia da Alteridade. On-line: Netmundi.org: Arte, cultura e Filosofia. 2014. Disponível em: <https://www.netmundi.org/filosofia/2014/levinas-filosofia-da-alteridade/>. Acesso em: 12 out. 2021.
- CÍCERO, A. **Poesia e filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- COLLOT, M. O outro no mesmo. **Revista ALEA** - Estudos Neolatinos. Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Faculdade de Letras – RJ: UFRJ, vol. 8, jan./jun., 2006, p.28. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/alea>. Acesso em: 22 out./ 2021.
- COLLOT, M. **A Matéria-Emoção**. Tradução Patrícia Souza Silva-ed- Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.
- COLLOT, M. **Poética e filosofia da paisagem**. Organização da tradução: Ida Alves, Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013, 204 páginas.
- CARVALHO, J. M. Martin Heidegger e Antônio Wagner: uma poética do ser? **Revista Poiesis**, v. 16, n. 1. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/poiesis/issue/view/8>. Acesso em: 22 out. 2021.
- CELAN, Paul (1920-1970) Selected Poems.
- CELAN, Paul: Prática e espaço da poesia contemporânea, *In*: Revista Letras(48:1), 2008, p. 145-155)
- DALCASTAGNÉ, R. (Org.) **Ver e imaginar o outro**: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.
- DERRIDA, J. “Let us not forget, Psychoanalysis”. *In*: DERRIDA, J. *et al.* **Psychoanalysis and literature**. New Work, Oxford: N. Royle and Ann Wordsworth, 1972.
- EAGLETON, T. **Como ler um poema**. Traducción: Mario Jurado. Madrid: Ediciones Akal, 2010.

- ELIOT, T.S. “A função social da poesia”. In: **A essência da poesia**. Trad. Maria Luíza Nogueira. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**: da metade do século XIX a meados do século XX. Trad. Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.
- GOMES, R. W. G. de M. A questão do nada em Heidegger e Sartre. *Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia*. v. 2 n. 04, 2010. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4380>. Acesso em: 04 out. 2024.
- GULLAR, F. **Poema Sujo**. 8.ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- HAUSER, A. **História social da Literatura e da Arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Volumes I e II Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- HEIDEGGER, M. A origem da obra de arte. In: **Caminhos de floresta**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2002.
- LEITE, K. K. O. **Cristiane Sobral**: uma voz de resistência na poesia contemporânea. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Montes Claros Montes Claros - PPGL. Montes Claros, 2021. Disponível em: <http://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2022/05/CRISTIANE-SOBRAL-UMA-VOZ-DE-RESISTENCIA-NA-POESIA-CONTEMPORANEA-Karen.pdf>. Acesso em 22 ago. 2022.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 9.ed: São Paulo, Atlas, 2022.
- MELO NETO, J. C. de. **Pedra do sono, 1942; O engenheiro, 1945, O Cão sem plumas, 1950, Agreste, 1985, Morte e Vida Severina, 1985, e outros poemas para vozes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MORAES, M. A. **A poesia lancinante de um crepúsculo de arame**. Resenha do livro *Crepúsculo de arame*, de Wagner Rocha. 2016. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/>. Acesso em: 12 out. 2021.
- MORAES, M. A. **Resenha do livro, Crepúsculo de arame**. 2016, Montes Claros. Disponível em: www.marcioadrianomoraes.com. Acesso em: 12 out./ 2021.
- MOISÉS, C. F. **Poesia para quê?** A função social da poesia e do poeta. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- NUNES, B. **Hermenêutica e poesia**: o pensamento poético. Maria José Campos (Org.). 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 181p.
- NUNES, B. **Passagem para o poético**: filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Editora Ática, 1986b.
- PEDROSA, C. **Poesia contemporânea**: voz, imagem, materialidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- PESSOA, F. **Antologia de Estética**: Teoria e Crítica Literária. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.
- POUND, E. **ABC da literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 220p.
- PSIU POÉTICO. Disponível em: <http://psiupoetico.com.br/?pg=1&tag=Sobre>; Acesso em: 20 dez. 2024.
- QUADROS, A. C. de; CAMARGO, M. N. Poética e filosofia da resistência em duas obras de Antônio Wagner Rocha. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 222, mai./jun. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/53578>. Acesso em: 10 out. 2021.

ROCHA, A. W. V. A Caminho de Heidegger. Editorial. **Poiesis**: Revista de Filosofia, v. 16, n. 1. 2018.

ROCHA, W. **Crepúsculo de arame**. Montes Claros: Orobó Edições, 2014.

ROCHA, W. **Lápis lapso**. Montes Claros: Editora do autor, 1998.

ROCHA, W. “Poemas nômades”: *In: Poesia sempre*, n. 35, ano 17/2010. Rio de Janeiro: Ministério da cultura/Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

ROCHA, W. **Poesia e pós –metafísica em Heidegger**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

ZANON, A. O princípio da alteridade de Lévinas como fundamento para a responsabilidade ética. **Perseitas**, 8. 2020. pp. 75-103. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7429954.pdf>. Acesso em 22 set. 2021.

WAGNER, A. **Os dias partidos**. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019

WILLIAMS, R. **A Política e as Letras**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

WILLIAMS, R. **A Produção Social da Escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O POETA ANTÔNIO WAGNER VELOSO ROCHA

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO POETA, ANTÔNIO WAGNER VELOSO ROCHA, CONCEDIDA NO DIA 20 DE MAIO DE 2025

1) Poeta, como você descreveria, como um todo, sua obra poética?

Poeta Antônio Wagner: *a minha obra, é fruto das minhas inquietações, é feita de linguagem. Ela surge do desconforto, da vida passível de dúvidas, nada é definível. Há caminhos possíveis que perpassam por um horizonte, onde não temos certeza de nada. É uma poesia que se faz pensamento, podemos dizer, uma poesia pensante, impulsionada. É uma filosofia que se quer pensamento, permeados por uma vontade de dizer, me expressar. Fazer poesia, não é uma tarefa fácil. A poesia que procuro fazer, tem a ver com perspectivas, a partir do cotidiano humano, de uma aguçada consciência crítica, que procura dialogar com nosso tempo contemporâneo, uma poesia política, que tem uma linguagem social, ontológica.*

2) Poeta, a poesia te escolheu, ou você escolheu a poesia?

Antônio Wagner: *quando comecei a me interessar por literatura, pela poesia, ainda era um adolescente, mas, já me interessava pelas questões poéticas, por exemplo, observar a vida, os espaços, as pessoas, os acontecimentos, os lugares, e, procurar sempre dizer as coisas de outra maneira, utilizando da linguagem ordinária, porque a poesia, nada mais é do que me deixar seduzir pela palavra, usando outra linguagem. A poesia é uma linguagem outra, outra forma de dizer as coisas. E, isso, já era uma forma de me despertar, me seduzir para linguagem. O cotidiano comum das pessoas, a poesia nos convoca, uma convocação do poético. Comecei a me despertar pela palavra, pela linguagem, assim, fui percebendo esta questão.*

3) Qual o seu percurso poético?

-O que o provoca?

-O que o motiva?

-Quando você começou a escrever?

-Como se tornou um poeta?

-Todo mundo é poeta até quantos anos?

Antônio Wagner: *quando falamos na formação do poeta, é importante falar da formação do leitor, um leitor contumaz, que é fundamental para impulsionar a escrita. Desde muito cedo,*

tive contato com muitas obras, poetas brasileiros(as) e autores estrangeiros, poetas modernistas, que buscava ler e compreender, e, que foi me alimentando e aumentando ainda mais minha inclinação pela escrita. A poesia destes poetas me despertava ainda mais. Já lia Cecília Meirelles, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Vitor Jara, muitos autores de outras nacionalidades, muitas descobertas, como por exemplo, tive contato com Arthur Rimbaud, Dostoievsky, Pablo Neruda (poeta chileno), ainda muito jovem, já tinha contato com Octávio Paz (poeta e ensaísta mexicano), Martin Heidegger, poetas com grande compromisso de transformação social.

Tudo o que lia, fomentava ainda mais, o desejo de escrever, pois eram muitas descobertas, de muita valia e importância, enfim, era um mundo literário que se abria no meu processo e formação de escritor-filósofo-poeta, em fase de construção.

Nasci em Coração de Jesus, e aos 13 anos, me mudei para Montes Claros, para aqui continuar meus estudos. Chegando aqui, lia os jornais locais, e, o meu interesse maior, e que mais me chamavam atenção, eram os anexos literários que para mim, eram motivo de inspiração, daí, minha formação literária e potencializando ainda mais, meu desejo de escrever, associada às minhas reflexões acerca dos homens. E, até hoje guardo as coisas que escrevia ainda adolescente, aos 13, 14 anos, com muito carinho, com características próprias da imaturidade daquele momento que escrevia inicialmente. Meus versos tinham outras características, e via na palavra muita riqueza, e uma vontade, uma sede, de expressão.

Tudo isso foi o começo, a origem das coisas que me motivaram a escrever, e essas motivações, me levaram a não parar mais de escrever meus poemas.

João Carlos Queiroz, jornalista, tinha uma coluna no Diário de Montes Claros, onde ele publicou o meu primeiro poema. Continuei publicando, poesia e prosa outras crônicas. Não tinha pretensão de me sentir um poeta, ou escritor, mas, era uma necessidade existencial, proveniente de tentar dialogar com a minha existência, da vida, das coisas, degladiar com a nossa existência. Minha trajetória, é composta de vários elementos. Me despertei, escrevia crônicas, tinha contato com outros poetas, outras poesias, outras leituras, daí, a oportunidade de participar do Psiu Poético (Festival de arte contemporânea), que era chamado inicialmente de Salão Nacional de poesia. Conheci poetas consagrados como Adélia Prado, Carlos Nejar, e outros que passaram por aqui, abriram-se as perspectivas literárias, era um exercício de linguagem literária, que só contribuíram para ajudar a construir minha poética, um espaço que encontrei para o lançamento do meu segundo livro de poemas, **Crepúsculo de arame** (2014).

Na escola, tive muitas influências, fui muito incentivado pela professora de educação básica, professora Maristela Martins, Ilza Oliva Campos, organizaram um trabalho, com declamação dos meus poemas, trabalho belíssimo, em especial para mim, maravilhoso, que foi alimentando ainda mais, minha poesia, a minha poética, com esses incentivos, valorizando minha poesia, os colegas apresentando, e sempre lendo muito, pesquisando. Ingressei para faculdade no curso de Filosofia, e depois Letras.

Então, Publiquei **Lápis lapso** em 1998, estava com 26 anos, repercutiu muito, alguns artistas publicaram artigos, textos sobre o livro, ali então, foi minha primeira obra publicada. Continuei escrevendo, mas, minha autocrítica falou mais alto, assim, dei um tempo, me resguardei um período, mas não parava de produzir meus poemas, demorei a voltar a publicar outro livro.

Somente em 2014, alguns anos depois, publiquei meu segundo livro de poemas, **Crepúsculo de arame** (2014), foi um grande momento, foi indicado para o vestibular do Instituto Federal, da terceira etapa do PAES, Unimontes-MG, dei palestras, tive contato com os estudantes. Este livro tem uma característica muito peculiar, tem muitos diálogos com a filosofia, diálogos com aspectos hermenêuticos, interpretação das questões que envolvem a vida, a realidade. tem uma característica particular.

Lancei o terceiro livro, **Os dias partidos** (2019), hoje sendo trabalhado como objeto de pesquisa pela professora e mestranda Wyara Monteiro Lima, que tem uma temática mais política, social, levando em consideração o período que vivenciamos, um período atípico do Brasil, de atrocidades, muitos assombros, muitas ameaças fascistas, desrespeito às diferenças.

Neste livro, **Os dias partidos** (2019) está acentuado também a questão da alteridade, a partir dos poemas, na pesquisa de Wyara, sobre alteridade e resistência, do olhar que se volta para o outro, o olhar que se volta para a diferença, da prática da tolerância, da igualdade, da fraternidade, poesia que perpassa por uma consciência crítica e social marcante, e de grande relevância.

E Simultaneamente, trabalhando como professor. Estou na Unimontes como professor, já há 24 anos, então, fiz a pesquisa de mestrado em 2005, voltada para as relações de poesia e filosofia, a partir do pensamento do filósofo alemão, Martin Heidegger.

Posteriormente publiquei a pesquisa, e tornou-se livro, **Poesia e Pós metafísica em Heidegger**. Depois, em seguida, no doutorado, me deparei com um grande poeta, Paul Celan, sobrevivente do holocausto, do processo interpretativo hermenêutico, poesia densa, hermética, muito difícil compreensão, e a partir dos conceitos heideggerianos, assim, originou minha tese de doutorado. Assim, todas essas questões, foram me ajudando a compreender tudo que busco,

e reforçar o que penso muito, e que esses poetas não são gratuitos, a poesia tem um grande compromisso com a vida, o ser humano, não é meramente espiritual, ou uma questão lúdica, é muito mais profunda, é uma forma de linguagem, que nos permite muito adentrar, ter uma relação com a formação da consciência crítica revolucionária, a poesia é mais antiga que a filosofia, tento buscar com a poesia, esta relação com a formação da consciência crítica e revolucionária.

Se pegarmos grandes poetas que a humanidade já produziu, como Pablo Neruda, Jorge Luiz Borges, Vitor Jara, e outros poetas mais, vamos perceber como esses poetas tiveram em suas vidas, um grande compromisso com a transformação social.

4) Em que medida a poesia, você considera como um espaço eficaz de expressão?

Antônio Wagner: *a poesia é sempre uma linguagem outra, uma linguagem que toca o íntimo das pessoas. Uma linguagem que nos torna cada vez mais sensíveis à própria vida. A poesia, tem uma linguagem, um aspecto essencial, fundamental, muito importante, porque, ela sempre vai se configurar como um discurso outro. Por exemplo, na sociedade, encontramos um discurso autoritário, uma linguagem autoritária, que assusta a humanidade, as pessoas, a linguagem do poder, do autoritarismo, que advém dos poderosos, das ditaduras, uma linguagem que vem das concepções cada vez mais ditadoras da vida. Então, aí de repente, quando surge a linguagem poética, ela vai totalmente em desconforto com tudo isso, é uma linguagem da resistência, que resiste a tudo isso. O poeta está sempre no campo da resistência, a linguagem poética é resistência por excelência, ela resiste a aceitar esse poder pelo poder, ela rejeitou as ditaduras, o autoritarismo. A linguagem poética de todos os tempos, sempre rejeitou essa linguagem dominadora, racista, nazista fascista, de segregação, de exclusão, e confrontou essa linguagem dominante.*

Os poetas autênticos, verdadeiros, sempre procuraram produzir uma linguagem contrária a tudo isso. A poesia é uma linguagem libertadora, então sua forma de expressão, é quando empregada com essa finalidade, linguagem da poesia de transgressão, de rompimento com discurso de dominação, ele quer questionar, inquirir, então a linguagem passa por esse processo. O poeta não aceita fácil, ela é transgressão por excelência.

Os poetas latino americanos, por exemplo, eles produziram um discurso, uma poesia, que resiste à ditadura, uma poesia de resistência. Um ponto importante, não consigo conceber a linguagem, sem dissociar do seu aspecto político, no mais puro sentido do termo.

5) O artista não está pensando no leitor.

-Você pensa no leitor quando escreve?

- O leitor é importante para você?

Antônio Wagner: *bem, sim, o leitor é importante para quem escreve, porque, quem escreve, escreve para alguém. Me faz lembrar um belíssimo texto de Sartre chamado O que é literatura? E, que tem dentre os seus capítulos desse ensaio, esse questionamento: Para quem escrever? Então, o leitor é importante, se preocupar com o leitor, por quem o lê. Para quem escrever. O leitor vai ter suas próprias interpretações, e vai contribuir e ter a obra mais compreendida.*

Mas, no momento da criação, um ato pessoal, quando estou escrevendo, não penso no leitor. É um ato solitário, pessoal, momento que me encontro comigo mesmo, usando expressões, o ritmo, então, neste momento de solidão da escrita, não cabe ninguém, a não ser suas ideias. Nesse momento, o leitor não entra. Mas, após sua obra ser escrita, publicada, lida, aí sim, entra a parte do leitor, suas interpretações, sua importância, porque o próprio leitor nos auxilia com sugestões. Humberto Eco na obra aberta, ele fala da importância do leitor, na construção da obra.

6) Você espera ser lido daqui a cem anos?

Antônio Wagner: *nunca pensei nessa possibilidade, talvez por não ter muita pretensão com o que escrevo. Escrevo para me compreender, para o momento, para o meu tempo, compreender os outros, a sociedade, o processo da vida, tanto a vida do ponto de vista dos seres humanos, como dos animais não humanos, que a minha poesia comparece muito, os animais não humanos, as plantas, a natureza, enfim, tudo faz parte de um mesmo processo de vida. Então, não alimento essa vontade futura, essa perspectiva de ser lido daqui a cem anos, claro, que bom que eu seja, seria ótimo, que eu pudesse ser lido por alguém, ser estudado, compreendido, que minha poesia possa suscitar em mais pessoas de outros tempos, a uma reflexão, isso seria uma consequência do que eu escrevo agora, que está por vir. Por exemplo, quando escrevi **Os dias partidos** (2019), não imaginei, nem esperava, que depois de algum tempo, meu livro seria objeto de pesquisa da professora Wyara, e agora depois de algum tempo, esse livro é um tema de sua pesquisa acadêmica de mestrado no PPGL-Unimontes-MG, como quando escrevi o livro **Crepúsculo de arame** (2014), não imaginei que seria indicado para exames vestibulares. Escrevo de uma maneira despretensiosa.*

7) Por que o título *Os dias partidos* (2019)?

Antônio Wagner: dar título à livros, considero não ser uma tarefa das mais fáceis. O título implica você tentar sintetizar, abarcar praticamente o conteúdo de toda obra. O título *Os dias partidos* (2019), é exatamente em função do que já está no interior do livro. Livro escrito durante início de ameaças fascistas do Brasil, crise política que o Brasil vem enfrentando, naquele momento que foi publicado, no primeiro ano de um governo fascista no poder. Muitos poemas que trazem a resistência, de cunho político, poemas que envolvem a alteridade.

A professora Portuguesa, Fernando Bernardo, que escreve o prefácio, já menciona a urgência e emergência da necessidade do livro *Os dias partidos* ser um confronto com essas ideias fascistas que rumam para um momento perigoso no país. Ao pensar em dias partidos, pensamos no que vivemos, momentos de muitas feridas, dias contemporâneos que correm, muitas dificuldades. Golpes que tentam dilapidar as conquistas da democracia do nosso país. Processo de ditadura muito grave e muito séria. Então o livro tenta traduzir um pouco desse momento de tensão, que traz o apagamento do outro, do trabalhador, do negro, da mulher. Querer calar as vozes do índio, do homossexual. O fascismo que quer silenciar as pessoas, uma prática de dominações, uma questão que gera opressões, que cala vozes.

Uma linguagem empregada, que procura se libertar, ir ao encontro do outro, daí a alteridade. Por isso *Os dias partidos* (2019), são dias assombrados, dias partidos. Já representa esses dias ameaçados, assombrados, com a possibilidade de lapidação, de libertação humana.

Lembrando que, Drummond com a *Rosa do povo*, lembra de um tempo marcado pela II guerra mundial, onde Drummond diz: esse é o tempo de homens partidos, de tempos partidos. Poder falar de novo do momento de um tempo partido, daí *Os dias partidos*.

8) Você vai a outras obras para pensar o título de seus livros?

Antônio Wagner: não. Cada título é cada título. Não vou em outras obras. Vou à própria obra para dar título ao livro. O conteúdo do livro *Os dias partidos* (2019), já sinalizou o título que ilustrava todo o seu contexto.

9) A sua poesia é majoritariamente em versos brancos? Por que o verso livre e branco?

Antônio Wagner: *é uma forma contemporânea de expressão. Lembrar que o próprio modernismo já teria abolido essa métrica e simetria na poesia, poema de forma fixa. É uma forma contemporânea de expressão poética. Mas lembrando que mesmo não tendo rimas, os versos têm uma sonoridade, uma musicalidade, pelo menos os que tento produzir. Quando se tem a liberdade criadora de expressão, tem-se aí os versos livres e os versos brancos neste sentido.*

10) Como você pensa o ritmo sonoro de seus poemas?

Antônio Wagner: *essa pergunta me fez lembrar do filósofo Nietzsche, que disse: “A poesia está mais próxima da música do que a literatura”. Essa musicalidade, sonoridade no poema, é fundamental, muito importante, você sentir o ritmo do poema, como ele coloca. Até mesmo, em função, por ela ser sonoridade por excelência.*

11) Como você constrói suas metáforas?

Antônio Wagner: *o próprio Ferreira Gullar já disse: poesia é espanto, é susto, é o inusitado. Uma metáfora poética, ela nos inquieta, nos move, nos faz, até mesmo assustar. Então, ao construir uma metáfora, há o lado da reflexão, do pensamento, no ato da criação, mas, há também um lado intuitivo. Ao construir uma metáfora, lembrando Heidegger quando ele diz, na experiência com a linguagem, o poeta se deixa arrastar pela linguagem, ou seja, não é ele que domina a linguagem, e sim, ele é dominado pela linguagem. Então quando escrevo uma metáfora, aquela metáfora resultou em um efeito muito significativo, lembrando o músico norte americano John Cage, ele fala que pintar não a coisa, mas o efeito que ela produz. A metáfora é o efeito, aquele resultado espantoso, assustador, que chega até nós, o espanto. Quando percebo que aquela metáfora atingiu o que eu queria, é isso aí, atingi o que eu queria. Quando escrevo um verso, por exemplo, assim: a noite que pensa em começar, nascida de uma lua, isso é uma metáfora, e aí, gerou o efeito necessário, para que ela se caracterize enquanto uma metáfora.*

Interessante lembrar o que João Cabral de Melo Neto disse em uma entrevista, que, quanto mais tentamos explicar demais a poesia, acabamos banalizando aquela inspiração única, é difícil explicar Porque a poesia é o próprio evento, o acontecimento, portanto a metáfora, é o acontecimento.

12) Como você pensou a ordem dos poemas em *Os dias partidos* (2019)? Foi aleatório ou proposital?

Antônio Wagner: *ao elaborar, construir o livro, depois dos poemas prontos, na verdade não pensei na ordem, não tive preocupação em organizá-los na sequência, ou alguma proximidade de um poema e outro. Foram elaborados de forma aleatória.*

ANEXOS

PROTESTO POSSÍVEL

A João Roberto de Oliveira

Habitamos

As sombras de um país

Onde os dias padecem com seus

Homens esquecidos e sós,

5 Onde bárbaras palavras

Dissipam nossas vozes taciturnas

E sedentas de esperança.

Absortos, caminhamos ao clamor

Dos nossos sonhos democráticos.

10 Rostos apagados em estradas turvas.

Anulada a ética da vida,

Emos morrer, a cada dia,

O esplendor do canto

E o porvir das manhãs pacíficas.

15 Somos golpeados pelas mãos nefastas

Dos neoditadores, dos fascistas

Deste tempo de opacas utopias,

Autênticas opressões.

20 Mas, golpeados, resistimos.

E ouve-se, ao longe,

O eco das nossas lutas fatigadas,

Canções operárias.

Somos os pobres silenciados,

25 Os destituídos de terra,

Os lavradores sem face.

Somos as tantas minorias banidas.

Somos o povo ferido pelas armas insolentes

De um poder que impera

30 Sob a égide dos golpes,

Das conspirações tirânicas e cegas.

(Rocha, 2019, p. 18).

IMPRECISO ESCRITO

As horas que se movem
 No ar arfante do tempo
 As casas desoladas
 Na miragem da ausência
 5 Palavras que se revoltam
 No coração obstinado do mundo
 O dia que pausa
 No campo de centeio
 Sóis absolutos,
 10 Orgânicas paisagens
 A vida extrema
 Como uma luz ferida
 O canto enviesado
 No porvir da liberdade
 (Rocha, 2019, p. 20).

TEU ROSTO

Estou a desenhar no sonho
 A distância do teu rosto, tua voz na penumbra
 Que me visita nos silêncios intervalados
 Das manhãs,
 5 Tua imagem cálida que me persegue enquanto
 miro uma lembrança firme e errante
 Nas sombras encontro-me com a tua íntima verdade;
 a solidão que entra pela porta da casa
 e se esconde na escuridão dos insólitos armários.
 10 Começo a compreender o árido caminho
 mas perto das palavras que te afastam
 da vértebra do tempo.
 Tu eras para mim como a Beatriz

15 De Dante Alighieri, como uma musa grega
 que escalou os montes
 E despertou as áureas das cidades.
 (Rocha, 2019, p. 21).

DESCRIÇÃO DO INSTANTE

A morte persegue o cume dos dias.
 As palavras ecoam buscando as distâncias.
 O que me desperta para estes vestígios
 que observo, calado, é o murmúrio
 5 do vento que se ergue na espessura
 das árvores pálida e antigas.
 O mundo enredado na escuridão da vida,
 no caminho taciturno
 onde brotam as borboletas infindas
 10 e o ar esmagado das pobres manhãs,
 ó pátria ensandecida!
 (Rocha, 2019, p. 22).

O ESBOÇO DA SOMBRA

A José Maria Carvalho

O rumor do Nada,
 o aberto da pedra,
 o anjo dissipado na subjetividade
 dos relógios mudos.
 5 E ainda o nome da noite a pairar
 no solo incauto dos abismos, nas árvores crescidas
 das manhãs famintas.
 O tempo solapando a vida
 como uma lâmina oblíqua
 10 a cortar a pele da terra, os girassóis que se estendem
 na fuga dos jardins, as palavras torturadas

de torpor e sombra.
 O sono e o sonho, a sede de espanto
 impregnada no rosto da aurora,
 15 o sol dissecando as plantas pálidas no ocaso,
 o canto a alargar o instante
 dentro de um dia possível,
 suas formas remotas, seu olhar derradeiro e só.
 E ainda o vestígio agudo de uma indignância,
 o gesto silencioso das orquídeas densas e antigas
 20 o sintoma de um espectro a assombrar
 os pássaros e as ilhas.
 (Rocha, 2019, p. 23).

AUSÊNCIAS

Na sede do dia,
 a água que não há
 na memória dos rios
 desvanecidos.
 5 Algum sonho que se
 desfaz
 no rosto apagado
 da tarde.
 Alguma espécie de luz
 10 buscando a densidade
 da terra
 Encontro um mundo
 guardado na alma
 inapagável do tempo.
 15 E um país padece
 desprovido de estrelas.
 (Rocha, 2019, p. 24).

A HORA INQUIETA

Querem destruir o pensamento,
 vigiar as palavras,
 Silenciar a voz das praças.
 Querem oprimir a dialética
 5 dos homens, açoiar suas
 ideias libertárias,
 expulsar da vida
 a consciência crítica
 e abjurar Marx e Jesus
 10 mestres imprescindíveis da História.
 (Rocha, 2019, p. 25).

PROPAGAÇÃO

Os ossos que falam,
 precária linguagem
 onde estamos,
 uma voz que vem
 5 do insólito mundo.
 Chegaremos aonde a vida
 se esconde
 nos prados,
 aonde o sol se abriu
 10 para acolher as manhãs,
 aonde o poeta
 entoou o seu canto de febre.
 Permaneceremos na Palavra
 a propagar a retórica do escuro
 15 ante a luz
 que morre no agora.
 (Rocha, 2019, p. 26).

LÍRICA LATENTE

Escrevo aos distantes

caminhos em que a sombras
adormecem.

Um eco desenha-se

5 No frêmito do mundo.

Antigos rostos desvanecendo-se
na claridade do horizonte.

Escrevo aos campos

crescidos de esperança,

10 aos rios que trazem as formas
fecundas da vida.

Escrevo aos sonhos dos animais

que se espreitam nos rumos

da paisagem.

15 Escrevo aos sonhos dos animais

Que se espreitam nos rumos

da paisagem.

Escrevo aos ossos e seu deserto.

A água densa que pairou

20 no chão das horas.

A voz do esquecimento.

O cego grito do tempo.

Escrevo ao Nada.

(Rocha, 2019, p. 27).

VAGA LUZ

O olhar ignóbil do claro escuro,

um canto que nos faz bárbaros

e humanos.

Esquecido, o mundo não chega

5 aos pântanos, sua sombra sequer

existe nas estranhas manhãs

adormecidas.

A vida que se dilui na aridez

dos sonhos tornados trevas,

10 a sensação de estar voltando
ao pó dos dias.

Absortas paisagens.

A poesia que não veio decantar
a noite e sua estrela ferida.

15 O deserto e o degredo.

No espelho ainda um rosto

Esmaecido, uma vaga luz

a tornar eterno o finito.

(Rocha, 2019, p. 28).

GRITO LANCINANTE

Existir senão para adentrar

Na paisagem densa

da vida,

atravessar desertos

5 e tristezas,

tecer no escuro

a dimensão

da luz.

Existir senão para doar

10 O pão de cada dia,

O sopro da palavra

que se torna

vestígio de humanidade,

o grito

15 lancinante

de libertação.

(Rocha, 2019, p. 29).

DESINTEGRAÇÃO

O nome é anterior/à vida.
(Orides Fontela)

Ouvirei teu nome no silêncio das pedras.
Adormecerei na noite sagrada
onde uma luz solapou a canção dos dias.
Onde se desenham os passos oblíquos da tua sombra esparsa
5 outra vez foi tempo:
o sal e o ser.
Caminharemos rumo ao descampado
cuja paisagem apagou-se
10 No rosto das trevas. Tu que esqueceste a chama
noturna da poesia,
tu que atentastes para o grito retido
no escuro das horas.
E eu que não fui pássaro, mas ergui minhas asas
15 no porvir das nuvens.
Ouvirei teu nome tantas vezes repetido
no coração das árvores. Palavras que nos golpeiam
com seus rastros de sonho e espasmo.
O mundo enredado nas mãos do ocaso. E nenhum
20 homem a se dissipar na ferida do instante.
Nenhuma voz a singrar no assombro do pensamento.
Nenhum ruído senão o poema
que se desintegra na luz. E na luz renasce
como o sol de uma sombra.
(Rocha, 2019, p. 30).

ÚLTIMA IMANÊNCIA

Em teus dias,
moram as sombras,
a palavra
oblíqua,
5 o tecer das tuas tristezas comezinhas.
Em teus dias,
a extrema canção do mundo,
o existir da luz

no torpor do tempo,
 10 a vida
 dissipando
 a angústia e a esperança.
 (Rocha, 2019, p. 31).

CONTESTAÇÃO

A vida se esvai
 neste país de uma paz derradeira.
 Ao céu indagamos
 por nossas aldeias queimadas.
 5 É tempo de armas nas mãos e na alma.
 Tempo de escuras palavras,
 de assassinatos nas ruas, nos morros e nos campos.
 Nas praças estão bradando
 os homens revoltados.
 10 Resistiremos a Bolsonaro
 e a seus cegos soldados!
 (Rocha, 2019, p. 32).

CANTIGA INFINITA

Busquei teu rosto no revés da noite,
 Teu rosto que me aprazia guardar
 em meus olhos cansados
 e em meu coração sem luz.
 5 Clamei por ti, Amada, dentro e fora do tempo,
 Concebendo-a como uma sombra infeliz.
 Visitei tua longínqua história.
 Fiz do poema teu abrigo
 E quis morrer à espera da tua odisseia.
 10 Parti para onde o teu destino
 estava transfigurado de estrelas
 e as nuvens que queríamos alcançar

com as mãos e os pés.
Aprendi a cantar com o som da tua estrada
15 por onde sobrevoavam os pássaros
e as palavras derradeiras.
Tu eras uma miragem
a atormentar as retinas do dia.
E eu, um vago desenho dissipado
20 no meio do sonho.
(Rocha, 2019, p. 33).

TOADA

Acendeu-se o dia e com ele os ossos
de uma manhã.
Desejo de conhecer as almas
por trás das enciclopédias,
5 o destino que há em suas
silenciosas melancolias.
Alguns nomes ainda nos restam
por gritar, sabendo-nos
mudos nesta hora
10 feita de punhal e sombra.
Difícil carregar o mundo
nos ombros esmaecidos.
(Rocha, 2019, p. 34).

REMINISCÊNCIA

Na memória uma rua
De Coração de Jesus
o céu beijando a torre sagrada
meu rosto-menino
5 sumindo na paisagem do tempo
a alma esmaecida
dentro de um livro
as horas apagando-se

como palavras a lápis
 10 a província onde gravitavam
 os anjos de Rilke e as estrelas de Villa-Lobos
 os pássaros de Manoel de Barros
 a flor a voz a luz a utopia
 (Rocha, 2019, p. 35).

CIDADE NULA

A tarde devolve-me ao mundo.
 Há homens fatigados
 no espasmo do dia.
 Ao sol se elevam as mãos operárias.
 5 Nas praças mendigas,
 Perambula minha sombra finita.
 As árvores descansam
 à margem do poema.
 O sonho que dorme no medo das ruas.
 10 A fome do justo
 Na raiz da história.
 A todo lado, um rumor fascista,
 Um silêncio imposto,
 a negação da filosofia
 (Rocha, 2019, p. 36).

DISTOPIA

Nada esperas
 A história é uma velha cantiga
 a furtar o teu sono
 e o teu pão.
 5 Nas ruas cansadas
 cultivas o esplendor das sombras,
 o olhar cálido da tarde.
 Os homens partem

com os seus ombros sumidos

10 na imensidão.

Nada esperas.

E o teu dia se esvai

na revolta das coisas.

Nada de novo sob o sol

15 desta pátria

desolada e triste.

Nada esperas.

(Rocha, 2019, p. 37).

MONÓLOGO DO LAVRADOR

No chão trabalho

Com os meus tristes ossos

Sol aberto nos prados

Com a alma arfante

5 Conduzo o arado

Sou operário da terra

E da terra brotam

Meus sonhos cálidos

Os espasmos das árvores

10 Repousam em meus dias

Cansados (Rocha, 2019, p.38)

OFÍCIO

Escrever

ainda que não haja noite

e as palavras

em escuridão

5 Escrever

Mesmo que nossas mãos

apanhem a mudez

Do mundo

E a transformem

10 em canto
Escrever
para não morrer
(Rocha, 2019, p. 39).

A MODO DE UM TRIBUTO

Em ti ergue
a voz do orvalho,
o nascer da noite
nos campos
5 enternecidos.
Ergue a palavra antiga
como a lua nova,
o mundo cindido
no ventre
10 da terra.
Em ti ergue
o sentido da vida
a esperar o porvir
do tempo.
15 Ergue a canção
feito luz
no caule das heras.
Em ti as manhãs
renascem,
20 e o amor funde-se
no corpo etéreo da alma.
(Rocha, 2019, p. 40).

O DIREITO À LUZ

Ó filósofo,
conheces as fomes do mundo
as masmorras
onde morrem

5 as moscas
 conheces a existência
 do exôdo e do exílio
 as máscaras
 em que os homens se escondem
 10 conheces o dia dissipado
 a vida frágil nos parques
 o desamparo
 num tempo de crueldade
 (Rocha, 2019, p. 41).

ANÚNCIO

Para Marli Fróes e Aroldo Pereira

Como um sopro engendrado
 na sombra
 e o sol que nasce
 no arado,
 5 como a voz mutilada dos homens,
 os espelhos desesperados,
 as casas nuas,
 alcançaremos o alicerce
 inveterado
 10 da poesia.
 (Rocha, 2019, p. 42).

PARTILHA

A José França Neto

A vida há de ser bela,
 tristes irmãos.
 Desenterrai vossos sonhos
 do fundo da terra
 5 espessa.
 Entoai o canto
 da lida cotidiana.

Um país de todos
há de amanhecer
10 nas ruas proletárias
Não temei a voz onipotente
dos caudilhos.
Não desesperai diante
das trombetas surdas.
15 Escutai o grito retumbante
de Luiz Inácio, um prisioneiro
da justiça injusta.
A cada sol, lutai contra os tiranos.
Este tempo cego
20 Há de ser luz.
Vossos olhos, irmãos, ainda
verão florescer a pátria
necessária.
(Rocha, 2019, p.43)

OS CAMPOS ORNADOS DE NADA

*Nessas paragens desoladas, onde/
O silêncio campeia soberano
(Augusto dos Anjos)*

Os campos ornados de Nada,
a brancura do dia
que nasce no assombro
O tempo diante de indivisíveis auroras,
5 a mudez do mundo.
Assim nos transpomos, absortos,
para úmidas linguagens,
líquidas dissonâncias.
Um cântico a ecoar de dentro das horas
15 e da fuga dos relógios que falam.
Luz na transparência, pasto a habitar
girafas mitológicas, orquídeas sem memória,

silêncios imponderáveis, sombras abandonadas.
 Adentramos a pálida paisagem
 20 onde uma nuvem escuta
 nossos gritos dissipados.
 Escrevemos na sede a palavra água.
 Um pensamento repousa nas ruas cansadas.
 Árvores abrigam signos, vertigens.
 25 Obscuros arabescos a dissecar
 a essência do pátio desguarnecido.
 A noite futura a sorver a saliva do orvalho.
 Morte refletida no árido espelho o mundo.
 As guerras a ofuscar os jardins e as venezianas.
 30 Ossos que se estalam
 como insolúveis murmúrios.
 A planície onde um pássaro esqueceu suas asas.
 (Rocha, 2019, p.44)

SOBRE A GUERRA

A guerra é triste.
 Caminhei distâncias
 Buscando encontrar
 A paz dos pântanos.
 5 Testemunhei, sozinho,
 A morte fria
 do mundo.
 Recusei cindir a palavra
 em meio aos brados do tempo.
 10 Nas cabanas estão dormindo
 Os homens esmaecidos.
 Nas ruas, seu sonho exangue.
 A guerra é triste.
 Nenhum sol a aquecer
 15 os caminhos feridos.

Nenhuma luz a habitar
o coração da Síria.
(Rocha, 2019, p. 45).

NIILISMO

Como os outonos que descem
nas sombras,
atravessamos os dias
na luz ausente
5 das coisas.
(Rocha, 2019, p. 46).

CLAMOR

Com as mãos singradas,
apanho o grito da terra,
apalpo a fome
dos prados.
5 No tempo se desfaz
a sombra do meu dia.
Sol e lágrima encontram-se
em meio ao Nada.
Tento à exaustão diluir a febre
10 das manhãs, tocar a parte
infindável do mundo.
Ando com a tristeza de uma nação.
De longe, o silêncio contempla
o clamor dos morros.
15 Mas a vida ecoa na voz insepulta
de Marielle Franco.
(Rocha, 2019, p.47)

DESATINO

Guardo nos olhos

a paisagem rasa do dia,
o incerto caminho
das coisas
5 Hei de sofrer quando
a manhã se apagar
dentro do sonho.
Hei de partir para onde
o tempo termina.
10 Nada levo nas mãos
a não ser este destino ferido.
Nada sei dos rumos do mundo,
mas estou entre o escuro
e um coração que oscila.
(Rocha, 2019, p. 48).

ALGUMA SÍNTESE

Nos dias escuros,
conheço a tua fome,
o pão que soçobra
nas longínquas terras,
5 a água que reluta
distante da tua sede.
O que ainda se desvela
senão um poema difuso
no qual a realidade
10 se mistura ao teu semblante
de sonho,
no qual a vida segue,
pavorosa,
neste país apagado,
15 meu indelével camarada?
(Rocha, 2019, p. 49).

LEMBRANÇA DE MALALA

Um tiro atravessou
a alma de Malala Yousafzai.
Malala fala em meio aos atos
hediondos do Talibã.
5 Sua infância destruída,
mas o coração inteiro.
Malala resiste à morte
e entra para a História.
(Rocha, 2019, p. 50).

PENSAMENTO

O pensamento ecoa na noite ébria.
Ao longe os sinos acordam a aurora.
Trago nas mãos o livro que lerei
Sob espessas lamparinas.
5 Sombras que se deitam no solo do tempo.
Anjos que habitam escuras montanhas.
Como um ser cansado, desisto de abrigar
Em meu peito esplêndidas borboletas.
Estou só como um profeta errante
10 Às margens de um rio indizível.
Estou a esmo como um pássaro sem bússola e sem sol.
(Rocha, 2019, p. 51).

PAISAGENS

*Sou o único espectador desta rua;
/se a deixasse de ver, ela morreria.
(Jorge Luís Borges)*

São estas as palavras que se despem
no vão da manhã. Estes os escombros
onde, incólume, o dia renascerá.
Estes, os nomes dissipados na triste
5 música das horas. As coisas
que tangem ferindo a voz insolúvel do mundo.

São estas as entranhas de onde brotam
 as nuvens e os caminhos partidos.
 Estas, as muralhas e as pálidas orquídeas.
 10 [A terra fecunda onde paira o sonho
 da existência. Um rio que transborda
 Na sede inefável do poema.]
 São estes os cavalos aéreos que se irrompem,
 absortos, no sono das papoulas
 15 Aqui vagueiam lânguidos insetos,
 sombras de serpentes, vozes violentadas.
 E esta luz que cega os arabescos.
 Este pátio que abriga os espectros da infância.
 São estas as casas abstratas, as árvores amanhecidas.
 20 Estes, os espelhos trincados dentro do instante.
 (Rocha, 2019, p. 52).

ESTIVESSE O DIA

Estivesse o dia olhando insosso
 As miragens do mundo: os cavalos cegos,
 As figuras toscas, o limiar do sol
 Nas paredes castas, a melancolia
 5 das borboletas putrefatas,
 uma girafa densa na tarde surrealista.
 (Rocha, 2019, p. 53).

A AMPULHETA

A ampulheta
 mensurando os relógios invisíveis
 em que nascem a aurora
 e o desenho da morte
 5 o silêncio impregnado de espessos
 girassóis
 demasiado esboço da terra sequiosa
 em que nos dissipamos

(Rocha, 2019, p.54)

DA EXISTÊNCIA

Extrair da existência
 o denso fio da tua incompletude,
 o sussurrar de tuas palavras
 escuras,
 5 a respiração de tuas horas extremas,
 e partir para onde
 tua nudez se revela
 como a vertiginosa sinfonia
 de um mundo
 10 obstruído.
 Juntar teus ossos
 que soçobram no chão, melancólico
 de um descampado
 e reter tua pungente sombra
 15 que transcende a vida.
 (Rocha, 2019, p. 54).

A VIDA

A vida é uma estrada única
 desde Homero a Paulo Freire,
 desde Moisés a Antônio Conselheiro.
 A vida é o alcance e a espera,
 5 o amor decantado
 desde Ovídio aos poemas de Georgino Júnior.
 A vida é uma estrada única
 desde a Torre de Babel às Torres Gêmeas,
 desde Pôncio Pilatos aos indiferentes
 10 nesta hora de inquietude no Brasil.
 A vida é uma estrada única
 desde as contendidas gregas
 às guerras contemporâneas,

desde Zeus a Deus.

15 A vida é uma estrada única.

(Rocha, 2019, p. 56).

PEQUENA PRECE

Senhor, em Tuas mãos entrego o espírito

de luta, s meus dias cansados de carpir

a vida, o meu grito feito de palavras mudas.

Em tuas mãos entrego minha canção ferida,

5 Fonte em que me vejo com meu rosto pobre,

minha estranha angústia, meu olhar perdido.

Senhor, em Tuas mãos entrego minha sede de

justiça, este rio que corre em meu sonho agora

em busca de outras margens; e o murmúrio

10 de um poeta triste nesta madrugada.

Senhor, em Tuas mãos meu medo de morrer

calado, minha esperança pouca, meu coração

errante, minhas decepções. Em Tuas mãos,

a história de um homem humilde que segue a sua

15 estrada: sua camisa rota, seu chapéu de palha,

seu mundo guardado no embornal da alma.

(Rocha, 2019, p. 57).

METÁFORA

Tu vinhas de um lugar

Em que o tempo triste não havia.

Não havia o canto

angustiante das horas

5 nem o espasmo das manhãs

douradas.

Tu vinhas de um país

em que o céu descia

e abraçava as águas.

10 Um país em que a vida comum

era a metáfora da democracia.

(Rocha, 2019, p. 58).

MIRAGENS DO MUNDO

Ao adentrar-me nas sombras do dia

A incapacidade de me saber inteiro.

Largos silêncios que se esvaecem

Nas miragens do mundo,

5 canto de pássaros a soçobrar no chão.

Minhas palavras todas a nomear um a pungente estrela

mesmo se a noite não existe

e com ela o ser desintegrado, uma pedra que se deita

ante a impossível escuridão

10 e o grito absoluto.

(Rocha, 2019, p. 59).

ELO

Eu existo

Porque tu existes,

E no meu coração habita

A tua sombra,

5 Inalcançável luz surgida!

Para onde fostes

Com teu olha vago

Pelos campos,

Com tua pequena cantiga?

10 Eu existo

Porque tu existes, e tuas palavras ecoam

Anoitecidas

No cume das manhãs.

(Rocha, 2019, p. 60).

PAZ

Meu filho,
 quando você vier talvez será primavera
 e andaremos juntos nas manhãs
 apreciando as flores e os pássaros místicos
 5 a pousar nas árvores e nas almas.
 Quando você vier os rios serão nossos
 e nossos os campos de trigo e de sonhos,
 os ventos bucólicos soprando
 os caminhos da terra.

10 Meu filho,
 quando você vier abraçaremos
 as primaveras do mundo
 e cantaremos juntos a canção
 dos homens destemidos e amados.
 15 Contemplaremos os jardins
 Com os nossos olhos patêmicos e humanos.
 Quando você vier talvez será primavera
 e o sol brando e pleno.
 Brincaremos descalços na areia úmida
 20 com os insetos e as borboletas
 intensas de alegria.

Meu filho,
 Quando você vier talvez a paz socialista crescerá
 Nas roças e nas cidades, e crescida habitará
 25 Os corações de todos os povos.
 Mas antes, recitaremos juntos, pai e filho,
 A oração indelével dos tempos,
 O manifesto contra a violência e o fascismo.
 (Rocha, 2019, p. 61).

PALAVRAMENTO

Palavras abandonam

obscuras gramáticas.
 O horizonte na escrita do sol.
 Paisagens oníricas guardando o pouso
 5 das águias em espasmos
 e modos de solidão.
 Outra vez a vida esvaecendo-se
 no rosto da tarde.
 Poemas de areia existindo no parque.
 10 Sapatos pisando farpas
 de esperança.
 Ó louca linguagem,
 ó fúria do instante!
 (Rocha, 2019, p. 62).

TEMPO TURVO

Adiarei todas as promessas
 Para o século passado.
 Escreverei uma epopeia
 Sem cavalos e heróis falidos de esperança.
 5 Caminharei pelo bairro
 Trajando o fraque do mais trágico poeta.
 Os relógios da alma enguiçados
 entre tempo e espasmo,
 velocidade e loucura
 10 ásperas linguagens traduzindo
 uma inglória pobreza.
 Solto os cães para espanto dos generais.
 (Rocha, 2019, p. 63).

MESMO CHÃO

No mundo me encontro

Ao revés do dia e das luas apagadas.

Não sei onde ecoar
a linguagem destruída.

5 A vida é o meu dizer.

A vida, mesmo que arranhada

De obscuras metáforas.

Estou onde a tarde dissolveu

O sol e os sonhos,

10 onde um grito enterneceu

as pedras.

(Rocha, 2019, p. 64).

TRANSPARÊNCIAS

É preciso pensar as luas alcançadas,

O instante de partir as sobras,

O rumor do grito deixado

Na poesia do poema;

5 Os dias, os livros, os maquinários

que suspendem a vida,

os homens e suas existências nulas.

(Rocha, 2019, p. 65).

LUME

Alguma palavra na torrente cega do mundo.

Alguma luz perdida, desterritorializada,

Enquanto a vida se estende aos pântanos.

Algum esplêndido caminho

5 que se abre aos pássaros e às pedras

e ao pensamento incansável dos homens.

(Rocha, 2019, p. 66).

O AGORA

Este agora em que se vê
 destruída a poesia,
 as flores tristes nas praças,
 índios exterminados
 5 nas aldeias feridas.

Este agora em que o fascismo
 é um dogma na mente insana do poder,
 em que os pássaros se calam
 na Amazônia,
 10 onde a ausência de vida
 espalha as suas cinzas.

Este agora de escolas vigiadas,
 universidades arrefecidas,
 a arte sob ameaça.

15 Este agora em que é proibido viver.
 (Rocha, 2019, p. 67).

CAMINHO ANTIGO

Estamos a caminhar em meio às sombras.
 O tempo foge entre ignotas paisagens.
 Somos o grito que prefigurou o fogo e o Nada.
 Somos o pensamento que se apagou
 5 No lastro de uma precária história.
 O mundo não está onde sofremos.
 Na imanência buscamos
 Deus e na imanência O encontramos.
 Somos a chama e a fadiga.
 10 Na aurora nos exilamos.
 Morremos a cada hora,
 Mesmo que haja vida movendo o sonho.
 Estamos a caminhar e a lua é velha.
 A noite deitada em nós.
 15 No chão lutamos.

Dos nossos rostos fogem o mundo e a memória.
 Dilacerados o amor e o poema,
 o amanhã nada dirá da nossa estranha fome.
 O que existe, a política e o medo,
 20 a dor dos homens no esculpir dos dias,
 a linguagem da morte
 no canto insólito
 das aldeias pobres.
 (Rocha, 2019, p. 68).

DESAMPARO

Entregue aos tempos sem rumos,
 um país exila-se
 ante os golpes, as armas a implodir
 os dias,
 5 o terror que dilacera as cidades
 - a vida
 Irrealizável.
 (Rocha, 2019, p. 69).

CANTO NECESSÁRIO

A paz há de alcançar
 A opacidade do tempo.
 Soldados trabalham à espera das guerras.
 Nas cortes vociferam os ditadores.
 5 Nos mercados as frutas apodrecem
 Antes das manhãs.
 O sol aquece o corpo efêmero das flores,
 E a vida dissolve-se
 nas sombras.
 10 As palavras adormecem
 no escuro das retóricas.
 Pensar a pátria

E nela nos libertarmos.

(Rocha, 2019, p. 70).

FREI TITO

*Irei onde o ódio não tem teto para repousar. / Ali,
erguerei uma tenda junto aos bosques.*
(Frei Tito de Alencar Lima)

Quando nasci o governo era Médici

o mais hostil entre os hostis

da ditadura militar no Brasil.

Naquele período Frei Tito

5 foi preso, torturado e banido do país.

Não suportou os traumas e suicidou-se

Durante refúgio num convento de L'Arbresle.

Era 1974, ano do início de Geisel no poder.

Frei Tito tinha 28 anos e o coração

10 transbordante de cristianismo e poesia.

Contra o ódio

combateu o fascismo,

a violação da vida

e incomodou os generais

15 fez jus à cruz.

E agora, nestes tempos áridos,

precisamos da rebeldia de Frei Tito,

precisamos de freis titos.

(Rocha, 2019, p. 71).